



# CRÔNICAS DE UMA TERRA CARNAVALESCA

CHRISTIAN DE OLIVEIRA



EDITORA  
**Cia do eBook**

# Table of Contents

[Capa](#)

[Espelho](#)

[Créditos](#)

[Editora](#)

[Sumário](#)

[Epígrafe](#)

[Prefácio](#)

[Apresentação](#)

[Crônica 1 - MODELO CEARENSE DE EXTINÇÃO MIDIÁTICA DO CARNAVAL](#)

[Crônica 2 - A CRIMEIA NO MEIO DA GUERRA MORNA](#)

[Crônica 3 - CIVILIZAÇÃO DA INFANTA JUVENTUDE](#)

[Crônica 4 - AMOR X FELICIDADE: GAME OVER](#)

[Crônica 5 - SOMOS FILHOS DO ESCAMBO, DA QUERMESSE E DO COMÉRCIO](#)

[Crônica 6 - RACISMO, RACIALIZAÇÃO E COTAS... COR E DOR DE MINHA PELE DIZEM O QUÊ?](#)

[Crônica 7 - DE MARAVILHOSA A MAFIOSA, ESTE RIO DE JANEIRO SITIADO!](#)

[Crônica 8 - SABEDORIA DAS PRAÇAS](#)

[Crônica 9 - VIOLÊNCIA DE GÊNERO OU DE GENERALIZAÇÃO?](#)

[Crônica 10 - INFÂNCIA ILUMINADA PELA IOGA](#)

[Crônica 11 - NASA A CAMINHO DE OUTRAS CASAS](#)

[Crônica 12 - TELESEGURANÇA: UM MODELO SÓ PARA INGLÊS “SE” VER?](#)

[Crônica 13 - PRÉVIA DAS ELEIÇÕES 2014: UMA NOVELA PARA “ALÉM DO HORIZONTE”](#)

[Crônica 14 - EITA MACHO VIOLENTO! POR QUE NÃO TE EXTINGUES?](#)

[Crônica 15 - SER VICE É CONDIÇÃO DE NÃO SER?](#)

[Crônica 16 - ESTRATÉGIA DO EGOCENTRISMO GOVERNAMENTAL](#)

[Crônica 17 - QUANDO A “GEOGRAFIA EXPLICA...”, CORRO EM BUSCA DA LITERATURA!](#)

[Crônica 18 - MISTÉRIOS DA PETROBRÁS - EPISÓDIO 1: Agripina me faz sonhar](#)

[Crônica 19 - SÃO PAULO É GRU: MINHA MALVADA FAVORITA!](#)

[Crônica 20 - SUDÃO DO SUL NÃO É AQUI NEM LÁ! COMO LECIONÁ-LO?](#)

[Crônica 21 - VOCÊ TEM FOME DE QUÊ?](#)

[Crônica 22 - A POESIA DE SOARES FEITOSA REABRE NOSSO ESPAÇO NOTURNO](#)

[Crônica 23 - MISTÉRIOS DA PETROBRÁS – EPISÓDIO 2: Sebastião Spada, Teórico do Caos](#)



[Crônica 24 - HIBRIDISMO SEXUAL, BARREIRAS E OUTRAS VISUALIDADES](#)

[Crônica 25 - O DEUS DA JUSTIÇA HÁ DE DANÇAR CONFORME O DEUS DA GUERRA!](#)

[Crônica 26 - TENHO 14 ANOS E NÃO SEI MATEMÁTICA... JÁ POSSO MORRER?](#)

[Crônica 27 - NAVEGANDO NA PINTURA UNIVERSAL](#)

[Crônica 28 - MISTÉRIOS DA PETROBRÁS-EPISÓDIO 3: Carlito Oxford, Socialista e Taxativo](#)

[Crônica 29 - ORAÇÕES E MEDITAÇÕES DE NOSSOS ANTEPASSADOS EM NÓS](#)

[Crônica 30 - METAS EDUCACIONAIS: O ALVO E O UIVO](#)

[Crônica 31 - MISTÉRIOS DA PETROBRÁS – EPISÓDIO 4: Tia Darlene Tupinambá, cadê você?](#)

[Crônica 32 - JOGOS PRESUNÇOSOS DO MUNDIAL 2014](#)

[Crônica 33 - POR QUE NÃO DESEJO UM LAMBORGHINI HURACÁN LP 610-4?](#)

[Crônica 34 - CARTA DE APELO AO DISCURSO DA PRESIDENTE \(A\)](#)

[Crônica 35 - ÁLBUM DE FIGURINHAS QUE NINGUÉM QUER TROCAR](#)

[Crônica 36 - SOMBRAS, PODAS E GRAVIDEZ DE FILHAS VERDES](#)

[Crônica 37 - QUANDO O TURISMO SE TORNA VISITAÇÃO...](#)

[Crônica 38 - A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DOS MUNDOS PARALELOS](#)

[Crônica 39 - PAIXÃO ANIMAL](#)

[Crônica 40 - LEI PÓS-COPA DE 14072014: “TODO FRACASSO É SEMPRE UM SUCESSO”](#)

[Crônica 41 - AVASSALADORES SINAIS DE CONTINUIDADE](#)

[Crônica 42 - SEXO BOM MESMO É SEXO ESCRITO?](#)

[Crônica 43 - FESTIVAIS JUNINOS E SEUS ENREDOS GLOBAIS](#)

[Crônica 44 - MISTÉRIOS DA PETROBRÁS - EPISÓDIO 5: Começa o “Império” Eleitoral](#)

[Crônica 45 - UM BRASIL AO “PAI”: DE FRENTE PARA OS TRÊS OCEANOS \(Parte 1\)](#)

[Crônica 46 - COMUNICAR: FAZER E DESFAZER JUNTOS...](#)

[Crônica 47 - UM BRASIL AO “PAI”: DE FRENTE PARA OS TRÊS OCEANOS \(Parte 2\)](#)

[Crônica 48 - OFERENDAS E DESPERDÍCIOS](#)

[Crônica 49 - SÃO LUÍS DO MARANHÃO: PATRIMÔNIO DA DESUMANIDADE!](#)

[Crônica 50 - PECADOS PODOLÓGICOS DOS DIAS DE HOJE](#)

[Crônica 51 - “PARA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES”](#)

[Crônica 52 - MISTÉRIOS DA PETROBRÁS: EPSÓDIO 6: Últimos Capítulos...E vem aí...Chiiii](#)

[Crônica 53 - CICLOMOBILIDADE SIM; MAS CICLOVIAS... PARA QUE MESMO?](#)

[Crônica 54 - FALEMOS DE FUTEBOL... PENSEMOS EM SOLIDÃO](#)

[Crônica 55 - UM BRINDE SEM GELO À SABEDORIA ESCOCESA](#)

[Crônica 56 - SERIA O DÉCIMO QUARTO TRABALHO DE HÉRCULES?](#)

[Crônica 57 - ELEIÇÕES – BIG BROTHER BRASIL MAIOR NÃO HÁ](#)

[Crônica 58 - OS ASTROS FALANTES E AS TRÊS ESTRELAS DO DIA](#)

[Crônica 59 - CÍRIO: A NATUREZA ESPETACULAR DA FÉ NO URBANO](#)

[Crônica 60 - “CONSEIO” PORRETA DO RADIALISTA BOCÓ](#)

[Crônica 61 - TECIDOS E HIPERTEXTOS... IDEIAS SÃO FIOS EM BUSCA DE TECELAGENS](#)

[Crônica 62 - ADESÃO OU TRAIÇÃO? O FUTEBOL AMERICANO NO BRASIL](#)

[Crônica 63 - ESTANDARTE DE IDEIAS](#)

[Crônica 64 - PROJETOS OCIDENTAIS DE CONVIVÊNCIA](#)

[Crônica 65 - MISTÉRIOS DA PETROBRÁS: EPSÓDIO 7: Penúltimo Capítulo: E Nada Mudou!](#)

[Crônica 66 - A IGREJA COMO RÉGUA DO PLANEJAMENTO HÍDRICO](#)

[Crônica 67 - SERÁ ARTE?](#)

[Crônica 68 - DUPLA IDENTIDADE, HORIZONTES E PONTOS DE FUGA](#)

[Crônica 69 - BALACOBACO FRIDAY: JERICOACOARA DESBANCA ATÉ PARIS!](#)

[Crônica 70 - MISTÉRIOS DA PETROBRÁS: EPISÓDIO FINAL: A Revelação Bolivariana](#)

[Crônica 71 - EM CODÓ FRANCISCANA, A ETERNA SOLUÇÃO CRISTÃ DO CAPITALISMO](#)

[Crônica 72 - LIE TO ME, COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE](#)

[Crônica 73 - QUAL A DIFERENÇA ENTRE UMA PESSOA CRETINA E UMA “CREATINA”?](#)

[Crônica 74 - PARA 5º EVANGELISTA: JAMES LOVELOCK X SEU LUNGA](#)

[Crônica 75 - NATALINO TEATRO DA CRUELDADE](#)

[Crônica 76 - INFERNO ASTRAL E COTAS DE PACIÊNCIA](#)

[Crônica 77 - BOOKLAND: A TERRA DA MINHA UTOPIA](#)

[Crônica 78 - ...TÔ ME GUARDANDO PARA QUANDO O CARNAVAL CHEGAR](#)

[Crônica 79 - MANNHÊÊ... VI UM MANEQUIM SEM CABEÇA](#)

[Crônica 80 - QUE FAZER COM UM SEGUNDO A MAIS?](#)

[Crônica 81 - TERROR PARA SE ESQUECER E PARA SE GARGALHAR?](#)

[Crônica 82 - SE ACEITO RELIGIOSAMENTE, SUSPENDERÍAMOS O CARNAVAL?](#)

[Crônica 83 - JE SOUIS PORRA NENHUMA E A TDP \(TEORIA DA DESGRAÇA PREMIADA\)](#)

[Crônica 84 - ODE À FORMAÇÃO DE LIDERANÇAS](#)

[Crônica 85 - DELÍRIOS SOBRE A NACIONALIDADE DE DEUS](#)

[Crônica 86 - O CARINHO DA CRÍTICA TAMBÉM PROTEGE A SOCIEDADE](#)

[Crônica 87 - BATERIAS DO PATRIMÔNIO AO SAMBA OLÍMPICO](#)

[Crônica 88 - ENCONTROS, DESPEDIDAS E MUNDOS VERBAIS... ABRAM ALAS](#)

[Agradecimentos especiais](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça outras obras da Cia do eBook](#)

[Informações sobre os próximos lançamentos](#)



# CRÔNICAS DE UMA TERRA CARNAVALESCA

CHRISTIAN DE OLIVEIRA



CHRISTIAN DE OLIVEIRA

Crônicas de uma terra carnavalesca

1ª edição

2015

Copyright © Christian de Oliveira

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida, em qualquer meio existente, sem autorização expressa do autor ou editora.

CAPA

Bárbara Conte

REVISÃO

Manuela Ginz

DIAGRAMAÇÃO

Fabricio Hersoguenrath

CRIAÇÃO EPUB

Nicolas Broglio

ISBN

9788568227541

EDITORA CIA DO EBOOK  
Rua Ataliba Souza Silva, 311  
18860-000 - Conjunto Ermínio Maranhão  
Timburi/SP

Website: [www.ciadoebook.com.br](http://www.ciadoebook.com.br)

Facebook: [@CiadeoBook](https://www.facebook.com/CiadeoBook)

Twitter: [@CiadeoBook](https://twitter.com/CiadeoBook)

Tem alguma dúvida ou sugestão? Entre em contato:  
[sac@ciadoebook.com.br](mailto:sac@ciadoebook.com.br)



## SUMÁRIO

[Capa](#)

[Espelho](#)

[Créditos](#)

[Editora](#)

[Sumário](#)

[Epígrafe](#)

[Prefácio](#)

[Apresentação](#)

[Crônica 1](#)

MODELO CEARENSE DE EXTINÇÃO MUDIÁTICA DO CARNAVAL

[Crônica 2](#)

A CRIMEIA NO MEIO DA GUERRA MORNA

[Crônica 3](#)

CIVILIZAÇÃO DA INFANTA JUVENTUDE

[Crônica 4](#)

AMOR X FELICIDADE: GAME OVER

[Crônica 5](#)

SOMOS FILHOS DO ESCAMBO, DA QUERMESSE E DO COMÉRCIO

[Crônica 6](#)

RACISMO, RACIALIZAÇÃO E COTAS... COR E DOR DE MINHA PELE DIZEM O QUÊ?

[Crônica 7](#)

DE MARAVILHOSA A MAFIOSA, ESTE RIO DE JANEIRO SITIADO!

[Crônica 8](#)

SABEDORIA DAS PRAÇAS

[Crônica 9](#)

VIOLÊNCIA DE GÊNERO OU DE GENERALIZAÇÃO?

[Crônica 10](#)

INFÂNCIA ILUMINADA PELA IOGA

[Crônica 11](#)

NASA A CAMINHO DE OUTRAS CASAS

[Crônica 12](#)

TELESEGURANÇA: UM MODELO SÓ PARA INGLÊS “SE” VER?

### [Crônica 13](#)

PRÉVIA DAS ELEIÇÕES 2014: UMA NOVELA PARA “ALÉM DO HORIZONTE”

### [Crônica 14](#)

EITA MACHO VIOLENTO! POR QUE NÃO TE EXTINGUES?

### [Crônica 15](#)

SER VICE É CONDIÇÃO DE NÃO SER?

### [Crônica 16](#)

ESTRATÉGIA DO EGOCENTRISMO GOVERNAMENTAL

### [Crônica 17](#)

QUANDO A “GEOGRAFIA EXPLICA...”, CORRO EM BUSCA DA LITERATURA!

### [Crônica 18](#)

MISTÉRIOS DA PETROBRÁS - EPISÓDIO 1: Agripina me faz sonhar

### [Crônica 19](#)

SÃO PAULO É GRU: MINHA MALVADA FAVORITA!

### [Crônica 20](#)

SUDÃO DO SUL NÃO É AQUI NEM LÁ! COMO LECIONÁ-LO?

### [Crônica 21](#)

VOCÊ TEM FOME DE QUÊ?

### [Crônica 22](#)

A POESIA DE SOARES FEITOSA REABRE NOSSO ESPAÇO NOTURNO

### [Crônica 23](#)

MISTÉRIOS DA PETROBRÁS – EPISÓDIO 2: Sebastião Spada, Teórico do Caos

### [Crônica 24](#)

HIBRIDISMO SEXUAL, BARREIRAS E OUTRAS VISUALIDADES

### [Crônica 25](#)

O DEUS DA JUSTIÇA HÁ DE DANÇAR CONFORME O DEUS DA GUERRA!

### [Crônica 26](#)

TENHO 14 ANOS E NÃO SEI MATEMÁTICA... JÁ POSSO MORRER?

### [Crônica 27](#)

NAVEGANDO NA PINTURA UNIVERSAL

### [Crônica 28](#)

MISTÉRIOS DA PETROBRÁS-EPISÓDIO 3: Carlito Oxford, Socialista e Taxativo

### [Crônica 29](#)

ORAÇÕES E MEDITAÇÕES DE NOSSOS ANTEPASSADOS EM NÓS

### [Crônica 30](#)

METAS EDUCACIONAIS: O ALVO E O UIVO

### [Crônica 31](#)

MISTÉRIOS DA PETROBRÁS – EPISÓDIO 4: Tia Darlene Tupinambá, cadê você?

### [Crônica 32](#)

JOGOS PRESUNÇOSOS DO MUNDIAL 2014

### [Crônica 33](#)

POR QUE NÃO DESEJO UM LAMBORGHINI HURACÁN LP 610-4?

### [Crônica 34](#)

CARTA DE APELO AO DISCURSO DA PRESIDENTE (A)

### [Crônica 35](#)

ÁLBUM DE FIGURINHAS QUE NINGUÉM QUER TROCAR

### [Crônica 36](#)

SOMBRAS, PODAS E GRAVIDEZ DE FILHAS VERDES

### [Crônica 37](#)

QUANDO O TURISMO SE TORNA VISITAÇÃO...

### [Crônica 38](#)

A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DOS MUNDOS PARALELOS

### [Crônica 39](#)

PAIXÃO ANIMAL

### [Crônica 40](#)

LEI PÓS-COPA DE 14072014: “TODO FRACASSO É SEMPRE UM SUCESSO”

### [Crônica 41](#)

AVASSALADORES SINAIS DE CONTINUIDADE

### [Crônica 42](#)

SEXO BOM MESMO É SEXO ESCRITO?

### [Crônica 43](#)

FESTIVAIS JUNINOS E SEUS ENREDOS GLOBAIS

### [Crônica 44](#)

MISTÉRIOS DA PETROBRÁS - EPISÓDIO 5: Começa o “Império” Eleitoral

### [Crônica 45](#)

UM BRASIL AO “PAI”: DE FRENTE PARA OS TRÊS OCEANOS (Parte 1)

### [Crônica 46](#)

COMUNICAR: FAZER E DESFAZER JUNTOS...

### [Crônica 47](#)

UM BRASIL AO “PAI”: DE FRENTE PARA OS TRÊS OCEANOS (Parte 2)

### [Crônica 48](#)

OFERENDAS E DESPERDÍCIOS

### [Crônica 49](#)

SÃO LUÍS DO MARANHÃO: PATRIMÔNIO DA DESUMANIDADE!

### [Crônica 50](#)

PECADOS PODOLÓGICOS DOS DIAS DE HOJE

### [Crônica 51](#)

“PARA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES”

### [Crônica 52](#)

MISTÉRIOS DA PETROBRÁS: EPSÓDIO 6: Últimos Capítulos...E vem aí...Chiiii

### [Crônica 53](#)

CICLOMOBILIDADE SIM; MAS CICLOVIAS... PARA QUE MESMO?

### [Crônica 54](#)

FALEMOS DE FUTEBOL... PENSEMOS EM SOLIDÃO

### [Crônica 55](#)

UM BRINDE SEM GELO À SABEDORIA ESCOCESA

### [Crônica 56](#)

SERIA O DÉCIMO QUARTO TRABALHO DE HÉRCULES?

### [Crônica 57](#)

ELEIÇÕES – BIG BROTHER BRASIL MAIOR NÃO HÁ

### [Crônica 58](#)

OS ASTROS FALANTES E AS TRÊS ESTRELAS DO DIA

### [Crônica 59](#)

CÍRIO: A NATUREZA ESPETACULAR DA FÉ NO URBANO

### [Crônica 60](#)

“CONSEIO” PORRETA DO RADIALISTA BOCÓ

### [Crônica 61](#)

TECIDOS E HIPERTEXTOS... IDEIAS SÃO FIOS EM BUSCA DE TECELAGENS

### [Crônica 62](#)

ADESÃO OU TRAIÇÃO? O FUTEBOL AMERICANO NO BRASIL

### [Crônica 63](#)

ESTANDARTE DE IDEIAS

### [Crônica 64](#)

PROJETOS OCIDENTAIS DE CONVIVÊNCIA

### [Crônica 65](#)

MISTÉRIOS DA PETROBRÁS: EPSÓDIO 7: Penúltimo Capítulo: E Nada Mudou!

### [Crônica 66](#)

A IGREJA COMO RÉGUA DO PLANEJAMENTO HÍDRICO



### [Crônica 67](#)

SERÁ ARTE?

### [Crônica 68](#)

DUPLA IDENTIDADE, HORIZONTES E PONTOS DE FUGA

### [Crônica 69](#)

BALACOBACO FRIDAY: JERICOACOARA DESBANCA ATÉ PARIS!

### [Crônica 70](#)

MISTÉRIOS DA PETROBRÁS: EPISÓDIO FINAL: A Revelação Bolivariana

### [Crônica 71](#)

EM CODÓ FRANCISCANA, A ETERNA SOLUÇÃO CRISTÃ DO CAPITALISMO

### [Crônica 72](#)

LIE TO ME, COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE

### [Crônica 73](#)

QUAL A DIFERENÇA ENTRE UMA PESSOA CRETINA E UMA “CREATINA”?

### [Crônica 74](#)

PARA 5º EVANGELISTA: JAMES LOVELOCK X SEU LUNGA

### [Crônica 75](#)

NATALINO TEATRO DA CRUELDADE

### [Crônica 76](#)

INFERNO ASTRAL E COTAS DE PACIÊNCIA

### [Crônica 77](#)

BOOKLAND: A TERRA DA MINHA UTOPIA

### [Crônica 78](#)

...TÔ ME GUARDANDO PARA QUANDO O CARNAVAL CHEGAR

### [Crônica 79](#)

MANNHÊÊÊ... VI UM MANEQUIM SEM CABEÇA

### [Crônica 80](#)

QUE FAZER COM UM SEGUNDO A MAIS?

### [Crônica 81](#)

TERROR PARA SE ESQUECER E PARA SE GARGALHAR?

### [Crônica 82](#)

SE ACEITO RELIGIOSAMENTE, SUSPENDERÍAMOS O CARNAVAL?

### [Crônica 83](#)

JE SOUIS PORRA NENHUMA E A TDP (TEORIA DA DESGRAÇA PREMIADA)

### [Crônica 84](#)

ODE À FORMAÇÃO DE LIDERANÇAS

[Crônica 85](#)

DELÍRIOS SOBRE A NACIONALIDADE DE DEUS

[Crônica 86](#)

O CARINHO DA CRÍTICA TAMBÉM PROTEGE A SOCIEDADE

[Crônica 87](#)

BATERIAS DO PATRIMÔNIO AO SAMBA OLÍMPICO

[Crônica 88](#)

ENCONTROS, DESPEDIDAS E MUNDOS VERBAIS... ABRAM ALAS

[Agradecimentos especiais](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça outras obras da Cia do eBook](#)

[Informações sobre os próximos lançamentos](#)

EPÍGRAFE

*No mês de Outubro*

*Em Belém do Pará*

*São dias de alegria e muita fé*

*Começa com extensa romaria matinal o Círio de Nazaré...*

*Ó virgem santa, rogai por nós, rogai por nós, ó virgem Santa, pois precisamos de Paz!*

[Samba-enredo da GRES Estácio de Sá, de 1975, cantado anualmente na procissão principal do Círio de Nazaré, em Belém (PA). Festa Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, pela UNESCO]

**Cristina Imaculada Santana de Oliveira**

Comecei a devorar livros antes mesmo de ser totalmente alfabetizada. Fascinava-me, antes de tudo a combinação e o jogo de palavras. Como letras e palavras podiam representar tantas coisas, em tempos diferentes, e sob olhares ou ouvidos diversos? Como podiam elas, as palavras, nos transportar para mundos distantes ou nos apresentar a realidade cotidiana de maneira tão viva e perturbadora? A realidade e a luta pela sobrevivência de menina pobre, família grande e pais trabalhadores braçais me afastaram dos livros, temporariamente. Mas as palavras estavam ali, adormecidas, prontas para florescer novamente.

E floresceu...E a primavera se fez em cartas e na paixão a esse poeta-professor-menino que mais do que um esposo se transformou em companheiro, amigo e incentivador de meu retorno às Letras, em palavras e gestos. Não bastou incentivar-me o retorno aos estudos e a literatura. Quis também este curioso menino, cujas mãos e pensamentos não (se) sossegam, iniciar e compartilhar comigo e com todos que *literalizam* as nossas vidas, mais uma travessura: escrever contos!

O grande Machado de Assis - antes de tudo um maravilhoso contista com seu olhar perspicaz sob os fatos de nossa sociedade - reitera as declarações de Diderot que afirma que ele não só escrevia como aconselhava a um amigo que escrevesse também. E justificava: “quando se faz um conto, o espírito fica alegre, o tempo ecoa-se, e o conto da vida acaba sem a gente dar por isso”.

Denninho, como o chamava Vovó Nair, não segue uma linha “lógica-comum” de pensamentos. Ele fala de corpos, mentes e espíritos - sejam eles de porco ou não. Fala de amor, de indignação, de medo, de esperança. Fala de coração, de fé. Inicia às vezes de maneira estranha, desequilibrando o leitor, mas, no final surpreende com a feitura do tecido textual.

Então, deliciem-se com as palavras e leiam-nas como incentivo à reflexão, às conversas de fim de tarde, aos comentários do Facebook, ou simplesmente como o despertar de uma vontade de também escrever e brincar com as palavras. Não é preciso ser contista Machadiano, Diderotiano, ou *Christiniano*, basta ser menino com vontade de sonhar e instigar nossos mais profundos sentimentos de repartir *a palavra nossa de cada dia!*

Sirvam-se e festejem desse pequeno banquete verbal! Que ele frutifique em novos formatos e reflexões!



## APRESENTAÇÃO (COMISSÃO DE FRENTE)

Vencemos nessa terça-gorda de 04/03 do Ano Santo de 2014 mais um ritual de Momo, com saudades da Mama (Rainha Orlanda) e Papa (Mestre de Oliva), mas com muita garra para continuar o desfile da existência, ao lado dos amados, familiares e amigos – presentes ou porvir. Vencemos mais um dia de Carnaval que há de inspirar todos os demais. E se bem convicto da oportunidade foliã alcançada, mais do que metaforicamente, haverá também de contagiar nossa inspiração de escritor. Afinal, o artesanato das ideias nas palavras não precisa comunicar-se apenas e tão somente com um “formato” geográfico rigoroso. A frase final de minha tese de doutorado foi: “Só a Arte Vence o Real”, demorei muito a praticá-la não?

Já perguntavam velhos foliões do nosso barracão científico – Laboratório de Estudos Geoeeducacionais (LEGE) - na UFC: por que é que não criamos uma metodologia mais didática para o que investigamos aqui? Talvez porque faltasse uma experiência fundadora e um ídolo catalisador do papel de Zé Pereira, a fim de nortear no rumo sul, tal experiência. E eis que ela veio.

Ontem, dia 03/03, na Avenida Domingos Olímpio, integrando Grupo “Casa Caiada” de Música Percussiva da Universidade Federal do Ceará, fez-se desfile os Blocos e Cordões do Carnaval de Fortaleza. A experiência de tocar um surdo de corte, após quatro ensaios consecutivos, foi germinar, do corpo, o milagre espiritual do som, e do samba (samba-reggae; ijexá). Aquele momento precisava de mim de alguma forma e eu estava ali para Ele. Não vale a pena tentar explicar! Bobagem que não dá liga ou sentido. Mas vale o primeiro registro para que o leitor considere que o “aconteceu” virou escrita.

E quanto ao ídolo, de que forma entra nesse percurso da percussão? O Zé Pereira é o ser bruto, selvagem, filosófico e abismal buscado – e arqueologicamente encontrado nos fragmentos da festa filosófica - por Maurice Merleau-Ponty, em seu livro “Le Visible et l’Invisible”: antes de todas as divisões do mundo das ideias está a brutalidade anímica da corporeidade do mundo. É dela que trazemos a força para transformamos um tambor em coração, como órgão exteriorizado do Ser. Ontologia Selvagem é o enredo mais repetitivo e incansável desse filocarnavalesco francês tão inspirado. Essa ontologia primeira de Merleau-Ponty nos projeta para o abismo e ambiguidade do mundo sensorial, lembrando: o Mundo é nosso corpo estendido à infinitude dos acontecimentos-pavios (preste a ascender-se). Aqueles fatos ou fragmentos – de relatos e pensamentos – que teimam em emergir para conduzir alguma coisa a algum lugar. Se não for onde queremos, que seja ao menos onde nos adaptemos.

Desfilamos para levar nosso Corpus brincante à ontologia da Concentração Máxima à Dispersão Mínima. Para começar o ano novamente e terminarmos mais um Carnaval seguros de que a vida continua: Carnavalizada; e em Paz Guerreira. Ironia pura, não é mesmo? Talvez. Vamos

aos diálogos do cotidiano para saber como esse movimento ontológico se comporta na superfície exposta, agressiva e torturante das redes sociais. Redes de mídias pessoais que gerenciam o bocejo nosso de cada dia e as formas cibernéticas de massagear nossos Egos tão foliões. Aí vamos nós!

As “Crônicas de uma terra (Corpus-Mundo) carnavalesca” nascem no carnaval porque precisamos de dias especiais para ritualizar nossos relacionamentos. E esse dia de Carnaval renova o poder dos argumentos. Facilita conversas com amigos e conhecidos, provocando suas fantasias diante do ato trágico que a teatralidade humana inspira. Provoca também o limite da paciência. Eu sei. Alguns não vão gostar nada do que as ideias transpirarão em forma de texto. Mas é o risco que torna um cientista e professor um escritor de crônicas. A aventura da Crônica aqui é selvagem e pré-acadêmica, em respeito aos profissionais da literatura. Assim como a aventura da Percussão foi crônica e brutal, sem desrespeito aos grandes músicos. Tambores e Redes cibernéticas possuem semelhanças figuradas: a capacidade de potencializar o movimento de forma quase ilimitada. Se no surdo, minhas batidas “tornam-se” músicas; no Facebook, meus achismos “tornar-se-ão” crônicas! Será, mesmo? E depois do carnaval, essa micareta de pensamentos brincantes pode virar algo mais instigante do que apresentei até aqui. Vale tentar. Temos muito o que conversar daqui para frente.

Por isso mesmo antecipo os pedidos de perdão preventivos, às ofensas, que porventura, parecerem conduzir à violência da escritura. Talvez, por ser filho rebelado da ditadura e pai desnaturado da democracia, vou preferir a autocensura de trocar o nome dos sujeitos referidos. Principalmente os sujeitos individuais do infernal “bloco dos politicamente corretos”. Aqueles que outro filósofo de ponta – Luiz Felipe Pondé – considera autores de fúnebres “jantares inteligentes”. Gente que vai ficar de olho no toque cotidiano dos nossos tambores; e ver se, em um escorregão de ideias, nossas Crônicas abrem caminho irreversível para as brincadeiras na Justiça Brasileira. O Bloco dos Danos Morais não me interessa. Vou ficar mesmo na minha Casa Caiada, ouvindo o ressonar imortal da furiosa bateria do Salgueiro. Qualquer outra coisa é barulho dispensável. Portanto, se o que eu disser parecer ofensa, PERDOEM-ME: foi Brincadeirinha de Carnaval. Mas se o perdão não estiver na pauta de sua compreensão, atento leitor, me aguarde na próxima esquina!!! “O Silêncio será a máscara da Fúria Sonora”. Quando não compreender por que não respondi, volte nessa frase: quem sabe, faz-se o milagre! Começamos então a conversa. Desde já os meus agradecimentos pelo apoio. Aceito sugestões de temas futuros. Os textos serão mais curtos, mas os temas mais envolventes. Contem com isso. Saudações Folionas!

**AGORA O DESFILE, ALA POR ALA, CANTO POR CANTO...**

## MODELO CEARENSE DE EXTINÇÃO MIDIÁTICA DO CARNAVAL

Há quase nove anos, sou vitimado pela pergunta instintiva dos tempos carnavalescos em Fortaleza: por que nenhum dos três grandes jornais cearenses – Diário do Nordeste, O Povo, O Estado – é editado nas segundas e terças-feiras de Carnaval? Por que a livre e democrática imprensa, do “pulsante estado nordestino” precisa passar 72 horas em silêncio informativo, considerando que o jornal de domingo é editado no sábado que antecede a Festa?

Primeiro impulso de resposta: ora Caríssimo Migrante, muito simples: porque a queda nas vendas e a produção de eventos nesses dias não justifica a circulação de jornais impressos! Além disso, cadê seu espírito momesco que não reconheceu que a cadeia produtiva dos jornais é antes de tudo amante da Grande Folia! O respeito ao Carnaval move a mídia impressa regional... e viva nossas tradições silenciosas!

Perfeitamente. Mas meu primeiro impulso de réplica – aberto à tréplica dos queridos leitores – é dizer: “Santa Mediocridade Compulsiva, Batman!”. Será mesmo sensato reconhecer que nenhum jornalista do estado; nenhum colunista ou líder de opinião pública percebe que o maior exterminador do Carnaval Cearense se encontra na imprensa escrita (e consequentemente radiofônica e televisiva) do estado. Senão, vejamos. Se eu quiser saber como foi o desfile dos maracatus de anteontem ou dos blocos de ontem, terei que esperar os parques noticiários de amanhã, não é verdade? Claro, isso jamais vai ganhar importância diante das indiscutíveis pautas das grandes agências; da criminalidade, dos acidentes e editorias econômicas no segundo dia útil do mês. Uma notinha ali, outra “acolá”... e vamos falar de coisa séria. Festa da Carne é Osso de Mídia!

Tristes trópicos midiáticos! Descansar no Carnaval e ignorá-lo na Quaresma! Em pensar que o modelo carioca dos desfiles carnavalescos foi criado, em 1932 pela competição de samba, sob patrocínio do jornal Mundo Sportivo (conforme Sérgio Cabral em seu livro “As Escolas de Samba do Rio de Janeiro”, 1996). Aqui, ao contrário, a mídia impressa, as televisões e rádios, promovem o silêncio e a marginalização da Domingos Olímpio. A coisa é tão extintiva e instintiva que a Prefeitura de Fortaleza caiu no conto farsante da Sereia Global e todo mundo acredita na estória da Cuca Papon: o turismo de carnaval em Fortaleza é SÓ FAMILIAR, os visitantes querem SÓ DESCANSO, e a folia do centro é SÓ PARA POBRE que não pode sair da cidade. Bloco de Ilusionistas!

Enquanto isso, Recife e Salvador pulam de felicidade, enfrentando a economia carnavalesca do Rio de Janeiro. E nesta “província alencarina”, até os jornais descansam, modelando a morte de

seus festejos. O Carnaval de Fortaleza é tão conhecido quanto as Festas Juninas Canadenses ou Afegãs! Muita gente brinca sim, mas a mídia jura que não ficou sabendo de nada! (04/03/2014)



## 2

### A CRIMEIA NO MEIO DA GUERRA MORNA

Passado o Carnaval de Momo, começamos o grande festejar telúrico, o Carnaval além das Cinzas. Vez ou outra, porém, voltaremos ao clamor das batucadas. Agora precisamos de outros enredos. Outras interlocuções...

Quando percorro escolas de ensino fundamental e médio, a fim de confirmar nossa orientação nos estágios supervisionados de Regência em Geografia, vasculho memórias e associações relevantes. Como cria intelectual dos anos de 1980, não tinha qualquer dúvida: a Guerra Fria – EUA x URSS – era o limite “diplomático” para evitar a Terceira Guerra Mundial. Àquela época, como professor de escola pública e particular, tinha uma responsabilidade ética específica (entre tantas) de mostrar um cenário internacional de transformações e amadurecimentos humanitários. Apesar das contradições ideológicas (“capitalistas”, “socialistas” e “terceiro mundistas”) e ambientais, projetava-se uma “Nova Ordem”, de mais equilíbrio e menos tensão.

A década de 1990 trouxe exatamente o contrário: mais tensão e menos equilíbrio, após o fim da Guerra Fria. Nossa Geografia Política de escala internacional ficou meio perdida, até a emergência da tecla *sap* da Globalização Tecnológica costurar os caminhos dos novos blocos multipolares e dos choques vizinhos e distantes de civilizações. Comecei a chamar esse tempo de “Guerra Morna”; nem fria nem quente. Apenas o tempo intermitente de guerras que se recusavam os extremos das últimas cinco décadas (1940-1989). Mas eis que chega o Centenário da Primeira Guerra Mundial (1914-2014)... Eis que cutucam a Mãe Rússia na linha de cintura do Mar Negro... Eis que lembram que Ucrânia e Crimeia não são exatamente as mesmas coisas. Eis a minha cara de tacho ao explicar à garotada antenada: “Aí pessoal, Putin não é um Czar imperial nem um bolchevique stalinista; mas a possibilidade dele deixar a Crimeia à soberania plena de Kiev é completamente nula. Portanto, fiquem de olhos e ouvidos grudados no Mar Negro. A Guerra Morna está esquentando”! Atualmente não sei qual o é real peso das discussões internacionais nas aulas de Geografia e História. Sei apenas que estamos todos (professores, alunos e comunidades) aqui, na bacia do Atlântico Sul, com coisas muito mais importantes a nos preocupar. É fato. E longe de criticar isso, acho legítima a escolha pessoal de um grupo significativo de brasileiros que, nesses últimos 20 anos, diria: “Kosovo, Eritreia, Aleppo, Aceh e Criméia, se não são personagens do BBB nem o meio-campo do meu time, não me dizem respeito!”. Em contrapartida, legítima também será a atenção redobrada de alguns ao perceber que na Crimeia as coisas são mais explosivas; e merecem estudo redobrado. Principalmente na sequência da “Revolução Laranja” que acirrou as disputas entre UE x Federação Russa. Sugiro leitura do estudo de Francisco J. Ruiz

Gonzalez (2012) “*Ucrania: ¿rumbo hacia la Ue, hacia Rusia, o hacia la ruptura?*” (<http://www.ieee.es>). Bom conferir e sintonizar nossas posições antes que o juízo tupiniquim o faça, de mal a pior. (05/03/2014).

# 3

## CIVILIZAÇÃO DA INFANTA JUVENTUDE

Volto à folia do samba show, e observo o quanto infância e juventude, e seus costumes reeditados como enredos, dominaram muitos dos temas cantados no Eixo Rio-São Paulo. Agremiações como Acadêmicos do Tucuruvi, Sociedade Rosas de Ouro, União da Ilha do Governador e a campeã carioca, Unidos da Tijuca, vincularam um apelo todo especial à fase mais nostálgica e brincalhona da vida. Nada extraordinário no leque padronizado e recorrente das propostas competitivas; facilitadoras da comunicação com o público das arquibancadas e televisores. Um enredo desse tipo não deixa de ser forte apelo à acessibilidade cultural dos desfiles, nas altas madrugadas. Afinal, a estética mais inocente de um tema ligado à infância contribui diretamente na leitura de que o Carnaval possa ser tão familiar quanto os bibelôs de Natal e os chocolates da Páscoa. Mas se trata de uma acessibilidade ao consumo da Festa. Não à sua construção, seu processo ou sua responsabilidade formativa. Fora alguns alertas contra a exploração e o abuso infantil, o que ocorre é mais uma apologia do idealismo infantil de Nossa Civilização (brasileira e ocidental). E por que chamar isso uma apologia? Porque ao invés de afirmarmos o direito humano ao lúdico, ao lazer e a criatividade plena, em todas as fases da vida, abolimos o dever trabalho em nome dessa ludicidade. Preferimos decretar um tempo místico das “incompetências” de cidadania – do zero aos dezoito anos – e encenar, nesta fase primitiva, uma “Idade de Ouro” existencial. Neste tempo-lugar, todo sonho ingênuo é possível e bem-vindo; toda anúncio do mundo adulto precisa ser feita com o maior cuidado possível. E para fechar de vez o pote do idealismo com tampa mordaz... Todo trabalho infantil é agora sinônimo de crime; é abuso abominável! Como dizem os Manuais do PC (Politicamente Correto): “Vamos deixar as crianças curtirem a infância que construímos PARA elas; com certeza teremos gerações futuras mais felizes”!

No fundo sabemos que estamos falando de nosso “desejo de infância”, como se ignorássemos a perversidade hipócrita que rasteja na defesa de ideais do tipo. Um desejo de perpetuação, de eternidade; tão humano quanto vil. Que espécie de animal precisa transformar cerca de 1/4 de sua existência em tempo de não trabalho e não responsabilidade? O pós-moderno homo sapiens “expertus” ou “diabólicus”. O mesmo que faz esses encontros de juventudes (religiosas, partidárias, esportivas) com “jovens” de 30, 40 e 50 anos! Nossa infância jurídica dura 2 décadas; nossa juventude, 4 décadas, se não mais. A velhice deixa de existir em si nos manuais do PC. Vira apenas indício de uma doença a ser tratada pelos especialistas! Resultado: Ninguém precisa ser adulto quando a conta dessa responsabilidade pressupõe um valor-trabalho! E o trabalho é punição

bíblica para quem for expulso dos Jardins do Éden, não é mesmo? Deixe no Éden Brasil, as máquinas, essa obrigação! Não nós, infantojuvenis de voto e voz! Devo estar muito doente para achar essa convocação estridente uma humilhante palhaçada. A Criança que sobrevive em mim assina e se diverte. (08/03/2014)



# 4

## AMOR X FELICIDADE: GAME OVER

O filósofo e humanista Luc Ferry, em seu livro “A Revolução do Amor: por uma espiritualidade laica” (Ed. Objetiva, 2012), proclama nosso crescente comprometimento em dar a vida por “aquele a quem amamos”, no lugar Deus, uma pátria ou uma revolução. No caso deste “outro ente” todo especial, a construção dos vínculos entre o Amor e a Felicidade – de curta ou longa duração (isso depende da infinidade de comparações) – tende ao sentido de Fusão. Amar é ser feliz; felicidade passa pela vivência amorosa. E o jogo da vida pode recomeçar no espetáculo mágico (mas bem contemporâneo) desse encontro existencial dos indivíduos. O autor escava esse processo na defesa de um mundo laico capaz de tornar cristalino o papel do Amor. O que facilita o necessário combate aos fatores religiosos e morais, capazes de tornar os relacionamentos, namoros e casamentos, cadeias intransponíveis na perda da felicidade e da saúde existencial.

Mas ao desconfiamos que essa causa/efeito poderia ter “furos”, quer dizer, lacunas filosóficas, fomos atrás de outro velho conhecido “doutor do Amor”, chamado Arthur Schopenhauer (1788-1860). O que o mestre do pessimismo alemão teria a nos dizer sobre o amor, com base em sua teoria da vontade de viver? Encontramos 25 minutos de um vídeo de Alain de Botton, intitulado “Filosofia: um guia para felicidade”, cujo capítulo discute a abordagem do autor (vide <https://www.youtube.com/watch?v=RS7jR5cQXMw>).

Perceberemos, no documentário e no momento de recorrer a obra máxima do filósofo de “O Mundo como vontade e representação”, que a precedência da vontade humana afasta o amar dessa conciliação positiva com a felicidade. Se amor é vida e sofrimento, diria Schopenhauer, fundi-lo na felicidade é confundir seu papel; portanto nos fará sofrer mais. Saída mais inteligente é apostar na rivalidade desses dois projetos humanos e começar um novo jogo sem ilusões desnecessárias. A não ser que você – amante obsessivo e incurável – pactue sua felicidade no ignorar a felicidade de quem você ama, melhor é separar uma coisa da outra. Isso significa entender e viver dois sentimentos distintos. De um lado “eu a amo e ela me ama”; de outro; “eu tento ser feliz e acho que ela também”. Se ambos caminham juntos, isso não quer dizer que coincidem de fato. O que Schopenhauer nos lembra é que o amor-paixão têm condicionantes fortes, biológicos e inconscientes e a felicidade tem decisivas formulações da cultura hegemônica na qual mergulhamos. Se não tivermos preparados para lidar com os dois, em suas peculiaridades, melhor não cair na arriscada leitura de autoajuda: Só o amor traz felicidade. É por isso que o otimismo de Ferry pode ser “um deus nos acuda”! Penso que o Amor tem seus tentáculos, e tal qual um polvo, solto no mar da busca de amantes (tentadores e tentaculares) pode curtir as ondas da unidade com

outro, tanto quanto a diversidade com outros. Ferry e Schopenhauer amaram três mulheres! Eu vivo do Amar de uma, três vezes mais! São escolhas de cada um. A felicidade transcende isso. Sorte dos que amam e são felizes sem dependerem de amarras. (09/03/2014)

# 5

## SOMOS FILHOS DO ESCAMBO, DA QUERMESSE E DO COMÉRCIO

Bem-vindos ao jogo eterno do “bom” contra o melhor: Valor de Uso X Valor de Troca! Aposto, sem escrúpulos nem pavores, todas as fichas éticas na vitória do segundo. Apenas o valor de troca nos humaniza de maneira divinal. Valor de uso é aquilo que elogiamos por preguiça e evitamos por nojo; é miséria humana. A intelectualidade *out-tópica* (travestida de utopia), que alimenta as velhas trincheiras comunistas e fascistas; hoje repaginados como “radicais”, “críticos”. Enquanto o “bom” valor de uso conter o pior dos egocentrismos comunitários, o antídoto das trocas – Deus queira – há de infiltrar sua virose, contagiante. Há de conectar mundos no mundinho dessa gente!

Dirão alguns: “agora esse professor assumiu de vez sua posição neoliberal; eu já imaginava!”. Melhor que isso. Fiz um pouco pior. Estou é exclamando minha postura “neoprisional”, quase doentia em defesa do escambo genuíno, que nos faz processo e produto de trocas permanentes entre seres: homens x mulheres, velhos x novos, autóctones x alóctones, selvagens x pós-modernos, teístas x ateus, étnicos x misturados, pobres x exibidos, etcetera x tal. Todo um “Brasil”, no corte da Ibirapitanga, como lembrava Oswald de Andrade, não passava de um escambo. Todo motor das missas, dos cultos, dos rituais místicos de pequenas e grandes celebrações, se reabastece na força indispensável das Quermesses. A Festa popular é infestação plena do Bazar. Com ou sem dinheiro, com ou sem “capitalismo” morfoburguês, o festejo vale o tanto quanto nele se troca. Respeito sim; mas me divirto mais com o pensamento radicalmente contrário. Por isso sigo nessa filiação, mais uma vez o filosofar visceral de Luis Felipe Pondé. Em sua recente coluna semanal, na Folha de São Paulo, <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/2014/03/1422946-moral-de-amadores.shtml> atestou porque é tão simples reconhecer o comércio como pai/mãe da humanidade.

E por que a “moral dos amadores” – essa maioria iluminista de filhos rebelados – prefere falar mal dos genuínos genitores comerciais? Porque eles querem brincar de Deus Criador, corrigindo seus defeitos. Na versão judaico-cristã, o principal defeito de Deus foi fazer um “pacto” (acordo, aliança, portanto, TROCA) com essa gentinha tão inescrupulosa chamada de “Povo de Deus”. Esses “Amadores” possuem, portanto, um Plano, um diamante de mil faces ideológicas. Todas elas fundamentalistas: *É o povo que tem de escolher (ou não) fazer seu Uso de Deus (ou não) autonomamente! É o povo quem escolhe seu destino! A divindade é um meio; um amuleto que se usa, usa, e quando se conscientiza, a humanidade coloca numa redoma, pendura no museu da história ou descarta...* ENGANAÇÃO PURA. O resultado dessa apologia ao valor de uso é o terrível desequilíbrio encarecedor no mundo das trocas! Quando dermos mais valor ao escambo

que a estupidez da bruxaria - “ah meu filho, leva que é de graça”– tornaremos a vida um belo negócio (jamais um ócio) que vale a pena viver. (14/03/2014)

## 6

### RACISMO, RACIALIZAÇÃO E COTAS... COR E DOR DE MINHA PELE DIZEM O QUÊ?

Minha Pele não tinha sentido essa dor “racial” antes dos meus 35 anos completados. Estava na sala dos professores, aguardando o início de minhas aulas, em uma faculdade particular de São Paulo, quando outro professor da instituição, contou-nos, com orgulho, as aventuras da associação da qual participava, durante o “dia da pendura” (11 de agosto); tradicional folia de estudantes de Direito nos restaurantes da capital paulista. A novidade era provocar os donos do restaurante afirmando que a conta da comilança deveria ser paga pela indenização do Estado Brasileiro aos Descendentes Negros. O tumulto causado tinha, na ação do Movimento Negro, um papel duplo: fortalecer a interação do grupo e gerar o fato político de que a “raça negra” devia ser compensada pelo racismo eurocêntrico que o Brasil herdou. Ele, ao final, esclareceu que após o tumulto, os manifestantes pagaram a conta e aumentaram a cifra do pedido de indenização. Mas na sequência perguntou-me: “Professor, você que é um dois poucos negros aqui, participaria da nova edição desse manifesto conosco?”. Meu NÃO demorou a sair; e veio, contudo, ainda titubeante. Não pela cor (valorizada ali como negra), mas pela dor de todas as etnias latentes em mim. Meu argumento, para nojo facial do colega, foi: “Sou tão negro quanto cidadão do Estado que deveria nos indenizar. Não preciso imitar estudantes de Direito para defender minhas tribos. Entre as salas de aula e as salas dos tribunais, fico com as primeiras, porque nossa ancestralidade precisa de conhecimento, não de julgamentos”. A pele doeu, mas o convívio manteve-se cordial enquanto durou.

O que não nos impediu de reparar, nos últimos 15 anos o movimento crescente de transformação da “pendura” pauta jurídica. Vejam debates como o de 2009 no Senado - [http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2009/07/09/interna\\_brasil,125000/index.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2009/07/09/interna_brasil,125000/index.shtml) ou em sua escala internacional <http://jornalggn.com.br/noticia/paises-do-caribe-querem-indenizacao-da-europa-por-anos-de-escravidao>. Minha pele volta a doer porque sua cor de negritude pardacenta sente um modelo de racialização servir de combate ao racismo; multiplicando “ações afirmativas” em cotas raciais! Nossa negritude não pode ser afirmada na negação das demais ancestralidades. E o êxito socioeconômico de ascensão dos grupos afrodescendentes depende mais do equilíbrio territorial da produção e dos serviços no país, do que do ingresso de cotistas nas elites institucionais. Uma leitura geográfica complexa das desigualdades regionais (externas e internas) derruba o simplismo do “empoderamento” dos afrodescendentes. Daí ser indispensável saber o quanto a política cultural e territorial de reconhecimento de quilombos, vai apenas reproduzir as cotas como nas reservas indígenas, ou estabelecer bases para afirmar investimentos massivos nos novos quilombos do Século XXI. Só assim minha pele reflete o prazer

de viver em um Brasil onde políticas étnicas enfrentariam a imbecilidade racial. Precisamos sim de cotas emergenciais - socioeconômicas e territoriais - com prazo de validade e ação gerenciada. Passar disso é criar ódio racial como um direito. (16/03/2014)

# 7

## DE MARAVILHOSA A MAFIOSA, ESTE RIO DE JANEIRO SITIADO!

Nesse Dia Internacional da Água, para aliviar momentaneamente a pressão do calor, nada melhor do que falar do Rio de Janeiro. Meu Rio Suburbano, por memórias, parentescos e distanciamentos. Minha cidade “Maravilhosa”, pela metonímia poderosa dos poetas e poder dos arquitetos da publicidade nacional. A maravilha da paisagem e da linguagem de um lugar encontra-se no jogo das escolhas: luta desigual entre quem pode escolher e quem sabe convencer. No caso da Sebastiana Capital, os dois grupos se encontram para jogar conversa fora, desde o século XVIII. As paisagens do Brasil firmam seu espaço de síntese nos mares, mangues e montanhas dessa margem esquerda da baía de Guanabara. Há poucos que apontam outros cantos do Brasil mais privilegiados para harmonia das junções tropicalistas. Embora, há muitos que poderiam fazê-lo e se recusam pelo mesmo peso das repetições (de ideias e imagens). Somos convencidos pelos “formadores de opinião” de que nosso “cartão postal” é carioca da gema! E não tem conversa mole que mude essa ditadura do “proletvglobal”. O Papa foi lá; e as Olimpíadas serão lá! Para quê discutir o que todo mundo está cá e lá careca de saber?

Não quis escrever apenas por essa visão genérica. Como carioca da “casca” (na distância dos meus 2800 km de saudade, muito bem vivida, obrigado!), penso na diáspora e na resistência de alguns conterrâneos que leem assustados manchetes como essa: <http://oglobo.globo.com/rio/apos-anuncio-de-ajuda-federal-pm-ocupa-favelas-na-zona-norte-do-rio-11956657>. E se certificam que as UPPs - a maior vedete da política de segurança pública urbana - fracassaram completamente. Ou mesmo essa outra tratando da exportação do modelo Rio para as demais cidades sedes do Mundial Fuleco: “Copa de 2014 - Forças armadas terão 21 mil homens de prontidão para substituir policiais”, veiculada também hoje, no “O Globo”, às vésperas do cinquentenário do Golpe de 1964! Não são fatos isolados... bem sabemos disso! Mas não custa lembrar que a tradição de sede colonial, imperial e distrito federal jamais abandonou o tecido urbano de minha ex-maravilhosa cidade. Longe de renegá-la por isso. Escrevo sim é para lamentar como se ergue das catacumbas podres do populismo institucional, as práticas de desgoverno autorizadas nas Laranjeiras (executivo estadual) e repercutidas na Prefeitura do Rio aproximam-se terrivelmente das estratégias das máfias internacionais. Em bom português, quando o “bicho pega pro meu lado” vem sempre a oportunidade de pedir auxílio à Grande Irmã (no caso, Brasília), justificando que “forças ocultas” e terroristas querem destruir o Rio de Janeiro. A conspiração alegada é o instrumental indispensável à formação de uma cidade “mafiosa”, pelo aval de seus conquistadores. Isso sim, um Crime Organizado (e autorizado) contra o país. Não foi suficiente alegar que o

petróleo do pré-sal é fluminense; nem ignorar que a alagada Porto Velho-RO e a encarcerada São Luiz-MA precisariam muito mais da Força Nacional. A cidade do Rio de Janeiro está sitiada pela máfia da autoestima a qualquer preço. Perdão, Brasil! (22/03/2014)



Fortaleza vive no rumo dos encantamentos modernos. Mas a pós-modernidade já alvoreceu em boa parte de seus pensadores. Não dos que tentam solucionar seus problemas. Mas daqueles que sabem que solução não é um Playmobil da Engenharia Civil. É sabedoria do convívio para transitar ideias, no lugar dos carros e descongestionar preconceitos. Ana Miranda, em brilhante artigo no jornal *O povo* desse domingo <http://www.opovo.com.br/app/colunas/anamiranda/2014/03/22/noticiasanamiranda,3224530/a-praca-e-do-povo.shtml> traz a voz da sabedoria que circula nas praças. Atiça-nos a refletir e enfrentar a voz das “engenharias urbanas” – formatada no pomposo e ridículo “Plano de Ações Imediatas em Transporte e Trânsito de Fortaleza” (PAITT) – de nosso amável Prefeito R.C. Rodrigues Bezerra. Desde o tempo em que eu era “criancinha”, lá em Acari, minha primitiva geografia já vociferava: é mais fácil o trânsito melhorar transformando ruas em praças do que converter praças em ruas! Todos os centros urbanos das mais civilizadas (ainda que “caóticas”) cidades sabem disso. Mas o PAITT, em seu PLANEJAMENTO IMEDIATO! (Deus pai, tende piedade!) se prepara para fazer o contrário, mesmo alardeando o ato inicial de um Projeto 2040! <http://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/mobilidade-urbana/prefeitura-apresenta-paitt-em-debate-na-unifor> É sempre bom lembrar que por trás dos milhares de planos estruturantes para evitar o caos do trânsito, há sempre um exército de especialistas altamente congestionados na capacidade de ler a Cidade em sua urbanidade cultural. Resultado: em nome da modelagem de um mirabolante “binário da aldeota” - mãos repetidas de avenidas paralelas que possuem duas pistas, uma só indo, outra só voltando - criar-se-á, na Praça Portugal, quatro praças: *Angola, Cabo Verde, Moçambique e Timor Leste* (chamarão assim?). Mas a memória da velha pátria lusitana será mantida, nos quatro cantos do novo modelo, pelo seu subsolo (e subcérebro) tupiniquim. Felizmente a criancinha de Acari, chegou mais vigilante à aconchegante Parquelândia. Bairro distante cerca de 12km do epicentro do PAITT. Daqui assisto praças como Araxá e Santo Afonso abrigando as referências socioculturais do bairro e servindo de abrigo às polêmicas e “PAITTÉTICAS” intervenções que melhoraram o trânsito nos extremos da Av. Jovita Feitosa. Na direção centro, recebendo a conversão à esquerda, antes do Shopping Benfica; já na direção bairro, a manutenção de um sinal de três fases proibindo conversão à esquerda. Tudo somado a novos sinais transversais e abusos de estacionamentos na própria avenida. No final, as duas praças assistem isoladas aos congestionamentos que já chegam até elas. É caminhando em sua direção (ou até motorizado) que me vem reflexão semelhante àquela de Ana Miranda com outro foco. Se as vias Dom Luís, Santos

Dumont e Jovita cedessem uma de suas pistas a um super boulevard, não seríamos todos nós obrigados a ampliar nossos percursos e distribuir melhor a ocupação dos serviços urbanos? Então, por que não cumprir o “fado tropical” de C. Buarque, criando uma *Imensa Praça Portugal*?  
(23/03/2014)

## VIOLÊNCIA DE GÊNERO OU DE GENERALIZAÇÃO?

Somos convidados a deixar nosso “machismo” cultural de uma vez por todas para adentrarmos no Palácio Encantado da Boa Civilização. Passamos, depois de aceitar o convite, nos preparando detalhadamente; pensando no que vamos dizer e no que não podemos, sequer, pensar por um instante. Treinamos com a mídia, com os formadores de opinião, com os amigos mais ponderados, enfim, censuramos os deslizes das emoções de última hora, pois a qualquer momento pode chegar – na porta da escola, trabalho, praia, ponto de ônibus – alguém, com a carteirinha do instituto de pesquisa X ou Y e fazer perguntas “complicadas”; verdadeiras pegadinhas de vestibular, para demonstrar se somos ainda... ou deixamos definitivamente de ser... aqueles “miseráveis machistas” de sempre. Toda uma prova da Nova Sociedade acabou de ser testada – e REPROVADA – na terrível pesquisa do SIPS (Sistema de indicadores de percepção social)/IPEA denominada “Tolerância Social da Violência contra as Mulheres”, editada em 27/03/2014. (vide [http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=21847&catid=10&Itemid=9](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=21847&catid=10&Itemid=9))

O estudo de 40 páginas registra um levantamento feito entre Maio e Junho de 2013 - época em que o Gigante Acordava, “pero no mucho”, como veremos – apontando, entre 3810 entrevistados, em 212 municípios, uma tenebrosa manifestação sexista e machista na amostragem social. O bombardeio de programas de rádio, telejornais e impressos vem sendo, não sem razão, implacável. E a audição de especialistas junta ideias enfáticas para rechaçar, com vigor, os resultados mais perversos do levantamento: 1) 65% dos entrevistados concordam, total ou parcialmente, que “mulheres que usam roupas que mostram o corpo devem ser atacadas” (traduzidos na mídia como “estupradas”); 2) 58% admitem que “se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupro” (saber se comportar significaria necessariamente “recatar-se”).

Não sou um dos 3810 inquiridos da pesquisa; também não estou na minoria masculina da investigação que lidou com 66,5% de mulheres nesse universo. Mas sinto, simultaneamente, as duas dores da violência que a pesquisa evidencia em nossa sociedade. A dor da aceitação de uma doentia moral de culpabilidade feminina pelos crimes contra todas as mulheres. Sem dúvida uma estupidez entre tantas. E a dor do contágio preconceituoso que faz nossos inquéritos estatísticos um exercício de plena falta de ética. Que “raio” de Órgão de Pesquisa é esse que rasga os códigos de conduta para perguntar às pessoas: *A roupa suja deve ser lavada em casa? Tem mulher que é pra casar, tem mulher que é pra cama? Incomoda ver dois homens, ou duas mulheres, se beijando na boca em público? Uma mulher só se sente realizada quando tem filhos?* Entre outras,

indagações que não apresentam formulação inversa. Segue apenas a lógica: um preconceito perguntado será respondido com preconceito! Nas contradições de nosso machismo, a generalização venceu novamente. Aguardemos pesquisas melhores para não ter que ser presos pela Santa Inquisição do IPEA. (28/03/2014)

Curtir o tempo infantil é uma constante da vida moderna. Com nossos filhos, com filhos dos amigos e parentes, na criançada da TV e das ruas, na universalização da escola e dos parques, ícones de vida saudável. A infância é a certeza de que a vida se renova sempre. É como costume dizer aos amigos, só temos duas certezas indiscutíveis: de que vamos morrer um dia, e de que não deixamos de ser criança jamais; seja por bem ou por mal.

Um livro, desses que encontramos nas prateleiras dos fins de semana, brindou meu olhar essa manhã, lembrando que podemos manter a infância mais iluminada do que o infantilismo dos soberanos (o caminho do mal). Trata-se de um simples guia de práticas de Yoga, na melhor linguagem para as mentes ocidentais. O trabalho de Rachel Carr chama-se “Yoga para Crianças” <http://pt.scribd.com/doc/212244163/7143840-Rachel-Carr-Ioga-Para-Criancas>. Minha edição foi impressa na data de 1993, pela editora Martins Fontes. Obra simples, útil e farta de gravuras e sugestões lógicas para o envolvimento de nossos corpos. Um jogo criativo de imitações que nos traz o prazer de uma leitura filosófica, em diálogo permanente com o mundo concreto, sensível e exterior. A autora relaciona trinta posturas, preparadas e executadas por seus próprios alunos, crianças na faixa dos 8 aos 12 anos. As fotografias revelam o momento em que estavam mais à vontade para recriarem o pássaro, a rã, o gato, o lenhador, o coelho, a cegonha, o cavalo de balanço, a bexiga, a árvore e a letra v. Só para ilustrar as dez primeiras posturas ou *asanas* (na linguagem sânscrita da ioga) que permitem a todos nós aprendermos no corpo o que, posteriormente, podemos aperfeiçoar no estudo mental e espiritual.

O ponto de partida de R. Carr foi não ignorar a ideia de que o excesso crescente de proteção, com o qual criamos nossos filhos, estabelece uma ruptura entre crianças “saudáveis” e crianças “flexíveis”. Principalmente nos herdeiros das classes médias, expostos (ou impostos) às vantagens das escolas, das academias, das teles, dos carros e dos condomínios. Brincar de tudo, a partir do chão, e explorar as possibilidades do corpo não esquecer esse princípio tão telúrico, é ponto indispensável à educação positiva de nossa perpétua infância. As instruções “aos pais e professores”, feitas no final do livro, trazem a seguinte declaração: *“As crianças facilmente se aborrecem com o ritmo lento exigido pelas posturas tradicionais do ioga, que os adultos acham tão agradável e relaxante. Para vencer esta barreira, estimei-as a descobrirem a sensação do movimento através da mímica – assim podem fazer de conta que são rãs saltando, pássaros voando e flechas sendo atiradas”*. E após o detalhamento de como essa encenação envolvente reconcilia saúde e flexibilidade, a educadora avança sua argumentação com mais uma descoberta:

“ensinando, descobri mais uma qualidade nas crianças: muitas vezes são elas os melhores professores umas para as outras”. Àqueles que quiserem algo essencial da ioga, minha humilde sugestão de 20 anos praticados é começar da origem: de forma tão sábia quanto plenamente infantil. (29/03/2014)

Uma busca profética às terras prometidas? Antes – na memória hebraica - era uma caminhada para corrigir em Canaã a perda do Jardim do Éden. Agora a narrativa da descoberta de centenas de novos planetas, expressa nosso ilimitado expansionismo cósmico. Vejam <http://info.abril.com.br/noticias/ciencia/2014/02/nasa-descobre-715-planetas-fora-do-sistema-solar.shtml> ou <http://www.nasa.gov/ames/kepler/nasas-kepler-mission-announces-a-planet-bonanza/>. Um assombro de ternura extraterrena! Estamos discretamente desistindo da Casa da Mãe (mais exclusiva e cheia de falsas novidades) por milhares de Casas do Pai (modelo infinitesimal aberto ao mais aventureiro dos espíritos). O telescópio Kepler 296f, lançado em 2009, repete 400 anos depois o olhar profético de seu inspirador, o matemático e astrônomo germânico Johannes Kepler (1571-1630). Transformar o campo da óptica celestial em um desenho de 1700 possibilidades – número de planetas até aqui indicados pelo “gps” cosmológico – conduz a NASA (Agência Espacial Norte Americana) a uma condição invejável de especuladora imobiliária celestial. Não sabemos de fato o preço da indulgência que já pagamos na viagem ocular a esses distantes ecossistemas. Mas é possível considerar, acima de tudo, que a escalada de buscas para além do Sistema Solar, aponte hipótese mais aceitável à tese da vida fora da Terra. Que tal centrarmos nossa procura em um sistema estelar gêmeo ao nosso! Quem sabe não estejamos sós pelo simples fato de Terras outras repetirem, em condições similares, sua órbita e seu processo evolutivo de outros Sóis!

São expressões interessantes do pragmatismo na regularidade da Natureza. Interessante, mas recorrente de uma inconformidade científico-tecnológica. Não podemos ser tão extraordinários assim para só existirmos universalmente na Terra. Forma de vida insignificante, em um lugar tão “insignificante” da caixa preta de apenas uma entre “zilhões” de galáxias. A poética do compositor Lenine, quando afirmava: *“a galáxia está em guerra/ a paz só existe na Terra/ a paz começou aqui”!* O que aparentemente demarca uma afronta aos buscadores de parentesco da NASA. Um dos comandantes do projeto, Jason Rowe contestou: *quanto mais nós exploramos o espaço, mais descobrimos traços familiares de nós mesmo entre as estrelas*. Trata-se de uma ponderação semelhante à visão bíblica do próprio Kepler que teria dito: *“A diversidade do fenômeno da Natureza é tão vasta e os tesouros escondidos nos céus tão ricos, precisamente para que a mente humana nunca tenha falta de alimento”*. Como não temos a fonte exata da citação, ficamos na contemplação das analogias: Um telescópio orbital aponta o infinito e vê: Guerra e Paz, Traços Familiares e Acesso Farto aos Alimentos! Se a Agência Espacial ianque contratasse mais

representantes da insofismável criatividade brasileira, fortaleceríamos esse processo analógico procurando indicadores de Jeitinho no Atraso, Superfaturamento de Obra e Esperanças em Eventos Internacionais. Kepler que se cuide: estamos a caminho do desabrigo! (04/04/2014)



Observamos e somos observados, de alguma forma, o tempo todo. E construímos meios de acreditar que por isso a segurança se tornou mais importante que a liberdade ou a privacidade. É uma posição consistente, moderna e tecnologicamente sedutora. Mas não para a roda dos absurdos e ridículos resultados de nossas “secretarias de segurança pública” quando as estatísticas do fracasso despejam as manchetes da violência urbana. Bate uma saudade quase nostálgica dos velhos “crimes bárbaros”, mas literários, narrados por Gil Gomes nos perdidos anos de 1980. Em “boas” delegacias de polícia de São Paulo, no crepúsculo da ditadura, a fatura de casos levava o inspirado cronista policial (hoje afastado da profissão pelo Mal de Parkinson) a nos envolver na emoção do processo do crime. Houve um tempo em que o crime não visto era visualizado na intensidade de sua interpretação. Mas os sinais do novo papel televisivo já se avistavam, a câmera e computador dariam vez, voz e poder retórico ao monitoramento ostensivo. E passaríamos a acreditar fielmente: quanto mais câmeras ligadas, menos as chances daquela explosiva criminalidade banalizar nossas relações em nosso dia a dia. O vento soprou infelizmente em outra direção. Afinal, por que razão as coisas aqui não seguem a máxima da cinematografia: luz...câmera...ação...aplausos, já que o herói vence no final? Ouçamos, primeiramente a voz meiga e ponderada dos especialistas.

Em um trabalho publicado no ano de 2005 pela revista *Arquitexto* (ISSN 1809-6298), sob o título: “A busca de cidades mais seguras: circuito fechado de câmeras de televisão”, <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.060/467> Dina de Paoli, descreve a evolução dos circuitos fechados na Inglaterra, a partir dos anos de 1980, afirmando: “*a vigilância é importante na medida que, aumentando a visibilidade e o risco de ser visto, o possível criminoso é desencorajado de praticar um ato criminoso. E o ato criminoso só será realmente desencorajado se o sistema de câmeras de televisão traz consigo a certeza da intervenção da polícia*”. A lógica é simples e correta. Mas vale fazer a mesma pergunta do mestre das pernas tortas, querido Garrincha, diante dos esquemas táticos do técnico Vicente Feola, na Copa de 58. Algo mais ou menos assim: o esquema é bonito, mas você avisou aos adversários para se comportarem assim? No contexto inglês, polícia, bandido e câmeras, parecem cumprir o *script* cinematográfico de seus papéis. Porém, nas realidades urbanas brasileiras, as câmeras foram sendo promovidas a peças de exibição de nossas covardias e mediocridades. Todos são vítimas: bandidos, policiais, empresas, sociedade e principalmente o poder público. A tele segurança aqui é apologia da vitimação. Ilustrativas são as acusações de “responsabilidade”, lidas em matérias sobre incêndios a ônibus

<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2014/01/14/assaltos-a-onibus-em-sao-luis-sobem-141-em-2013.htm> (no caso, de São Luiz-MA). As câmeras estão lá; a polícia e o poder público também. Faltaria espírito inglês e sobraria exibicionismo? Gil Gomes já não nos diz... (06/04/2014)

Desde “Beto Rockefeller” e “Irmãos Coragem” curto a audiência da teledramaturgia nacional. Só não disponho mais tanto de tempo e paciência para acompanhar uma novela como fazia naqueles nostálgicos anos de chumbo da década de 1970. Acontece que o diluído horário eleitoral gratuito e o início da campanha eleitoral criam, a cada ano par dessas décadas de 2000/2010, outra Novela, em rede nacional, de fazer inveja a qualquer “Saramandaia” do mestre Dias Gomes. Lembrando a incrível Máquina da Felicidade de Tapiré (vilarejo amazônico da Novela “Além do Horizonte”), acompanhamos tragicômicos episódios de “Mistérios da Petrobrás”. <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/ex-diretor-da-petrobras-fez-fortuna-vendendo-facilidades-na-estatal>. Uma história cheia de vilões, paixões, riquezas e jogos de intrigas na luta pelo maior patrimônio empresarial brasileiro! Essa poderia ser a legenda da nossa mais recente aventura sensacionalista, envolvendo quatro personagens eleitorais, um bando aloprado de coadjuvantes e milhões de espectadores sendo testados na sua capacidade de continuar negando que a vida imita a arte (ou que a boa vida não precise imitar as artimanhas, necessariamente). Claro que passado um tempo, nem escritor nem leitor(es) desta crônica irão lembrar que uma Comunidade misteriosa e corrupta, travestida de desenvolvimentistas ecológicos, tomou o poder global nas entranhas de Tapiré para gerar um lugar paradisíaco “além do horizonte”. Na novela, os jovens heróis são aventureiros que mergulham nas fronteiras desse universo para dismantelar as tramas perversas da tal Comunidade; trazendo ao velho horizonte da autodeterminação e da liberdade, as tristes almas vitimadas pela máquina da felicidade artificial. Essa “felicidade” não passa de um estágio letárgico de perda de crítica e autocrítica, facilitando aos malfeitores o controle sobre todos os sujeitos que passaram pela máquina. Uma ideia sempre bem didática de que a luta do Bem contra o Mal (e o processo de vice-versa), passa boi passa boiada, nunca deixa de ser cativante. Basta-nos meia hora por semana de atenção à parte para termos a exata ideia do todo! É gratificante já termos mais de 40 décadas dessa sabia evolução! Mas nos “Mistérios da Petrobrás”, que assistimos em seguida, a Mocinha Dilma, o Vilão Aécio, o aspirante a Mocinho Eduardo, a sedutora e traiçoeira Marina e o bando de tecnocratas que foram além do horizonte, na “california dream” de Pasadena, todos sem exceção PASSARAM PELA MÁQUINA DA FELICIDADE! Tudo leva a crer que da dinastia constitucional dos Fernandos (I, o Colorido Impostor; II, o Real Privatizador; III, o Sindicalista Inocente) a nova geração de Felizes Candidatos nos garantirá o funcionamento da Máquina a qualquer preço! E a Felicidade dessa gente para permanecer ou chegar a Brasília é uma aventura muito mais valiosa do que qualquer indecente custo do barril de petróleo. Com uma

Mocinha de “invejável” desempenho técnico, um Vilão ágil na criação de CPIs, um Mocinho de olhar penetrante e galanteador e os esquerdismo astutos de sua Lady escudeira, “Mistérios da Petrobrás” promete-nos ser uma novela de tirar o fôlego. Seja do voto, do choro ou do riso!  
(12/04/2014)

## EITA MACHO VIOLENTO! POR QUE NÃO TE EXTINGUES?

Quando voltamos para casa, após um dia envolvente e estafante, buscamos o abrigo do casamento. Aquele momento casal de estar com o outro para estar em si. E se para alguns, isso não representa necessariamente um namoro entre casais, sinaliza ao menos o gesto, o instante ou a manifestação de busca e encontro. Pai e filha, neto e avó, irmãos, primos, conhecidos, entre tantas possibilidades de reconstituição da parceria feminilidade ⇔ masculinidade. Seleção natural domesticada pelas maravilhosas e diversificadas formas de reproduzir o sopro civilizatório do Amor entre seres portadores (conscientes ou não) do anima/animus. Divindades que nos habitam.

Gostaria muito de continuar falando desse encontro divino. Mas um estrondo, na janela do prédio ou na caixa de som da TV, berra quase sem pensar: *Marido mata Mulher a golpe de enxada! Bandido elimina mãe e filha à queima roupa; Amante degola namorada para vingar humilhação.* A coleção de imagens infernais avança das tardes de nossas “Cidades Alertas” e “Brasis Urgentes” para os comentários de nossos vizinhos: *Eita Macho Violento da Porra!* Aquilo me bate como uma dor não localizada. Por isso pergunto de olhos fechados: Por que não achamos um jeito ainda de extinguir a macheza em nome da masculinidade sadia? Aquela que encontra na feminilidade não uma oposição; mas uma razão de existir. Masculinidade sem Feminilidade é apenas um desequilíbrio mortal. Indignar-se, diante da violência de gênero – em seus abusos contra a dimensão feminina da existência - demanda uma ética inegociável. Homens e Mulheres precisam nutrir táticas de vigília contra todo “macho violento” que nos habita. Embora, tão valorizado, no cotidiano dos cumprimentos regionais – boa parte do povo cearense se orgulha do típico cumprimento a um conhecido pela expressão “Ei Macho” – tal “elogio” nos sugere uma ameaça de confusão perigosíssima: ser masculino como sinônimo de “macho”. Se for só pela brutalidade da submissão. Algo que a entrevista de Sócrates Nolasco nos esclarece [http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/40095\\_A+VIOLENCIA+E+MASCULINA](http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/40095_A+VIOLENCIA+E+MASCULINA). O professor de Comunicação da UFRJ analisa a emergência da violência do macho (um masculino sem o feminino), no contexto da banalização dos papéis sexuais. Vale pensar cirurgicamente a esse respeito, antes de criar modelos de “pacificação” nos guetos de violência urbana. Afinal, após anos de vigência da Lei Maria da Penha (11.340/06), o crescimento do aparato institucional não conteve o poder do “Eita Macho”. Sensibilidade com inteligência “now”!

Uma ilustração de tal poder maldito encontra-se na cultura musical brasileira. Comparem os versos de “Minha Mulher” de MC Luan <http://letras.mus.br/mc-luan/1838244/> com os de “Meu Homem” de Beth Carvalho <http://letras.mus.br/beth-carvalho/890165/>. A segunda descreve o que

é o encontro sadio da masculinidade com a feminilidade: projeção de um sonho de Liberdade. Já a primeira... só para rimar, “rala a bunda no chão” da escravidão sexual; e nos traz o pesadelo do que é ser Macho: algo que serve para não ser nada mais além de uma Excrecência Humana.  
(13/04/2014)

As competições nos indicam o caminho imaginário dos títulos. E buscá-los é cumprir a saga natural da demonstração – em resultados completos – do quanto o árduo trabalho foi compensado no final. Acontece que esse final é altamente seletivo e excludente. Em um circuito de 10, 20, 30 competidores, apenas 1 deve lograr o alcance pleno dessa demonstração. No Carnaval carioca de 2014, presenciei o título da Unidos da Tijuca para testemunhar minha escola ser vice-campeã. Paciência. Coisas que acontecem! Na final do Campeonato Paulista, presenciei o título do Ituano Futebol Clube e testemunhei meu time ser vice-campeão pela segunda vez (2013/2014)! Paciência... Coisas que se repetem! Caminhamos em ritmo acelerado para novos torneios – de futebol, cultural, eleitoral. No caso do campeonato Cearense, uma das tradicionais equipes – Fortaleza ou Ceará – será Vice! Aí pergunto: quantos de nós, torcedores ponderados, mas tão envolvidos, estão verdadeiramente preparados para essa difícil conquista? Lembremos a busca insistente, em 1998, por uma justificativa personalizada para o vice-campeonato do Brasil no Mundial de Futebol da França. Falou-se da força ritual do hino francês na inspiração de seus heroicos gladiadores; desenhou-se a superioridade cosmopolita nos “bleus” em compor uma representação mais multicultural que os habilidosos “canarinhos”; mas optou-se pela polêmica entorno da saúde debilitada de Ronaldo “Fenômeno”, que teria sido escalado apenas para que os brasileiros já não entrassem preocupados com a ausência dele! Não importa a causa; só a frágil explicação para uma vexatória derrota, como se o vice-campeonato não fosse uma obra quase plenamente vitoriosa. Contudo, seguindo o senso comum do Doutor House, “quase vencer não muda nada”. Só a vitória efetiva valida o sucesso como um valor, reto e correto. Nossa sorte, aqui, é poder contornar valores tão radicados na retidão. Por isso convocar uma fonte menos midiática, como o “Assim Falava Zaratustra” de Nietzsche, dizendo: “Tudo quanto é reto mente [...] Toda a verdade é sinuosa: o próprio tempo é um círculo”. E na circularidade do tempo, times, agremiações carnavalescas e candidatos a todo tipo de exame de seleção, fazem de suas derrotas momentos especiais de busca para significativas vitórias. Vitórias também, momentâneas; porém mais probabilisticamente acessíveis que os distantes sabores daqueles que ficaram para trás, sem sequer chegar tão perto. Foi o que senti, nas derrotas da seleção Brasileira em 1998, da Acadêmicos do Salgueiro e do Santos Futebol Clube, em 2014. Porque foi o que vivi em uma infinidade de vezes que recebi o Não no lugar do Sim. Em todos os Nãos nos quais minha sensação foi de vice, voltei a tentar com mais determinação ainda. Algumas dessas vezes me deram a condição do dever cumprido; outras, o êxito da vitória com todos os seus méritos. Por isso afirmar com uma medalha

de prata no peito: Ser Vice é aprimorar os detalhes para o próximo *Round*. Que a torcida vice, do Ceará ou do Fortaleza, vença em sabedoria de Zaratustra, para não se imaginar super-homem ou suicida antes do tempo! (18/04/2014)



Estamos a seis meses de mais uma eleição geral no país; e nos aproximando de um abismo intransponível. Mas vivemos “bem” assim, como se estivéssemos curtindo a adrenalina numa montanha russa. Isto é, nós, o conjunto de brasileiros incluídos no playground do Plano Real (versão 2011-2014); porque os excluídos – com ou sem abismo adiante – continuarão assistindo as brincadeiras da corte, com as mãos estendidas nas grades do castelo, até que sobre uma vaga na Barca da Morte. Claro que todos nós vamos ter de ocupar, algum dia, essa vaga. Mas viver e esperar com dignidade não precisava ser privilégio de tão poucos milhões, enquanto outros nada esperam! Ao contrário daqueles, as lideranças que fizeram carreira sólida, no regime democrático (últimos trinta anos), ostentam uma empáfia digna de semideuses. Essa crônica se dirige a um questionamento que antecede a hipótese da “máquina da felicidade” (Crônica 13), para a qual recorri no sentido de acompanhar a novela “Mistérios da Petrobrás”. Teriam nossos governantes descoberto que o Egocentrismo Absoluto é o mais estratégico meio de perpetuação do poder, independente de todas as calamidades e corrupções na gestão do bem público? Estariam eles convictos de que ao imitar nossos pais – encenando o judeu Guido ao proteger o pequeno Giosuè, em “A Vida é Bela” (1997) – conseguiríamos ver um país maravilhoso em um campo de concentração? Tais perguntas emergiram quando assisti a jornalista Mirian Leitão <http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2008/01/11/entrevista-com-especialista-em-energia-mario-veiga-86595.asp> (ouça também na CBN <http://cbn.globoradio.globo.com/programas/cbn-brasil/2014/02/19/ESVAZIAMENTO-DOS-RESERVATORIOS-E-SINAL-DE-QUE-TEMOS-UM-PROBLEMA-ESTRUTURAL-NO-SETOR-EL.htm> entrevistando Mario Veiga, presidente da Consultoria PSR, que indicou um percentual de 18,5% de chances de termos um racionamento nacional e severo de energia em 2014! O que é considerado para o sistema, risco altíssimo! Disse ainda que a melhor maneira de reduzir tal severidade seria antecipar, para maio/2014, o início do racionamento. E, ao longo dos próximos meses, promover a correção dos problemas estruturais acumulados na má gestão do sistema. Financeira e Fisicamente, a produção energética do país está no mais calamitoso dos níveis da história. A base de dados de Veiga são as informações numéricas que o próprio Operador Nacional do Sistema oferece; e seu didatismo é digno de esclarecer a complexidade a qualquer analfabeto. Só tem um problema nessa história abismal: a terapia do egocentrismo, incentivada por magos-governantes como o ministro Edson Lobão (vide [http://www.mme.gov.br/mme/noticias/destaque3/destaque\\_490.html](http://www.mme.gov.br/mme/noticias/destaque3/destaque_490.html)) continua direcionando

nossa crença em um “bom” Governo Dilma, como se este fosse bastante técnico e rigoroso! Se quisermos continuar nos sentindo como filhos de Guido, fazendo de conta que “campos de concentração” são coisas do passado, daremos à Grande Família Rousseff a chance de consertar em mais 4 anos boa parte desses desmandos. Mas estaremos cientes de o Egocentrismo Governamental ser uma doença degenerativa; e seu futuro não é levar à morte, mas nos fazer viver da morte, o tempo todo. (19/04/2014)

Devo realmente ter um problema ou trauma de adolescente agitado com a Ciência Geográfica. E não o perceber no cotidiano de minhas aulas e pesquisas, frente a esta Ciência tão mundana que me acolheu. Mas é na oportunidade de dialogar sobre um de seus objetos mais opressivos – os lugares modernamente “planejados” – que o mal-estar transparece. Ganha “ares” de masoquismo intelectual; salta aos olhos e faz o coração bater sem nexos... Claro, isso só por alguns instantes; depois voltamos à normalidade do cotidiano menos consciente e mais saudável, como sempre.

Essa digressão se deve ao 54º aniversário de Brasília. Feriado cívico de escala nacional, pelo enforcamento de nosso Cristo Mineiro, dito “Tiradentes”. E renovado na consagração fundacional da “Jerusalém Planáltica”, a moderna Capital, Brasília. Festejos a parte, e sem qualquer desrespeito aos queridos brasilienses, todo o Plano Piloto sempre me deixou muito desgovernado. Desde que a visitei pela primeira vez, em 1977, tive a impressão de que precisava correr muito para alcançar um lugar acessível ou confortável. Fiz isso com o desafio da molecagem nos gramados da Esplanada dos Ministérios. Não demorou 5 minutos para uma poça de lama me alcançar; e o infinito da paisagem ter um fim, no corpo acidentado. Os outros seis dias que passei na capital, foram para ouvir dos pais e amigos: “olha por onde anda, para não se machucar de novo”. Acho que ouço isso até hoje, quando Brasília de um jeito ou de outro pousa seu “plano piloto” em mim. E o velho sonho de ser construtor de aviões, bate às portas de minha geografia errante. Peço que espere um pouco antes de atender. Hoje pelo menos tenho muitos pensadores para ajudar-me no convívio com velhos fantasmas. A única coisa que me incomoda é saber por que são justamente os Geógrafos aqueles pensadores que menos ajudam? Seria pelo fato desses cientistas serem tão devotos ao Santo Planejamento; deus, também brasiliense, no qual eu tento, tento, tento, mas não consigo mesmo acreditar? Não se preocupem em responder. Só se tiverem tempo de admirar duas reportagens do Correio Brasiliense dessa segunda-feira. A notícia “geográfica” nos explica os céus de

Brasília

[http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/especiais/oceudetodosnos/2014/04/21/interna\\_ceudebrasil,423873/geografia-explica-vista-privilegiada-do-ceu-de-brasil.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/especiais/oceudetodosnos/2014/04/21/interna_ceudebrasil,423873/geografia-explica-vista-privilegiada-do-ceu-de-brasil.shtml), lembrando que tudo se reduz a combinação entre altitude e aplainamento da paisagem. E a “poética” ou “mística”,

[http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/especiais/oceudetodosnos/2014/04/21/interna\\_ceudebrasil,423876/ceu-de-brasilia-despertou-o-misticismo-de-clarice-lispector.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/especiais/oceudetodosnos/2014/04/21/interna_ceudebrasil,423876/ceu-de-brasilia-despertou-o-misticismo-de-clarice-lispector.shtml) advém do deslumbramento de Clarice Lispector, ao afirmar que, em seu “respirar a cidade”, renovava um

pacto com Deus. Claro que o jornalismo nos permite ler e absorver a complementaridade positiva das duas versões de homenagem a uma cidade tão nova, imponente e patrimonial. Não discuto e nem duvido dessa motivação, por lembrar as formas com as quais se costumam homenagear nossas capitais, São Paulo, Rio, Fortaleza. Discuto apenas a “luxação” que voltou ao meu braço pelo tombo no buraco do aplainamento. E o alívio de Clarice ao nos legar visão que implique mais... e explique menos! (21/04/2014)

Naquele singelo povoado de 200 milhões de espíritos esperançosos, a vida continua mostrando seu esplendor. Bem-humorado e distante de todos os males ainda presentes aquém do horizonte, a Ilha de Vera Cruz (IVC) aguarda com ansiedade seus próximos grandes eventos; enquanto os artífices do destino costuram pitorescas tentativas de tumultuar uma vida tão boa. Aqui do meu humilde posto avançado e na condição de mero Narrador (escrito, educador e palpiteiro), muito criticado por ligar “lé com cré” e dizer coisas “nada a ver”, sigo admirando as vozes e práticas das grandes personalidades políticas dessa “Terra Sem Mal”. E quando o dia já vai terminando, sigo sábios apelos de vovô e vovó, ao recomendar-me os melhores comportamentos na cama: “Antes de pegar no sono, meu querido, procure ouvir mensagens positivas e edificantes. Reze a Deus para que a Graça desses dizeres venha iluminar seus sonhos!”. Fiz isso ontem antes de deitar. Foi quando me deparei com as palavras de Agripina Cruz. A heroína de “Mistérios...” é filha de uma revolução pop, conduzida nos últimos 12 anos, a partir do grande líder da Casa dos Fernandes, Vespasiano Cruz. Virou Mocinha e se tornou autora desse meu novo canto de ninar: *Nós fazemos a nossa parte. Os estádios estão prontos, os aeroportos estão prontos. Eu não tenho dúvida de que, tanto fora de campo como dentro de campo, nós vamos mostrar a força do nosso país.* (Jornal “Folha de São Paulo”, edição online de 26/04/2014). Que palavras geniais! Vamos mostrar ao mundo, de uma vez por todas o que é a realidade paradisíaca dessa incrível Ilha. Embalado no sono bom de tanta sabedoria política, fui me deixando contagiar por uma avalanche de obras carnavalescas. Afinal, a voz de Agripina pode transformar qualquer pesadelo em sonho, qualquer jogo de bicho em investimento, qualquer Eremildo (de Gaspari) em um Veracruzeta Feliz!

O sono avançava e a força de nosso país ia transparecendo em minhas imagens noturnas. Vamos mostrar o lugar da mais Ecológica das Copas, como nos prometeram em 2008, por que com racionamento e estagnação econômica, o desmatamento da Amazônia, da Caatinga e do Cerrado só diminui. Que outra líder poderia antever tal consciência ambiental? Mostraremos também praias seguras, hospitaleiras e abertas à artesanania da subida do mar. Sua capacidade de engolir areia e invadir calçadões é uma pedagogia esportiva aos saqueadores que se divertem na orla da Petrobrás, a Multinacional Quitanda, onde canta o sabiá! A bola do jogo é tão previsível (nos campos e urnas) que será a vez de expor as catedrais sonhadas por D. Pedro II: a transposição do São Francisco, as parcerias latino-americanas, a planejadíssima capital federal, a integração do Acre pela primeira hidro rodovia do séc. XXI, o aquário e o metrô de Fortaleza! Tudo pronto, lindo e convincente de que nada foi feito para durar apenas e tão somente um Sonho de Carnaval... Finalizei, desfilando

no “Sonhar Com Rei dá Leão” de Joãozinho Trinta (1976). <http://letras.mus.br/beija-flor-ri/682534/>. Agripina é uma Mocinha encantadora. Mas nos deixa dormir mais do que deveríamos. (26/04/2014)

As marcas do lugar que você escolheu como “seu” estão em você. Às vezes podemos encontrá-la também no mencionado lugar. Mas em geral tais registros emergem como representação “vagalume” (estilo presença/ausência) dos valores de quem vive esse lugar; seja na distância ou na constância de “levá-lo” a outro canto, especialmente dedicado a venerá-lo. É o que sente, pensa e até renega um coração migrante. E as pessoas que não vivenciaram os traumas da migração vão continuar sem entender os múltiplos dramas de ser migrante. Principalmente quando um sentimento migrante forja uma ideologia de vida, perpetuando nossa identificação com lugares caóticos, cheios de problemas ou vazios de referência. Por isso São Paulo dos Campos de Piratininga (um Haiti que [não] é aqui), tornou-se a Minha Malvada escolhida. Uma espécie de GRU – grande razão urbana??? – da minha forma de agir, coexistir e delirar, sobre meu presente-passado, recontando um pertencimento e visão de mundo. Mas ainda sobre meu presente-futuro, ao formatar fio a pavio o sonho de retorno àqueles campos cinzentos, onde pisei inverno de 1975, morei trinta anos e planejei voltar antes de partir rumo à Grande Viagem. Como disse em sala de aula nesta semana: “Nada oprime mais que Família”. No teatro da benvinda opressão familiar, São Paulo é minha arena favorita.

Assistindo à reapresentação do filme “Meu Malvado Favorito” (2010), lembrei a dificuldade que alguns colegas sentem, tanto em Fortaleza quanto em São Paulo, ao ouvir meu projeto de retorno futuro a morar na Paulicéia. Os daqui recebem isso como um quê de ingratidão ou insatisfação frente à fartura (e não é pouca) que o Ceará me proporciona. Os de lá, ampliando à exaustão tal “fartura”, tendem a reconhecer que continuo com um “parafuso a menos” e uma invenção a mais. Afinal, voltar para quê e por quê? O filme responde: porque em nome do amor e do coração, é possível até roubar a Lua, trazê-la à Terra e corrigir sua jornada no retorno do herói. Como dizia Joseph Campbell (O Poder do Mito, 1990), somos como dragões alados (meio águias, meio serpentes). Equilibrar esses monstros demanda um lugar mítico de domesticação. Cada um, cada família, cada povo tem o seu. O meu é Sampa, uma topofilia desenhada entre o Viaduto do Chá e o Largo do Café; e arquivada em nosso Museu Patrimonial do Villa das Flores, em Campo Limpo. Por falar em Patrimônio – objeto lúdico do dragão que me habita – vale a pena tomar seus conflitos e especificidades como referencial ao entendimento de qualquer migrante. Se somos nômades por natureza e inventamos um sedentarismo (rural ou urbano) para a transmissão de boas histórias de conquista, podemos aprender a ler a geografia de um lugar no exílio, no refúgio, no turismo e nos sertões de outras vidas. Quando se propõe a discutir uma política nacional de

imigração, <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,sao-paulo-propoe-pacto-nacional-paraimigrantes,1158746,0.htm>, frente à questão haitiana, Sampa deveria lembrar que a cidade é um modelo migratório; não uma vítima da migração. Até GRU adotou essa ideia! (27/04/2014)



## SUDÃO DO SUL NÃO É AQUI NEM LÁ! COMO LECIONÁ-LO?

Fora da Copa, fora do mapa de relevância, fora dos exemplos mais sensatos de nossos gurus midiáticos e/ou acadêmicos, fora das nossas ideológicas preocupações cotidianas, o Sudão do Sul, até aqui o mais caçula dos estados-nações, resolveu entrar na escola. E fez isso para perguntar a esse educador de educadores: “Diz aí Mano Christian como é que eu faço para aparecer nas aulas de seus jovens professores?”. O baque foi grande porque o “não sei” pouco cedeu espaço. O jeito é consultar o Oráculo Google e não desistir com a pior cusparada no melhor dos mundos! Achei para começar uma entrevista com o Coronel Amado Marto, representante brasileiro nas forças de segurança da ONU <http://www.onu.org.br/especial/sudao-do-sul/>. Claro que é a voz inteligível de um tupiniquim no deserto desse planeta Vênus, sem aquilo que chamamos de Amor; mas é uma aula não formal das enormes possibilidades que temos de “enfiar o pé” na “realidade geográfica” que a globalização convencional não alcança sem a criatividade docente.

O jornal Folha de São Paulo assim noticiava o nascimento do novo Sudão em 09 de julho de 2011: *Sob o olhar preocupado da comunidade internacional, nasce hoje o 193º país do mundo. Devastado por décadas de guerras civis, o Sudão do Sul partilhará com Somália e Afeganistão os piores indicadores sociais do planeta...* A preocupação só ganhou força quando os conflitos armados voltaram no final de 2013, confirmando a ideia de que nenhuma ruptura territorial pode ser ícone de desenvolvimento. Há que rever investigações sobre a formação do Sudão (1956), no âmbito das modernas nações africanas, lembrando suas grandes guerras civis (1955-1972) e (1983-2005), envolvendo disputas de toda ordem, com o Oeste (Narfur) e o Sul (hoje outro país). E explorar reflexões que ultrapassem o senso comum científico forjado pelas seguintes máximas: a) o drama da África é o imperialismo externo, anterior e posterior às independências; b) as fronteiras nacionais não reconhecem a territorialidade étnica; c) a economia do petróleo (ou minérios) alimenta o poder sádico dos dirigentes contra a unidade africana. Encontramos estudos voltados a esse enfoque. Mas não encontramos quem observe, por exemplo: w) que o imperialismo também é micro e interior aos povos; y) que qualquer nação moderna é multiétnica e as migrações só fomentam isso; z) que são exatamente os acessos aos recursos naturais, como o petróleo sul sudanês (75% das reservas do antigo Sudão) os indicadores de que o sadismo não está no poder, mas na ilusão da independência. Portanto professores (as), quando aceitarem extrair uma aula de geografia com mínimo de informação e máximo de possibilidades, associem (a+b+c) em um contraponto (w+y+z), chegando ao X da questão! Sudão do Sul, África, Terra são “abstrações” distantes, demandantes de nossos pés. O que se renova na Geografia Escolar depende menos do

seu ensino e mais das táticas de sua aprendizagem. Resta-nos escolher pisar na realidade, caindo ou bailando, como em um teatro imaginário de lugares. O povo da Capital Juba e Região sentir-se-á grato pela escolha! (01/05/2014)

Hábitos alimentares nunca fizeram parte de meu paladar reflexivo. Mas devo reconhecer que tais hábitos alimentam a razão, minuto a minuto, de muita gente. Principalmente aqueles que fazem da associação Saúde ⇔ Nutrição ⇔ Bem-estar um elo indispensável à construção da “verdadeira” qualidade de vida. Tenho cá minhas dúvidas e certa teimosia em pensar que damos muita importância às generalizações estatísticas das dietas saudáveis, enquanto esquecemos a observação mais atenta do ritual alimentar. Comer e beber são ritos da mais alta sociabilidade humana e podem se tornar profundamente desintegrados e embrutecidos quando orientados por uma Gastronomia discriminatória. Não se deve comer isso, não se pode beber aquilo, o consumo de certos alimentos é um risco à vida saudável... concordo em casos e tempos extremos. Uma bela feijoada (farta e gordurosa) antes da prova de um concurso público é um apelo à reprovação; mas o candidato que optar por comê-la depois da prova, pode viver com seus colegas a satisfação desse rito, independentemente de ter passado. A possível ilustração acaba atraindo outros muitos exemplos, abrindo o debate do que devemos, podemos, queremos e recusamos comer. A Gastronomia de fato é a Arte-Ciência que transforma nosso aparelho digestivo no verdadeiro centro do existencialismo humano. Depois de conviver com uma daquelas inflamações gástricas de meia idade, passei a observar-me mais ocupado com limites e potencialidades dessa Arte e suas escolas científicas.

Relembrei há pouco o prazer que senti em descobrir nas proximidades do centro de Sevilha, um restaurante self-service, de comida brasileira, semanas depois de chegar em Andaluzia, para o estágio pós-doutoral de 2011. Às vésperas do meu aniversário, aquela identidade culinária parecia um presente dos deuses da minha tribo. Mas era a mistura que me cativava; não a discriminação das comidas. Aí fui buscar um pouco de teoria para apimentar a lembrança e deparei com o texto de Susana Bleil (nutricionista da Fiocruz), que publicou o artigo “O Padrão Alimentar Ocidental: Considerações sobre a mudança de hábitos no Brasil” (Cadernos de Debate, Vol. VI, 1998, p.1-25), para tratar do empobrecimento da identidade culinária brasileira frente à explosão do “fast food”. Toda uma argumentação político-ideológica é feita para mostrar que o alimento tradicional perde espaço para uma comida desprovida de saber e sabor. Porém não se menciona que essa padronização também dá espaço à emergência do artesanato de novas misturas experimentais. É o caso da Cozinha Contemporânea que nos sugere, por exemplo, uma rabada desfiada com *soufflé* de mandioquinha e brotos de agrião. ([http://www.olhardireto.com.br/conceito/colunas/exibir.asp?artigo=Aventurese\\_pela\\_cozinha\\_contemporanea\\_aprenda\\_a](http://www.olhardireto.com.br/conceito/colunas/exibir.asp?artigo=Aventurese_pela_cozinha_contemporanea_aprenda_a)).

Não quis aqui discutir receitas; muito menos negar as recomendações nutricionais que ajudam a ponderar nossos desejos, em um parâmetro saudável. Quis apenas relembrar a Parceria Titânica da Fome com a Diversão e a Arte. Sem isso, não vale a pena comer nem beber. Com isso, vale o sabor do saber, e ao revés. (02/05/2014)

O crepúsculo das 19h30, em Fortaleza é o momento mais poético e fascinante do dia. Ele está morrendo no pôr do sol e deixando o melhor de sua jornada aqui para nós. O pedacinho explosivo do formigamento coletivo que enche as ruas – quando não é fim de semana – e as saudosas lembranças, minhas e de Minha Companheira de Viagem. Saímos da nossa Toca-Maison 306 e caminhamos em busca do Clube da Esquina. Por meia hora ouvimos enevoados: “Noite chegou outra vez de novo na esquina/Os homens estão, todos se acham mortais/Dividem a noite, lua e até solidão/Neste clube, a gente sozinha se vê, pela última vez/À espera do dia, naquela calçada/Fugindo pra outro lugar”. Quando retornamos, renovamos a espera dessa saudação com as mil e uma formas de fazer da poesia um sustento indispensável da viagem que a vida noturna nos lega.

Mas paradoxalmente, foi no calor extasiante do meio-dia, que o vasculho cibernético me fez chegar ao conhecimento mínimo – e reconhecimento máximo – do Poeta Soares Feitosa, em sua magistral obra de garimpagem literária denominada Jornal de Poesia. <http://www.jornaldepoesia.jor.br/>. É preciso falar baixo a partir de agora, pois boa parte do elogio ao que esse Médium Cearense nos legou, deve continuar oculto... sem a visibilidade dos holofotes... nem a ostensiva mania de mensuração que quer transformar em ranking o que não foi digerido como rango (alimento vital)! Soares Feitosa foi entrevistado pelo jornalista Carlos Augusto Viana, do Jornal Diário do Nordeste <http://www.revista.agulha.nom.br/viana06.html>, e transformou “pontos de vista” em favos de ideias recheados de poesia. Após nos recordar que seu apego à literatura veio da propaganda do Biotônico Fontoura – *“dali em diante, me danei a ler”* – Soares associa noite e poesia, como tantos pensadores bachelardianos já o fizeram: *“O estado poético é ver as coisas pelo lado noite. Pelo lado dia, hão de ser vistos os problemas da sobrevivência, habitar, comer, empregar; falar com os políticos, pagar contas, essas coisas. Ver com os olhos da noite pressupõe uma dimensão não-racional, de enlevo, acendimento e ascendimento”*. O poeta só alcança o mar aberto da poesia de si aos 50 anos, pois até então nada tinha escrito. Mas para provar que o tarde é mais sábio que o nunca, seu livro “Psi, a penúltima” assim como tantas outras poesias, links e divagações noturnas estão presentes no site do JP sob a proteção lírica de Castro Alves, chamado por ele de “Menino”. Somos assim, convocados a nos fazer Meninos e Meninas, para dilatar o Ser Poético que nos espera em qualquer pôr do sol.

Neste fim de tarde, ao menos Eu e Ela, poderemos ouvir a voz de Soares declamando a Escuridão. E a avançar na melodia de Milton Nascimento, sem o sentimento doloroso de sua aparência. “Perto da noite estou/O rumo encontro nas pedras/Encontro de vez, um grande país eu

espero/Espero do fundo da noite chegar/Mas agora eu quero tomar suas mãos/Vou buscá-la aonde  
for/Venha até a esquina, você não conhece o futuro/Que tenho nas mãos”. (04/05/2014)

As Democracias ganharam uma leitura globalizante e empobrecedora nas últimas décadas. Elas permitiram nesses conturbados anos do Pós Segunda Guerra Mundial (finalizada faz 59 anos) uma troca de modelos por personalismos. Lideranças mostram-se incapazes de legar aos futuros dirigentes, do ainda jovem século XXI, um mínimo de sensatez no trato discursivo do jogo de revezamentos políticos. Sem o qual a diversidade perde qualquer sentido. Ao assistir as agências internacionais de notícias e optar entre o “desespero” (se estivermos atentos) e o “desprezo” (se tivermos mais o que fazer) elegemos a mesmice corrosiva das unanimidades. Carlos Drummond de Andrade que me perdoe, por usar como paródia do “amor democrático” sua imaculada poesia “Quadrilha”. Mas é possível encadear nossos líderes no seguinte trezinho: Maduro, que amava Obama, que amava Kim-Jong-Un, que amava Netanyahu, que amava Goodluck Jonathan, que amava Passos Coelho, que amava Pranab Mukherjee que amava Raul Castro que amava Agripina, que não amava ninguém... Como estamos vivendo sempre felizes, na Ilha de Vera Cruz, sabemos que a segunda estrofe dessa improvisada “Quadrilha” pouco interessa. Vale mesmo é saber com qual dos candidatos nossa Mocinha Agripina Cruz terminará (no bom ou no mal sentido). Constatamos que os espaços de uma efetiva revitalização democrática do poder social passam pela ação formativa. Raros exemplos emergem de escultores conceituais. O site <http://www.democracia.net/>, conduzido pelo cientista jurídico Jean Marcel Fernandes, nos aponta caminhos para ler a democracia com devido distanciamento do democratismo que a quadrilha nos oferece. Por meio deste – e tantos outros veículos, que não reduzem o todo da política à totalidade mísera dos discursos para ingênuos e “populares” – podemos escapar dos Dragões da Maldade. Ou ironizar seu “mugido” diante da interpretação leviana dos fatos. O maior candidato à condição “Mocinho” porvir, para tentar o comendo de nossa Ilha (parte real e parte “da fantasia”) aqui denominamos Sebastião Espada. Restaurador primordial do Regime Democrático, forjado faz 30 anos por Vovô Tertuliano Espada. Vovô ganhou, mas não levou. Passou a faixa para outros negociantes. Mas diante das negociatas dos últimos anos, o Netinho já discursa com o mecanicismo dos sábios comandantes: *As denúncias de corrupção influenciaram [no resultado da pesquisa]. Afinal, uma quadrilha estava levando a Petrobrás à situação de insolvência e a população está vendo isso*”, disse nosso Sebastião Spada, dia 09 de maio, conforme o jornal Folha de São Paulo, ao comentar os mais recentes dados da corrida eleitoral. SS demonstra o velho princípio do quanto pior melhor. Aproveita sua liderança oposicionista no Senado Federal para traçar um projeto político de conquista a qualquer preço, labutando por CPIs da Petrobrás, sem

jamais indicar qual a transformação administrativamente democrática e tecnológica vai permitir a saída do atoleiro. Spada espera convencer nossos corações como alternativa democrática! Se continuar desse jeito, convencer-nos-á ao gás paralisante de trocar seis por meia dúzia. (10/05/2014).



No lazer de fim de semana, a fatura das teles (televisores e notebook) nos lança à busca de novidades. Fui encontrar na televisão espanhola a cobertura da 59ª edição do Festival da Canção (Eurovision Song Contest), colocando em disputa as melhores interpretações de cada um dos países participantes. O megaevento anual, que mobiliza todos os países europeus e vizinhos - como Marrocos, Israel e Azerbaijão - reuniu em Copenhague (Dinamarca) os vitoriosos na disputa do certame nacional. A conquista do primeiro lugar coube a Conchita Wurst <http://www.publico.pt/cultura/noticia/a-senhora-de-barba-venceu-o-festival-da-eurovisao-1635456#/0>, intérprete austríaca, cuja classificação para finalíssima já havia gerado polêmica na própria Áustria e países do Leste: Bielorrússia, Armênia e Rússia. Motivo: Conchita é o cantor Tom Neuwirth, de 25 anos e disposição política suficientemente firme para fazer de sua arte uma bandeira da tolerância cultural, no âmbito da sexualidade. Conchita/Tom, diante da vitória com a canção “Rise like a Phoenix”, declarou: “Esta noite é dedicada a todos os que acreditem num futuro de paz e liberdade. Somos unidade e somos ‘imparáveis’”. Somos quem afinal?

Ver e ouvir tal espetáculo me trouxe à memória os tempos da revolução estética de “Secos e Molhados” (1973). O hibridismo legado, na performance de Ney Mato Grosso, J. Ricardo e G. Conrad, em pleno auge da censura ditatorial, foi pioneiro no exercício da tolerância. Muito tempo se passou para que críticos e o público concordassem em ver no “Travesti Barbado” da Eurovisão um excelente cantor. Como não consigo formar uma posição sem ter acompanhado sua trajetória, prefiro apenas inquirir a estética da sexualidade dessa mensagem de hibridismo. Em que medida minha tolerância sexual se amplia ao ver Conchita cantar? Na medida em que olho a feiura e não vejo beleza? Ou na medida em que ouço, deleito e não distingo nada além de uma harmonia sonora? É preciso refazer o caminho das diferenças possíveis em universos prováveis de padrões culturais. Não li o suficiente, mas farei com atenção redobrada o artigo de Luiz Fernando Cardoso, “Inversões do Papel de Gênero: ‘Drag Quens’, Travestismo e Transexualismo” (publicado na Revista “Psicologia: Reflexões e Crítica”), como caminho de amadurecimento dessa tolerância para além de uma “eurovisão”, digamos. Sabemos que as barreiras à troca de identidade sexual, de posturas e de gênero continuam abertas; ou se acirram a cada momento que um preconceito se impõe como normativa, ultrapassando (o que não foi o caso aqui) os limites da polêmica. E que barreiras internas às mudanças mais imprevisíveis – como A gay ou O lésbica assumirem a condição heterossexual ou assexual por opção espiritual – continuam sendo lidas como perversas repressões da sociedade capitalista (guarda-chuva de tantas outras). Entretanto, outros hibridismos

poderiam canalizar o debate para enriquecer a visualidade dos gêneros. “Gêneros literários” e “Gêneros de vida” poderiam tornar os sexuais mais infinitos. Tudo ainda me parece muito limitado pelos estereótipos, infelizmente (10/05/2014).

As trombetas do cerco de Jericó não param de ressoar. Clamam Justiça. E ela responde, negando, em nome de um deus (que exige ser chamado de O Deus), a legitimidade do pedido mundano: “Juiz diz que umbanda e candomblé não são religiões” <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,juiz-diz-que-umbanda-e-candomble-nao-sao-religioes,1167765,0.htm>. A velha e sábia Justiça Divina clama falsa paz aos filhos “amados”; e aqueles que “ainda estão amarrados” – segundo ela – massacram nos caminhos que não levam a Deus. Ah, Meu Deus do Céu “tão recheado” de todas as minhas infinitas Deusas Terras! Será que ainda vamos demorar muito para ouvir um concerto de chorinho e jazz emergindo dessas trombetas infernais? O bom de um coração moleque como o meu – que só consegue crer em Deus de Todos os Nomes porque bem sabe o quanto Ele crê em mim – é ler uma barbaridade dessas transformando a aceleração da revolta em “remota batucada”. Os olhos vermelhos desse bando de piratas da fé precisam ser tingidos pelos “Olhos Verdes” da mulata <http://letras.mus.br/elisete-cardoso/1499371/>, requebrando na Dança da Criação do Universo. Um Shiva indiano que se recria num Tupã indígena, rodopia nos Orixás dos terreiros de minhas Catedrais e grita: EI, JUIZ, VÁ TOMA NO... CONE SUL!

Aliviado, depois dessa “contra trombeta”, no diapasão do bom senso, penso a leitura de uma preciosidade para crentes e não crentes, chamado “Filosofia da Religião no pensamento de Bernhard Welte”, do antropólogo italiano Oreste Tolone, (2011, Editora Ideia Letras). Lembro que o autor fecha seu desafio reflexivo com um maravilhoso capítulo que nos reapresenta Deus como um misto de Oásis e Miragem. Uma duplicidade dialógica ocupada em nos tirar do egocentrismo sórdido! Aquela estupidez fechada dos medíocres trombeteiros da atualidade. Longe disso, creio muito em Deus. E Ele, ocupadíssimo que está comigo e com todos os Outros (deuses e deusas, homens, mulheres e diversidades), continua crendo de forma alucinante na guerra que fazemos para merecer a vitalidade infinita do Universo. Claro que meu cultuar dessa consciência é Cristão Católico; mais clara ainda é minha adesão obscura (no sentido de que não explico e não quero) a toda fluidez religiosa que as mais diversas matrizes culturais inspiraram à minha Fé “Catolaica”, nas palavras de Chico César. Por isso não tenho qualquer tipo de problema existencial em reafirmar: SOU CATÓLICO TAMBÉM, pois toda fé aberta ao Outro nos servirá sempre de alimento indispensável. Daí entender – mesmo sem refletir teologicamente – a mística dimensão batalhadora do Deus Bíblico da Guerra; habitante em cada um de nós, mas viajante nômade do deserto, sempre querendo voltar ao sopro pulmonar de nossas vidas. Eis um Deus hiper teimoso:

Desistir Jamais, Combater Sempre! Mas essa gente que se acha à sua Imagem e Semelhança fixa a fase infantil da leitura, “demoniza” outras criaturas e ousa afirmar que Umbanda e Candomblés não são Religiões!!! OBALUAÊ, meu Guia! Iluminai Cabecinhas tão perturbadas; e nos preparai para o bom combate... Cantando e Dançando! (18/05/2014)

Queridos leitores, não se enganem. Tenho um depoimento triste a fazer, mas não vos escrevi nada do que vocês estarão lendo. Esse texto foi elaborado por um velho professor universitário, de 49 anos, cheio de ideias “estranhas”, mas sensível a uma situação que vivo, acho estranho também. Mas deixou esse velho professor meio *down*, meio apavorado com o que tanta gente chama de “futuro”; embora muito poucos (incluindo euzinho) tenham ideia do que seja.

Faço parte daquela maioria instrumental dos discursos: o povo, a juventude, a criança, o negro, o “andar de baixo” emergente, etc. Sinto a “Escola” como uma espécie de labirinto muito mal organizado. Quando cansamos de correr atrás de uma saída, um Monstro chamado “Disciplina” ataca e vira a gente do avesso até deixarmos de ser a criança que somos. Acontece que estão tentando nos convencer – no blábláblá, na conversinha fiada – que nós mesmos é que temos que “aprender a aprender” a Matéria. Quanta idiotice, Mano! Além do terror de viver o que ninguém quer, ainda temos que aceitar de graça um serviço que é do Inimigo... ora, isso é Suicídio! Veja o tal do Monstro chamado Matemática. Esse professor que me traduz quase me mata de rir quando deu essa notícia de fracasso escolar; só que eu acho que isso pode mesmo é ajudar a gente a destruir a Escola. A notícia da Folha de São Paulo diz ***Rendimento dos alunos de matemática piora entre o 5º e o 9º ano*** <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2013/04/1255223-rendimento-dos-alunos-de-matematica-piora-entre-o-5-e-o-9-ano.shtml>. Beleza, mas os Caras do MEC, concordando comigo, também acham que quanto mais a coisa fica ruim, mais eles dizem que está tudo bom demais. está até melhorando! Que as “perspectivas são positivas”! Nestas Figuraças eu boto fé. Leiam aí: <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2013/04/1255235-mec-minimiza-queda-e-afirma-que-as-perspectivas-sao-positivas.shtml>. É só pensar da seguinte forma. Tá tudo melhorando mesmo, porque, se eu termino o 9º ano (tô tentando sair do 7º agora) e continuo sem saber as “quatro operações matemáticas” – vixe; parece coisa de doente... Operação! – Vou ter de comprar calculadora, computador, ou pedir que alguém ajude e que faça cálculos para mim. Tá ligado! Isso é investimento, é comércio, é serviço a pagar. E se eu não pagar, mas roubar, e levar mais gente a roubar comigo, é mais polícia, é mais imposto, vai ficar mais serviço de segurança e mais pirataria, não é mesmo? Outra vantagem. E vai que eu saia da Escola pra aprender a Matemática na Vida: dividindo migalhas e multiplicando problemas. Não vou continuar sendo o povão queridinho de todo Festival Eleitoral? Por isso que o cabeçudo do meu professor de Matemática dizia: tem vezes que menos com menos da mais! Eu não entendia. Mas agora percebo que o maluco estava fechado com o MEC e tinha razão: MENOS COM MENOS, SEMPRE DÁ

MAIS!... Queria, sinceramente, que a Escola me esquecesse. Que me deixasse morrer em paz, assim que eu arrebentasse as paredes podres desse maldito Labirinto! Quem tem que ficar rodopiando entre elas são meus pais, tios e avós; não eu. Não quero ser eles. E se o Labirinto me quisesse não embarçaria o Fio de Ariadne que me conduz. (23/05/2014)

Confesso que não tenho sido nada atento ao movimento histórico e contemporâneo das Artes Plásticas. O que não aponta qualquer desprezo ou recusa, muito ao revés. Apenas firma a desatenção de um cientista do espaço imaginário que se perde no cotidiano das mesmices. Ora ou outra a mesmice cansa e a lembrança de que o “belo” se esconde nos acorda. Como eu não pensei nisso antes? Fim de semana, eu longe do Museu do Prado, da Pinacoteca do Estado, do Museu de Belas Artes, do Masp, do Louvre. E diante do risco de encontrar até o vizinho Museu do Ceará fechado! Que fazer além de lamentar e desejar próximas férias? Descobrir outras mesmices nos “tais dias” livres e lamentar de novo? Acho que não... acho que podemos inovar um pouquinho.

Rastreei a web por uns quarenta minutos; foi aí que achei uma interessante fonte de visita. Direcionada ao público em geral, a página com incentivo e apoio filantrópico da ONG espanhola “Ayudale a Caminar”, apresenta-se como Cidade da Pintura <http://pintura.aut.org/>. Outras “cidades” – da música e da filatelia – são acessíveis por intermédio desta. Mas o destaque que sugerimos aqui é uma visita paciente a algumas dezenas das 120 mil imagens, disponíveis por intermédio de 16 museus, 142 autores sugeridos ou diversos estilos em ordem cronológica. Não sei se outras ofertas, como no site <http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2012/02/16/912114/46-museus-virtuais-voce-visitar-graca.html> do Universia Brasil, que indicam 46 museus em seu rol de acessos, no permite fartura ainda maior. Mas preferi fixar o primeiro endereço para achar criações “nunca dantes navegadas”, como as dos geniais Salvador Dali <http://pintura.aut.org/SearchProducto?Produnum=30397>, Raoul Dufy <http://pintura.aut.org/SearchProducto?Produnum=92761> e Vicent Van Gogh <http://pintura.aut.org/SearchProducto?Produnum=30065>.

Claro que eu poderia fazer uma breve ou demorada visita ao Porto do Mucuripe (em Fortaleza), junto à colônia de pescadores ou ao cais internacionalizado, para contemplar o tema “mar y barcos”. Contudo, a paisagem imagética da pintura artística conecta o que vemos com o que sentimos e desejamos; em um nível incomparavelmente superior de realidade. Há certamente uma surrealidade, que nos condiciona e estimula a viajar, rezar, contemplar, namorar, curtir lazeres e prazeres, entre tantas outras quebras de rotina pelas quais vale a pena viver um fim de semana. É por todas essas imagens, navegadoras da imaginação na emoção, que sentimos a Pintura como uma necessidade indispensável de comunicação humana. Algo que não nos reduza à animália mecânica de responder “Para que as coisas servem? Para isso, para aquilo ou não servem para

nada”. Ao contrário, a Pintura SERVE PARA O NADA DA TELA MÁGICA, CAPAZ DE NOS DAR TUDO QUE SOMOS EM TRAÇOS E TONS. Os magos da pintura talvez sejam os únicos poetas que conseguem rimar em todas as direções. Suas cores, em uma musicalidade impressionista, deixam-me saciado! Pronto para as batalhas da segunda-feira em diante. Tonto por convencê-lo (a) a navegar também. (25/05/2014)



Extra, Extra, Extra: NÃO HÁ FUTURO SOB O CAPITAL, nos diz Thomas Piketty. <http://www.opovo.com.br/app/opovo/dom/2014/05/24/noticiasjornaldom,3255754/nao-ha-futuro-sob-o-capital-diz-piketty.shtml> Economista francês, um dos mais badalados estudiosos das amarras do Sistema (uma reencarnação intelectual de Karl Marx?) e autor do best seller “Capital in the Twenty-First Century” (2013), entrou no hall da fama dos socialistas e nos divertimentos dos liberais. Podemos encontrar de um lado o teólogo Leonardo Boff rasgando elogios ao teórico, quando a coluna de seu blog anuncia: “O pavor dos abastados: a desigualdade e a taxaço das riquezas”. E de outro perceber a gargalhada de jornalistas como Rodrigo Constantino, sentando a marreta na Revista Veja e reverberando: “Livro de Piketty estaria repleto de Erros estatísticos, afirma Financial Times”. Para facilitar uma reflexão sobre como teses do gênero ajudam a reacender a chama do Bom Mocinho de nossa Novela Carnavalesca, prefiro extrair das palavras do próprio jornal O Povo, o epicentro da bandeira socialista para o Sec. XXI: “*De acordo com o autor, o capitalismo não soluciona a pobreza, mas a radicaliza. O acúmulo, santo Graal do sistema, está na base da desigualdade. Qual seria o remédio? Para ele, taxaço das riquezas e propriedades globais*”. Taxadores, Uni-vos Já!

Como escrevo minha vida da Esquerda para a Direita, e só inverteo o rumo quando os argumentos de Cristovão Colombo se tornam plausíveis, leio nas entrelinhas de Piketty uma tragicômica plataforma de campanha. Nosso candidato socialista ao Planalto está preste a taxar a Grande Riqueza Petrolífera do superfaturamento de Abreu e Lima, dizendo justamente o contrário e ajudando o Capital a achar saída para si mesmo! No artigo ([http://www.psb40.org.br/art\\_det.asp?det=381](http://www.psb40.org.br/art_det.asp?det=381)) de 23/12/2103, Carlito Oxford sustenta que “o desafio para um novo ciclo é o de interpretar e solucionar estas demandas por (i) uma economia mais produtiva e competitiva, (ii) por um Estado mais eficiente, e (iii) por um novo modo de fazer política”. Competição + Eficiência + Refinamento = Continuidade. No Brasil, “saída” tem muito a ver com Taxação das Grandes Riquezas Taxáveis. A riqueza que se declara, obviamente. Já que os intocáveis do Capital são “intaxáveis” no Sistema Global. Piketty e outros filhos diletos de Marx não disseram isso. Mas um Partido Socialista, fechado no jogo político da estabilidade institucional, reconhece que tanto “DO” quanto “NO” Capitalismo, não há mesmo “Saída”. O jeito é marcar pontos na construção de uma liderança renovada pelo pedigree das lutas históricas do Vovô Lucrécio Folk, ex-comandante do Leão do Norte; e aguardar que a Bela, princesa Agripina Cruz, envelheça e adormeça, no “Plano Real” da Fera, Bastião Spada. Seria mais provável em

2018; quem sabe até no Ano da Graça do Bicentenário da Independência (2022). Mas se a Bruxa do Capital – liderada pela Estatal Multinacional Desenvolvimentista do Pré-Sal – continuar hipnotizando nossa Mocinha, Carlito, com o Livro de Piketty em punho, há de chegar primeiro. (25/05/2014)

O pensamento repousa das turbulências da vida, no sono nosso de cada dia. Até aí, nada de novo. Saber que o sono deve cuidar de 1/3 a 1/4 de nossa existência só alimenta uma ideia natural de saúde e bem-estar, não é verdade? Mas também é verdade que alguns poucos mais iluminados pela coletividade humana, conseguem converter o sono pessoal em aventura religiosa alucinante. Claro, no interior de uma confissão religiosa, tudo pode ter todo sentido. E não sou eu que vou abrir essas linhas para colocar em dúvida a experiência mística e a verdade espiritual de cada credo, velho ou novo. Embora sempre é bom lembrar o alerta desconfiado de Luiz Pondé: “Meu jovem, quando tiveres que escolher uma religião, dê preferência radical para aquelas que tenham no mínimo 1000 anos!”. O que não é o caso da DJJS, cuja sistematização tem 31 anos e seu Guru/Mestre acaba de se submeter a uma intrigante situação na Justiça indiana: estaria Shri Ashutosh Maharaj morto ou vivo. Veja <http://observador.pt/lider-hindu-esta-morto-ou-meditar-o-juiz-decide/>. Conforme a curiosa notícia, a família o considera morto desde o dia 29/01/2014, enquanto seus discípulos - que conservam o mestre congelado em um de seus templos – afirmam seu estágio extraordinário de meditação. Aos que preferem antes de qualquer “pré-julgamento” conferir os argumentos da Ordem Religiosa Divya Jyoti, sugerimos a consulta de seu site <https://www.djjs.org/>. Entretanto, é oportuno sair do lugar comum, que nos levaria ao riso ou ao reconhecimento do quanto é tão interesseiro quanto ridículo transformar mortos em totens, dando vida eterna aqui aos que já se foram. E como considerar a situação para não cair no lugar comum?

Não sei se responderia. Mas recorro que tanto a meditação quanto a oração podem guiar nossa forma de contra-ataque saudável aos mais diversos tipos de doença. Neste sentido mais amplamente integral (ou “espiritual”), tanto a família quanto os discípulos de Ashutosh podem estar cobertos de razão. Para os cristãos, Jesus ressuscitou e ascendeu aos Céus; para os islâmicos, Maomé está agora no Jardim das Delícias. Estejam no mundo das estrelas ou nos estágios de encantamento, muitas entidades sobrevivem para diversos povos que nos constituem em brasilidade. É nessa hora que visitar trabalhos em Psicologia Transpessoal, como o de Regina Célia Bezerra Carvão – [http://www.alubrat.org.br/img/File/trabalhos/Oracao\\_Meditacao.pdf](http://www.alubrat.org.br/img/File/trabalhos/Oracao_Meditacao.pdf) – nos permite rever o papel de nossos sistemas de comunicação com divindades e/ou antepassados constituídos em nós mesmo. No crepúsculo de Maio, final dos festejos de Coroação de Maria e 101º aniversário de nascimento de minha Madrinha Nair (plenamente falecida faz 28 anos!), temo um descontraído momento de pensar o quanto permanecemos mortos a tantas coisas; embora vivos biologicamente. E o quanto nossos antepassados (coletivos e pessoais) acham caminhos pitorescos

– se não dantescos - de participar de nossas vidas, alimentadas e perdidas pela mesma paixão:  
Como é que adormecemos um sono pleno, que não seja eterno, mas possa nos conduzir a uma  
plenitude eterna? (31/05/2014)

Chegamos às vésperas da brazuca rolar, nas doze Arenas da nossa urbanidade pós-feudal. Pouco importa agora tratar desses limitados investimentos no espetáculo do Mundial da Fifa. Teremos melhores oportunidades em algumas crônicas adiante. Agora, o interessante é curtir a renovação das metas educacionais na reedição do PNE (Plano Nacional da Educação), aprovado no Congresso Nacional e no aguardo da sanção presidencial. O Alvo da mais nova versão de um velho contrato de esperança, não mudou: Com mais recursos cotizados à Educação, teremos uma sociedade bem mais moderna, soberana e digna da civilidade do século XXI! Verdade ou ilusão, um “probleminha” emerge do relato de Daniel Cara, em entrevista ao jornal O Globo <http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/a-sociedade-civil-vai-ter-que-pressionar-diz-especialista-sobre-pne-12721480>. Após discorrer sobre a importância de integrar as 19 (outras) metas a grande bandeira dos 10% do PIB em 10 anos, o Coordenador da Campanha pelo PNE, finaliza suas justificativas dizendo: “É preciso haver muita pressão da sociedade civil. No discurso todo mundo fala em educação como prioridade. Agora temos um plano em mãos para cumprir isso. O PNE em si parecia uma utopia e está aí, aprovado. De utopia em utopia a gente avança”. Lendo assim – despretensiosamente e com a expectativa infantil – nos vem uma tendência natural aos aplausos: tanto à fala quanto à ideia. Afinal, após inumeráveis discursos em prol da salvação educativa, quem seria contra “avanços” e “utopias”? Nem mesmo o filósofo Ivan Illich (1926-2002), crítico ferrenho do sistema escolar universal rejeitaria uma perspectiva civil de avanço educacional. O problema emerge quando o “Alvo” vira o “Uivo”. Traduzindo: quando o discurso da conquista anuncia que o fundamental do Plano é reeditar a Constituição e a LDB. Prometendo um paraíso de cidadania, já moldado pela Lei Magna de 1988, apenas amplia o fosso das metas anteriores diante de fracassos infernais. Quanto mais redigimos ousados planos e leis sobre a Educação Plena, anunciando dias ensolarados, mais os Lobos Famintos uivam ao Luar de uma encantadora incompetência. O Uivo-Mantra é assim: quando o dinheiro jorrar no Sistema de Ensino, como investimento massivo e integral, o desenvolvimento brotará; feito flor de lótus do antigo mar de lama! Um só pingão de sensatez, para ler o conjunto enlazarado das 20 Metas <http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2013-06-03/conheca-as-20-metas-do-plano-nacional-de-educacao.html>, exercita uma desconfiança ponderada – do tipo “matuto calejado de conversinha mole” – para revelar o Uivo contido no Alvo. Vejamos dois exemplos: “1- Oferecer educação em tempo integral em, no mínimo, 50% das escolas públicas”. E os outros 50%, ficaram restritos a proto-ensinos noturnos e escolas superlotadas de analfabetos? 2- “Garantir... política

nacional de formação dos profissionais da educação de que tratam os incisos I, II e III do art. 61 da Lei nº 9.394/1996”. Isto sem explicar por que isso não foi garantido nos últimos 18 anos de vigência da LDB! Enfim... não temos nada contra a alcateia de “lobos modernos”. Só não entendemos a razão do velho disfarce de vovozinha! (06/06/2014)

Ouçó, semestralmente, como professor de futuros professores, muitos relatos das mais assustadoras formas de sobrevivência dos mestres no ensino básico. Há, com certeza, registros de práticas heroicas na ação comunicativa transformadora (modelo Habermas) desses batalhadores da Educação. Mas também absurdos trajetos (modelo Sartre) de existencialismos doentios, convertidos em perguntas do tipo: A) Quando o estagiário chegar para o exercício da regência, devo acompanhá-lo na supervisão ou ir dar uma “voltinha” de um dia inteiro? B) Propostas “estranhas” de utilizar teatro, cinema ou música, no ensino de geografia, são coisas meramente acadêmicas ou a ameaça ao meu comodismo, “feijão com arroz”, capaz de excitar nossos mais monstruosos alunos? C) Tudo é possível na escola quando nada é referencial ético ou será mais lógico negar toda e qualquer alternativa que cheire a “trabalho”? Poderíamos ir até a letra Z; e ter que recomeçar o alfabeto! Em dias de expectativa da chegada de 35 relatórios de estágio supervisionado, isso ganha uma dimensão emocional explosiva. Principalmente porque lembramos que nossos representantes públicos vincularam o futuro educativo da Ilha de Vera Cruz aos “75% dos royalties de petróleo e 50% do excedente em óleo do pré-sal na educação”. Entretanto, surgem os “tantos senões” que permitem questionamentos mais simples! A terra arrasada do Ensino Público suportará algum plantio quando tanto dinheiro chegar? Quais mortos-vivos estarão em combate na ocasião? Bem, nossa esperança freiriana diz: Fatalmente, Muitos.

Todavia, não contaremos mais com uma educadora especial. Chama-se Darlene Tupinambá, e se apresenta como guardiã das fronteiras amazônicas desse império cruz de malta. A herdeira de Chico Mendes fechou 2013 exonerando-se, <http://terramagazine.terra.com.br/blogdaamazonia/blog/2013/12/20/no-acre-marina-silva-pede-demissao-do-cargo-de-professora/>. O motivo do abandono do cargo de professora de história foi o “histórico destino” do legado político que Darlene constituiu, chefiando a pasta do MMA, até 2008. E, na sequência, amadurecendo liderança política para compor uma bandeira partidária ambientalista; além de um discurso de uma total isenção dos misteriosos abismos da Petrobrás. No artigo “Causas Profundas” clama pela aceleração imediata no saneamento da empresa <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/marinasilva/2014/03/1432108-causas-profundas.shtml>. Em contrapartida, acusa: “Foi a política imediatista que gerou essa situação. A visão estratégica foi obscurecida pelo escambo eleitoral”. Já em 2006, o geógrafo Aziz Ab’Saber, <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-arquivadas/1091-marina-silva-foi-o-maior-fracasso-no-mma-entrevista-com-aziz-ab%60saber> ouvia o “canto de sereia” da parceira de

Carlito Oxford (nosso Mocinho), identificando seu fracasso administrativo: “gostava muito das ONGs e não tinha nenhum respeito pelas Universidades!” Não sei o quanto os alunos da Tia Darlene sentem sua falta. Mas sinto nos excessos políticos do ambientalismo radical certa bruxaria das fadas. (07/06/2014)



Claro que estou na torcida canarinho, com todo o direito/dever a não perder nem um minuto de lances do Brasil da Copa. Neste sentido, presenciar pela 12ª vez a agitação do futebol mundial (já que o Mundial de 1966, não me foi acessível) por nenhum motivo deixou de ser indispensável. Torcer é como dormir; tão prazeroso quanto desligar, sonhar e ter pesadelos. Rápido como um êxtase da busca pela plástica da jogada, pela trama do coletivo, pelo erro do adversário, pela vitalidade da narrativa e dos comentários. Ah, sim... também pelo gol; embora de muitas arbitrariedades e “zeros a zeros”, o futebol continue se alimentando. Até aqui, nada de novo para quem viu, delirou, exultou e sofreu aos prantos com a seleção de 1982. Também para quem aprendeu a se divertir mesmo nas derrotas eminentes; ou a transferir admiração por tantas outras seleções, equipes e torneios que desfilaram entre os estádios da América Latina e Europa Ocidental. Enfim, o fundamental desses 31 dias de entretenimento é a isenção do impacto: não me traz consciência maior de nada; mas também não me aliena de todo o resto. Portanto, estou com em harmonia com a Cabra Dolly <http://globoesporte.globo.com/pe/petrolina-regiao/copa-do-mundo/noticia/2014/06/previsoes-sobre-copa-2014-em-petrolina-e-com-cabra-dolly.html> , e aqui da tribuna de honra de minha Arena Apê Castelinho, aguardemos o maior êxito possível das 7 batalhas previstas aos canarinhos.

Claro que até aqui, não perdi a sensibilidade da razão. Por isso, deixo registrada uma previsão nada confiante, na expectativa de estar completamente enganado. Pai Christian de Oxalá, rindo da ilusão geral que contamina a nação, prevê: HUMM...HUMM MIZIFINHO, DESSA VEZ NÃO DÁ NÃO: O BRASIL SE DESPEDE DA COPA NO QUINTO JOGO! Falei o que a intuição me disse. Melhor, no fundo só respondi mesmo a cretinice dos bondes coletivos diversos. Principalmente, o “bonde” das administrações públicas que transformaram nossas espontaneidades brincalhonas e carnavalescas, em regras incorrigíveis de políticas de Estado. “Jogos Presunçosos”, é como proponho nomear essa coletânea de barbáries ultrajantes que separou em mim o torcedor do pai de santo! A presunção megalomaniaca de confirmar 12 sedes para um evento que só precisaria de 8; de erguer estádios 1º mundo em burgos pré-capitalistas; de proporcionar ruínas, convencendo-nos tratar-se de um “legado”; de ignorar as fragilidades de 1950 em nome das falácias de 2014; de colocar em risco toda essa paixão futebolística pela hipocrisia de ter a Copa das Copas, e revelar a Corrupção das Corrupções! Daqui a semanas, quando você e eu tivermos a oportunidade de trocarmos esse tipo de presunção por outras – Deus nos livre e guarde! –, gostaria de arrumar um jeitinho de não ter escrito esse mau agouro do presente parágrafo. Mas quando o

agouro é um nada, diante da banalização do velho conformismo afirmando: “no Brasil é assim mesmo”, mantenho o texto aí nesse merecido lugar de perturbação. Afinal, excesso de clareza obscurece a torcida e a crítica à presunção. Por hora, deixe a bolinha rolar. (11/06/2014)

## POR QUE NÃO DESEJO UM LAMBORGHINI HURACÁN LP 610-4?

Multidões de seres atravessam a existência em busca de significativas posses. Sem dúvida – aqui podemos ser absolutistas, sim – encontro-me entre eles. Por isso posso perguntar ao fundo de minh’ alma: “Afinal, qual o teu grande desejo material, Espelho Meu?”. Paro, penso e volto-me àquelas velhas assertivas do lugar comum de uma classe média baixa (B com cabeça de D) que me condiciona. Uma casa confortável para morar; outra na serra para curtir um frio aconchegante, no fim de semana prolongado; um carro (dois, vai...) suficientemente atraente e capaz de dignificar essa viagem entre as duas casas ou “apês”, e uma parafernália de bens encontráveis em qualquer loja de eletroeletrônicos (incluindo as livrarias), capazes de traduzir pessoalmente o que Mamãe TV me forneceu como sinônimo de “qualidade de vida”. Pontualmente... bem... posso acrescentar uma ótima bicicleta, um ótimo violão, um ótimo sistema de som/imagem (home theater?) e um excelente escritório/biblioteca, com ar condicionado central é claro. Tudo que readapte meu espaço acadêmico. Principalmente quando daqui a uma década e meia a Academia dispensar meus préstimos! Enfim, constatei que DESEJO MESMO O QUE, EM PRINCÍPIO, JÁ TENHO! Seria esse um sinal evidente de distúrbio psicoemocional ou de ambição na vida? Confesso que me preocupei e refleti – no curto pedaço de tempo que o Tempo me legou - sobre o peso do vazio que isso proporciona a outros homens e mulheres, em condições socioeconômicas similares. Por isso, fui fazer um *test drive* em busca de algumas formas de ostentação (forma *fashion* de denominar a junção de luxúria e ganância). Tudo para que meu desejo aflore. E os especialistas em sedução possam incluir-me em seus projetos! Pois bem... Sr. Aladim, ganhando a Mega-Sena, desejaria...

Em primeiro lugar, um carro de luxo, talvez. Busquei um Lamborghini Huracán e achei um verde abacate lindíssimo. Creio ser este, convincente [http://www.lamborghini.com/it/modelli/huracan-lp-610-4/explore/#cfg14,A3A3,RAD,C3E,BAV,PC1,MAD,PD1,0UJ,0UJ\\_NA,0UJ\\_FCU\\_VF,LRA,2PF,EMI,NR1](http://www.lamborghini.com/it/modelli/huracan-lp-610-4/explore/#cfg14,A3A3,RAD,C3E,BAV,PC1,MAD,PD1,0UJ,0UJ_NA,0UJ_FCU_VF,LRA,2PF,EMI,NR1). Aguardei meia hora no site em busca da emoção que um desejo deve conter. Faltava funcionalidade: afinal, um carro para quê? Para chegar ao segundo lugar: uma casa de campo. Varri por mais 15 minutos outras páginas, e fixei esse mini chateau em Mandirituba-PR <http://casadecampodossinhos.blogspot.com.br/>, mas ainda sentia a falta da biblioteca multifuncional. Tipo a caverna do Batman, redesenhada por esse admirador do herói milionário <http://nerdpai.com/u-2-milhoes-no-batman-dark-knight-home-theater/>. Uma hora depois do cultivo visual de desejos possíveis, sinto-me como a personagem como Bruce Wein em Gotham City: angustiado por fazer de todas as posses um instrumento de

justiça contra a criminalidade. No meu caso, responder como de que maneira o desejo e propriedade desses bens permitem-me Sabedoria para combater os males da Ignorância! Como a resposta não chegou, prefiro mais é me divertir como um “sonho de desejo” do que desejar de fato tais investimentos. Não desejo um Lamborghini porque meus pés e Palio são mais instrumentais. Desejo sem Mediação... tô fora! (15/06/2014)

## CARTA DE APELO AO DISCURSO DA PRESIDENTE (A)

Excelentíssima Presidente (a) da República, Sra. Rousseff. Como cidadão, professor, geógrafo e admirador da vida política brasileira – apesar de seus mais problemáticos dilemas – sinto-me na obrigação de vir à representante máxima do Estado brasileiro para manifestar uma indignação muito específica. E o faço na esperança – infantil talvez, mas intuitiva – que me permite compreender o quanto o papel simbólico do discurso, isto é, da “palavra densa de poder e representação”, continua forjando uma prática tão indispensável quanto significativa. Não vou ser tão prolixo a ponto de desrespeitar seu tempo; mas preciso convidá-la a rever o filme: “O Discurso do Rei” (2010) [https://www.youtube.com/watch?v=P68BF3\\_de84](https://www.youtube.com/watch?v=P68BF3_de84), lançado poucos meses antes de sua eleição. A recomendação se deve ao fato de que nos últimos três dias as redes de mídia (sociais e de massa) foram sacudidas pelo ridículo episódio da lamentável vaia a sua presença na Arena São Paulo (o “Itaquerao”), pela Abertura do Mundial de Futebol 2014. Seguida de xingamentos aviltantes, típicos dos comportamentos de “bandos”, capazes de saquear ou linchar qualquer um que se enquadre no seu modelo de perversidade. Como já notei que o contágio maligno atingiu outros jogos, veículos e formas de interpretação, tomei a liberdade de direcionar-te esse humilde apelo a fim de que a Senhora considere, ao menos a hipótese de que tamanha ignorância possa ser crescente, explosiva e de drásticas consequências institucionais para qualquer expressão de autoridade. Minha indignação não reside na vaia, nem nos xingamentos diretos, Presidente (a). Encontra-se na orientação de sua Assessoria que, em nome da “preservação”, do “medo” ou da “vergonha” vivida na Copa das Confederações, fizeram-na calar em um Evento de incomparável visibilidade Mundial! Reflita comigo, por um instante Sra. Presidente: o mundo inteiro chegava para nos visitar naquela tarde de 12 de junho. E esperava que a representante máxima da Casa Brasil, desse as boas-vindas; fizesse as honras da casa nas “Olímpiadas do Futebol”. Não teve recepção. Teve sim a reiteração do paradoxo doentio: a Presidente (a) da República não PODE falar às nações do Planeta para não acirrar os ânimos de um bando de abonados, incapazes de separar as discordâncias políticas dos meios e momentos de veiculá-las. O Brasil CALOU-SE em seu silêncio, Presidente (a). Embora animadamente FALE, GRITE e TORÇA na vibração da Copa. Como o faria, onde quer que a Copa venha acontecer. Mas... o Evento ainda não terminou. Nem seu período oficial de campanha, pela reeleição, começou. Logo... por que não se apresentar dia 13/07/2014, diante do povo (vaiando ou aplaudindo) como Líder de Fato e de Direito? Por que não responder a essa “crise nacional de liderança”, lançando um NÃO sonoro a tamanho desrespeito civil? Só um certo “discurso do rei”, Presidente, é capaz de nos unificar na guerra de

humilhações que a política brasileira se converteu. O Mundo lhe espera falar para além das TVs. E nós esperamos sua liderança dizer como e por que devemos ouvi-la, por mais 4 anos até a próxima Copa! Bem, é isso Excelentíssima. Meu muito obrigado porVossa preciosa atenção!  
(16/06/2014)

## ÁLBUM DE FIGURINHAS QUE NINGUÉM QUER TROCAR

Falta pouco tempo para preencher este maldito álbum, de 33 páginas e uma infinidade de imagens. E o que falta, no fundo, é o que sobra de nossa incompetência (assumida e genuína) em colecionar capacidade seletiva. A cada quatro anos, nós renovamos as figurinhas para envelhecer melhor o desprezo pelo jogo que tentamos esquecer. E não lutamos tanto. Simplesmente evacuamos da lembrança qualquer responsabilidade direta sobre os custos das figurinhas “montadas”. Preferimos a seleta coletânea de estrelas, craques e modelos, de primeira grandeza. Aquelas “figuraças” que nunca realizam nada sozinhas; mas que na vida de colecionadores como a gente, acostumados a simplificar tudo pela curtição das falsas esperanças, dão um sorriso e um palavreado vazio para sairmos em sua defesa. “Esse é o Cara!”, “Essa tem fibra e está preparada!”, “Eis aí um sujeito em que todos podem confiar!”. No final, encher o álbum é esvaziar o colecionador! Iniciativas originais não invertem isso. Avalie você: <http://aheadmkt.com/albumdaseleicoes/>

Infelizmente o álbum que aqui trato não corresponde às figurinhas da Copa 2014, nem de atletas, super-heróis, máquinas, animais, lugares ou plantas. Trata-se de uma lista inferior de selecionados a habitar nossa sala de visitas, daqui a alguns meses, sem nenhum convite prévio. São formados desse exército, aparentemente ideológico; componentes do que a Constituição Brasileira denomina “Partido Político”. Mas que sabemos discernir, pela intuição que nos resta (quando falta um mínimo de razão): é de fato uma Agência/Marca de publicidade; tão vaga e flexível quanto um lençol com o qual se cobre um fantasma. Branco e negro, bi, tri ou multicolorido... o lençol MARCA a entidade fantasmagórica que imaginamos comandar alguma visão de mundo. A marca “PT” fantasia nossa visão de que os trabalhadores são capazes de enfrentar os temores do capital, com o brilho de uma estrela de Salomão. A marca “PSDB” fantasia outra visão... a de que um modelo social-democrático de estado pode adquirir um jeitinho tropical em uma revoada de tucanos. Existem marcas mais “conservadoras”, “operárias”, “ecológicas”, “humanistas”, “revolucionárias”, “democráticas”, “cristãs”, etc. Mas tendo a pensar que a mais cobiçada delas, no exercício publicitário de venda de “um Brasil melhor” não tem tido paralelo superior àquele emblema do dinamismo democrático. A Marca do Santo Graal nacionalista expresso pelo “PMDB”. Um êxito governamental cheio de bônus com um mínimo de ônus. Uma verdadeira escola de inclusão de figurinhas sem pé nem cabeça. Claro, existem as exceções! Mas para confirmar a regra, essa Gente Carimbada pergunta: “Como é que esse bando de colecionadores de figurinhas (nós, os eleitores) vai se divertir com as mentirinhas das estrelas

maiores (candidatos majoritários) e nos autorizar no legislativo a mais quatro anos de um Espetáculo de Horrores". A resposta é bem simples! Deixando as Marcas combinarem uma dúzia de palavrinhas em "Propostas Consistentes"!!! E tudo vai continuar representando a falta de legitimidade: do "puder" DEPUTADO ao "puder" SENADOR. Pífias figurinhas! (21/06/2014)



Fortaleza me ensinou a irritação de ver um Céu de Brigadeiro. Sabedoria dos lugares e de nossas adaptações, em fase já avançada da vida! Logo quando amanhece, fixo os olhos na janela do quarto; e pergunto, num “sem pensar”: estará nublado (bom) ou ensolarado (péssimo) o dia hoje? A vitória esmagadora do ensolarado não traz preocupações; apenas dirige minhas expectativas para as compensações possíveis. Nos dias de trabalho, vou buscar o abrigo do arvoredado do Campus do Pici e observar como as plantas (pequenas, médias ou frondosas) fazem tanta diferença na alta pressão marítima e baixas latitudes daqui. Já nos fins de semana, a coisa se complica um pouco mais! Ainda não encontrei a sombra relaxante de um local que revitaliza. Mas dei dois passos nessa direção ao viver situações tão díspares e convergentes, em menos de três semanas.

No início do mês, em habitual sábado de sol escaldante, reparei o barulho seco de galhos quebrados, por batidas insistentes de objeto cortante. Os galhos das três árvores frontais à entrada do meu condomínio estavam sendo “podados”, pela ação direta da “parceria público/privada” do síndico, porteiro e zelador do prédio. Confesso que me acovardei no silêncio cúmplice dessa iniciativa amoral, repetida em um pouco mais de um ano, quando a alegação da mesma turma foi um sonoro: “É tava na hora, né?... Se for esperar Prefeitura, o mato toma conta mesmo!”. As denúncias aparecem nas áreas mais centrais da cidade <http://www.opovo.com.br/app/fortaleza/2014/03/06/noticiafortaleza,3216170/arvores-no-meireles-sofrem-com-podas-irregulares-e-envenenamento.shtml> enquanto essa “livre iniciativa popular” utiliza, na prática, as formas convencionais de poda da maneira mais “phoda” possível! Estivéssemos em outro patamar civilizatório, e com um mínimo de coerência em nossa escolarização social, manuais como este disponibilizado no site da Prefeitura de S. Paulo [http://ww2.prefeitura.sp.gov.br/arquivos/secretarias/meio\\_ambiente/eixo\\_biodiversidade/arbonizacao\\_urbana/0002/Manualpoda\\_final.pdf](http://ww2.prefeitura.sp.gov.br/arquivos/secretarias/meio_ambiente/eixo_biodiversidade/arbonizacao_urbana/0002/Manualpoda_final.pdf) ajudariam a capacitar moradores e trabalhadores em um voluntariado positivo (inteligente) de qualificação urbana. Por hora, resta-nos agradecer a “preguiça” de muitos cidadãos que por medo das retaliações ou falta de grana, não podaram metade ou mais da rarefeita cobertura vegetal de Fortaleza. Oxalá tal preguiça se conscientize do quanto andamos sedentos em busca de sombra para aliviar tanta insolação e desconforto.

Foi de uma sede dessas que encontrei a reportagem do programa “Cidades e Soluções” <http://globoTV.globo.com/globo-news/cidades-e-solucoes/v/plantas-ajudam-a-combater-males-dos-compostos-organicos-volateis/3257020/>, veiculando o papel de plantas que, se não curam

(departamento não desprezível da fitoterapia <http://www.plantasquecuram.com.br/>) protegem dos Compostos Orgânicos Voláteis! Responsáveis pela síndrome dos edifícios doentes! Puxa, não fazia ideia de que esses COVs eram tão ou mais terríveis que as podas urbanas. Não me acovardei desta vez e decidi, com minha esposa, adotar algumas filhas vegetais para habitar nossa casa! Jiboia, Samambaia, Hera e Aglaonema. Quatro Vasos de Meninas Verdinhas, corrigindo no lar o que na cidade ainda não deu! (22/06/2014)

## QUANDO O TURISMO SE TORNA VISITAÇÃO...

Dá uma enorme vontade de rir e chorar, ao mesmo tempo, quando a imprensa registra a falácia do “grande aumento de turistas” nas cidades sedes da Copa da Fifa 2014. Quem conhece o fenômeno turístico como evidência geográfica de desenvolvimento, saberá ignorar esse raciocínio tão bobinho: mais turistas recebidos = mais ganhos à economia local. Bobinha é a ingenuidade também dos “especialistas” que querem nos fazer ler os gastos do turista ideal (prioritariamente estrangeiros) como recursos acumulados por nós. Isso é de uma bobagem sem tamanho. É a mesma coisa que afirmar que todo doente hospitalizado deveria morrer para economizar recursos da saúde; ou que toda criança ou adolescente tem de trabalhar para sustentar seus elevados custos sociais! A verdadeira maneira de se aferir o desenvolvimento turístico de uma região ou país é avaliar, de forma complexa e integrada, as teias de Ida/Estada/Volta dos turistas em seu processo articulado de visitação. Portanto, Governantes de Fortaleza, Recife, Cuiabá ou Curitiba, não me venham com “numerinhos” sem futuro do aumento de estrangeiros nessas capitais. Digam-me sim: Qual o ganho socioambiental (econômico e geográfico) que seus cidadãos promoverão às capitais e ao país quando retornarem de suas férias prolongadas pela Copa? O investimento turístico, tal qual o educacional, está sempre no ganho futuro!

Os dados “negativos” fornecidos timidamente pelas redes de notícias parecem incomodar governos e leitores. Recorde de brasileiros nos EUA em 2013! Diz a UOL. <http://viagem.uol.com.br/noticias/2014/04/07/numero-de-brasileiros-nos-eua-chega-a-dois-milhoes-e-bate-recorde.htm>. O que reedita a visão de desperdício reiterada, há três anos, por Miriam Leitão, no telejornal “Bom dia Brasil” <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2011/01/deficit-de-us-10-bilhoes-em-turismo-e-chocante-em-pais-belo-como-brasil.html>; e antevê os incríveis números deficitários de Maio de 2014, atribuindo aos gastos de brasileiros lá fora uma cifra cinco vezes superior ao de estrangeiros na “Terra Brasilis” <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,brasileiros-gastam-us-2-3-bilhoes-em-viagens-internacionais-em-maio,1517432>. Aí vem a pergunta, de um lado: “Como entender tamanho desperdício no mais maravilhoso país do mundo?” seguida, de outro, pelas piores respostas possíveis: a) Não priorizamos a indústria do turismo com todo nosso potencial; b) Não valorizamos nosso patrimônio regional porque somos metidos a gringos; c) Não divulgamos nossas maravilhas e deixamos a mídia internacional nos manchar. O incrível mesmo é que a resposta mais sensata, embora incompleta, vem a ser: Não temos a menor ideia do que seja Turismo como prática pós-moderna de Visitação, em desenvolvimento geoestratégico. Só a visita forja escalas existenciais.

Se compreendessem o parentesco geográfico do turismo, com todas as formas de mobilidade nômade (migrações, peregrinações, deslocamentos sazonais), os especialistas não cairiam nessa rasa retórica de confundir o momento turístico com o sistema internacional de visitas, interpretariam a riqueza dos lugares na integração e fluxo de emissores e receptores e estudariam mais o turismo pela realidade de viagens do turista brasileiro! (28/06/2014)

Ele me espanta muito, brothers! Espanta tanto quanto encanta. O mundo me assombra com a capacidade de reproduzir na pior das ilhas a mais moderna das soluções, a fim de criar o melhor dos mundos, na parte que nos cabe de qualquer latifúndio. Foi pensando num polêmico encontro entre o lazer do Esporte Espetáculo e a agonia do sistema carcerário brasileiro, que algum gênio da escavação trouxe-nos essa pérola jornalística: POLÍCIA ENCONTRA MAIS DE 100 TELEVISORES EM PRESÍDIO DE RORAIMA!!! <http://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2014/07/policia-encontra-mais-de-100-televisores-em-presidio-de-roraima.html> Ulalá! Por que será que em Nuestra Latino América tan caliente, o Crime compensa, prospera e se diverte tanto? Será que realiza sonho maior de cada EU: Manter-se como única razão de existência do Universo? Ou será que ele nos recorda que todo Desenvolvimento Sustentável não vence a Insustentabilidade cotidiana desses Mundos Paralelos: 1) Aqueles que criamos por idealização da ética, da retidão, da vocação ambientalista e democrática; 2) E Aquele que não conseguimos evitar, moldado no sarcasmo, na corrupção e na capacidade de esfregar em nossas fuças: “Sonha daí Otário, que Eu-Medíocre reconstruo daqui e dali qualquer Capital que seu anticapitalismo tentar abominar!”. Quando rastreamos as iniciativas positivas anteriores à enxurrada de absurdos como este “consumismo televisivo”, encontramos notícias institucionais do “bem”. O Tribunal de Justiça de Roraima, três meses antes fazia uma ação educativa na mesma Penitenciária de Monte Cristo: <http://www.tjrr.jus.br/index.php/noticias/1047-tjrr-doa-moveis-e-livros-para-penitenciaria-agricola-de-monte-cristo>. Pergunto em franca ironia: 300 livros teriam sido trocados por 100 televisores e incontáveis aparelhos eletrônicos? É nessa hora que lembramos a multiplicação de homicídios, latrocínios e barbaridades viabilizadas pela “abolição” das armas de fogo, após o Plebiscito ao Desarmamento Radical da sociedade brasileira (em 2005). Espantamo-nos mais um pouco. Quando repetimos a mesma ladainha, a partir da Informática (“economizaremos papel”; “diminuiremos a burocracia”); das Campanhas de Saúde (“afastaremos nossas crianças das drogas”, “erradicaremos o fumo”); do Transporte Coletivo (“reduziremos o IPI aos carros”; “regularizaremos o uso de motocicletas”) e de tantos outros modernismos paliativos, forjamos uma ponte entre esses Mundos Paralelos. Tão insustentáveis quanto impeditivos à viabilidade real daquilo que chamamos de... ESPERANÇA! Meu espanto – que ora ou outra pode coincidir com o Seu – não tem nada a ver com falta de Esperança. A Fé que me move em tantas coisas (e me impede outras), não reduz minha Esperança. O problema está na conexão de nossas profundas Esperanças às falsidades de experiências insustentáveis, dentro e fora

de “mundinhos presídios”. Sugiro aos leitores o cultivo esperançoso de dois filmes: “O Conde de Monte Cristo” (para fugir da Vingança) e O Livro de Eli (para fugir da Selvageria). A fuga também é extremamente esperançosa; como tantos Refugiados da Terra. Melhor fugir a um lugar sensível do que respirar o ar de Mundos Paralelos; aqueles sem Esperança alguma! (03/07/2014).

Olho nos olhos de um dócil e familiar cachorro. O que será que vejo realmente? Ternura, solicitação, lembrança, infância, afago, poder, controle, sono, hábitos, astúcia, paixão. A lista pode ser ampliada infinitamente, conforme a projeção do olhar de quem se admira hábitos ou apenas situa o reino animal na inferioridade dos “reinos” distintos; não centralizados no humano moderno. Mas aproveito umas férias rápidas na minha “animalesca” (explosiva e violenta) selva de pedra urbana (São Paulo), para redirecionar esse olhar a Dimitri: ente canino, Pet promovido a Ser e Experiência doméstica recente de minha Filha, que aproxima nossos olhares com envolvimento parental. Dimitri tornou-se meu neto – leio, “meu Neto!” ou “meu Neto?”. O olhar genérico anterior foi desafiado à folia de um novo enquadramento. Qual o sentimento mais tangível a um relacionamento “pessoal” com Dimitri? Como estender esse sentimento a outros queridos bichinhos? Perguntas difíceis para um latido, miado ou grunhido certo. Principalmente depois de visitas a web, tentando compreender um pouco mais os novos direitos do reino animal.

A primeira vez encontrar a reportagem “Animais de Adoração” da Revista Planeta, <http://revistaplaneta.terra.com.br/secao/comportamento/animais-de-adoracao>. Ali pude apreciar a tipologia do professor David Blouin para indicar 3 formas de reconhecer os donos de “mascotes”: os Humanistas, que entendem os animais de estimação como sujeitos ou pessoas especiais; os Dominionistas, mais funcionais, que tratam seus bichinhos como objetos, sem humanizá-los; e os Protecionistas, que estendem esse apego aos outros animais e seres vivos, desenvolvendo um tratamento na defesa de seus direitos. Atiçado por esse terceiro modelo, fui atrás de outra fonte. E a encontrei em um recorte mais científico – nem por isso menos polêmico - ao tratar uma entrevista de dois especialistas: o sociólogo Caetano Sordi e o advogado Daniel Braga Lourenço, que responderam a questão: “Haveria uma sociedade humana sem a participação dos animais?”. [http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod\\_noticia=20220&cod\\_canal=41](http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=20220&cod_canal=41). O texto nos serve de apoio à caracterização dos protecionistas. Diz: “acredito que um logro importante para o animalismo seria desvincular a proteção dos animais da proteção ao meio ambiente, conferindo aos animais um estatuto mais próximo de seu valor intrínseco”. É o que afirma Sordi, em outro texto autoral - “O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais”, disponível em <http://migre.me/7BvEV> - chama de ABOLICIONISMO; ou seja, a luta humana para que os animais se tornem sujeitos de direito à liberdade (além da fraternidade no lar Terra)! Puxa! Quando voltei a Dimitri, recusei associar sua proteção ao sentimento de um “Bom Contratador” do Séc. XIX. Logo pensei: cada um aqui gosta

desse cachorro do seu jeito. Mas daí considerar que em nome de seus “direitos” trataríamos dele como escravo... já é demais, não? Acho sensato rever nossos excessos e faltas; também para reaprender, dos animais, a força do bicho incoerente que somos! (06/07/2014)



Primeiro expomos a LEI: "Considerando a experiência ímpar da realização da Copa FIFA de Futebol, o Governo decreta que, a partir de 14 de julho de 2014 (225º aniversário da também nossa Revolução Francesa), a Lei Magna da Felicidade Geral da Nação, expressa no Artigo 1º e Único: "Todo acontecimento tido como "fracasso", ontem, hoje ou amanhã, deverá ser, daqui para frente, considerado um verdadeiro Sucesso, reconhecido por balanços sempre positivos". Assim sendo, revogam-se as disposições em contrário". Depois, tentamos driblar a LEI: "Sábio é o vento forte que nos enfrenta; até nos convencer a "fugir às armadilhas da mata escura" (frase da canção "Caçador de Mim"), em que a Voz Midiática do Pleno êxito nos aprisionará para sempre".

DIABÉISSO MERIRMÃO???? Calma lá! Não se assustem com jogos de termos difíceis. As sentenças enigmáticas funcionam como lágrimas (de alegria, tristeza ou dor, não importa), que revivem o choro vital do nascimento. Elas possuem uma tendência humanamente natural de transformar Leis em Ironias. E é desse firmamento irônico que a histórica "travessia" do Mundial do Brasil me despertou falar. Embora o filósofo Vladimir Safatle já tenha feito a melhor ironia do evento em seu brilhante artigo "Não teve Copa" (de 1º de junho, na Folha de São Paulo), é nesse revolucionário 14 de julho, que podemos nos libertar dessa bastilha maldita e plena do Sucesso! Está na hora de chamar a D. Maria Lógica para nos explicar o poder da Ironia, esse santo remédio!

O consultório cibercultural nos lembra que qualquer ironia ultrapassa o sarcasmo. <http://linguaportuguesa.uol.com.br/linguaportuguesa/gramatica-ortografia/17/imprime134809.asp>. Isso pelo simples fato de que sua função literária não se restringe a dizer o oposto do significado pretendido. Para ironizar, há que ser refinado, sistêmico, sutil! Por isso podemos propor uma metodologia de análise sobre a trajetória política e midiática das leituras frente ao tal "sucesso" do Mundial de Futebol, compreendendo o denso fracasso embutido em sua realização. Ironicamente, pensemos positivo e o negativo aparecerá: SE tudo que passamos em sete anos de imprudências e abusos administrativos converteram-se em UM mês de eficiência logística – a Copa das Copas – LOGO os jogos Olímpicos do Rio de Janeiro já alçaram sucesso: Olimpíadas das Olimpíadas! SE a imagem do país do futebol triunfou, mesmo depois do vexatório UM a sete, LOGO a Seleção Canarinho pode ser gestada pela ONU, pra que CBF? SE a Cacique "Pataxó" do Estado Brasileiro pode passar a Copa aos Alemães e os Jogos aos Russos como UMA batata quente, LOGO o projeto "Lá, Lá, Lá" de Shakira mostra-se muito mais substantivo do que nossos "Fulecos" Programas de Governo para 2015-2018! (Vide [www.tse.jus.br](http://www.tse.jus.br))

Agora que nos tornamos todos UM verdadeiro SAC (Sociedade de Atingidos pela Copa) pode-se escolher viver a nova Lei Magna Pós-Copa ou revolucioná-la ao sabor da Ironia na relação Sucesso-Fracasso, na busca de outra melhor! (14/07/2014)

Outro Pássaro de Santos Dumont foi abatido nos céus da modernidade! Na notícia do *Le Monde* [http://www.lemonde.fr/international/article/2014/07/18/en-40-ans-une-dizaine-d-avions-civils-ont-ete-abattus-en-vol\\_4459433\\_3210.html](http://www.lemonde.fr/international/article/2014/07/18/en-40-ans-une-dizaine-d-avions-civils-ont-ete-abattus-en-vol_4459433_3210.html). Num extremo do mundo, Fidel Castro – esse Pastor Macedo da Igreja Universal do Reino Socialista Caribenho – após longo silêncio meditativo, recupera voz profética e atualiza a consciência de fato. Ao culpar o governo da Ucrânia pelo episódio, declara: “Cuba não pode ficar sem expressar seu repúdio sobre a ação de um governo tão anti-Rússia, anti-Ucrânia e pró-imperialista”. A poucas milhas marítimas dali, Barack Obama – aquele Xamã Havaiano Reencarnado Pelo Expansionismo Yanke-Semita - responde no automático tom de remake libero-ocidental: “Sabemos que os separatistas estão pesadamente armados e treinados, e isso acontece por causa do apoio russo. Não é possível que eles funcionem do jeito que funcionam com o equipamento que têm. Um grupo de separatistas não pode derrubar um avião comercial com o equipamento que tem sem o apoio da Rússia”. E conversa vem, conversa vai... guerras se adiam, guerras se preparam... e as garras dos nossos heróis extremistas permanecem tão afiadas quanto seu desconhecimento sobre o estratégico papel da Paz. Aliás, beligerante ou discursiva, para a política continuísta dos Grandes Líderes, a prática da Paz torna-se insustentável. A Paz é uma espécie de radicalismo étnico modelado por estadistas frágeis. Estejam eles encarcerados ou mortos como Nelson Mandela, incompreendidos como Mohandas Gandhi ou refugiados como Dalai Lama, não haverá de servir de modelo político para as demandas de Mundos hostis; mundos marcados pela vil repetição das polaridades.

Catástrofes aéreas, como estas que abateram o avião da Malaysia Air Lines, há cerca de 4 meses (08/03/2014 e 17/07/2014), sugerem mais do que nossa fragilidade em administrar crimes de guerra e fatalismos, no limiar do século XXI. Sugerem a avassaladora propensão que temos em aceitar mais do mesmo! Uma saga mórbida de desistirmos de qualquer lastro de novidade, em virtude de um conforto saudosista: ou EUA ou Rússia, ou Palestina ou Israel, ou direita ou esquerda. Até a rivalidade dos Bois, Garantido e Caprichoso, na amazônica Parintins – nasceu como tradição dos miseráveis tempos de Guerra Fria. Agora, a riqueza que esperávamos emergir da cooperação desses polos, se retroalimenta do aviltante desejo de se exterminar o boi inimigo! Nesse sentido continuamos plenamente humanos: celeiro consciente da marcha acelerada para a entropia: o fatídico fim natural. Entretanto... as catástrofes também são terrestres, gigantescas e capazes de plantar certo esgotamento midiático. A grande concorrência de absurdos desloca o noticiário internacional para múltiplos pontos do planeta. Não se trata de resolver nada; nem punir

coisa alguma! Trata-se apenas de multiplicar os sinais do novo horror para administrarmos os tempos terapêuticos. Quem sabe esse seja o prazo civilizatório, e necessário, para calar a boca de Fideis e Obamas; e ouvirmos o sábio silêncio de nossos Dalais interiores. (19/07/2014)

Crescemos saudáveis por acreditar no Sexo como indicador de desenvolvimento pleno a que somos destinados. Um crescimento natural ou naturalizado pela cultura moderna? Difícil resolver esse enigma. Melhor mesmo parece ser mantê-lo ao sabor da libido estimulada pelo vínculo “conhecimento> conquista> gozo> reconhecimento”. E após tantas revoluções liberais, a sexualidade da espécie humana exercita uma infinidade de meios, modelos e mecanismos de provar, por “a + z”, que nosso impulso sexual é ícone civilizatório indispensável. Nenhum ser vivo vive tanto em função do desejo sexual quanto nós. Daí o acolhimento sedutor de máximas – “nada melhor que sexo bom e bem feito” – aperfeiçoadas por máximas pós-modernas, sobre as quais vale a pena pensar um pouquinho, antes de continuar seu namoro consigo mesmo ou com o/a parceiro/a vigente: “nada melhor do que escrever sobre sexo”! Sabemos muito bem que a pós-modernidade não contraria nada; apenas melhora o olhar do que a modernidade conseguia intuir, mas não admitia facilmente! Livros sagrados, canções populares, fantasias carnavalescas, também são códigos da arte sexual. Sem eles o prazer é possível! (Será?)

Daí ser sintomático virar as páginas do terror jornalístico, para revitalizar-nos da tristeza pela morte de dois gênios das crônicas picantes - João Ubaldo e Rubem Alves – observando as memórias do existencialismo sexual, que novos escritores trazem à Folha de São Paulo deste domingo. Quem sabe eles nos ajudem a afirmar a dependência do texto-testemunho como chave do prazer carnal! Na direção do sexo “denúncia e terapia”, encontramos o relato do empresário Marcelo Ribeiro, autor do livro: “SEM MEDO DE FALAR: RELATO DE UMA VÍTIMA DE PEDOFILIA”. Correspondendo ao lado mais negativo da experiência sexual, o lançamento da obra fomentou o aparecimento de outras vítimas do homem (um padre), que teria sido responsável pelo crime. Em alguma medida, a sexualidade pervertida em poder e opressão emerge do mar tenebroso e aborta as mais tranquilas viagens por toda uma vida. Mas na direção contrária, do sexo “valor e ostentação”, a narrativa de Lola Benvenuti (codinome de Gabriela Natália), filóloga e garota de programa, promove a redenção do sexo na imagem daquele mar idílico: ao sul do Equador. Sua obra seminal, a ser lançada em agosto/2014, chama-se “O PRAZER É TODO NOSSO”. Ao defender a bandeira da liberdade sexual, Lola diz à reportagem: “Faço o que faço porque gosto, porque sou mulher, porque sou humana e tenho o direito de traçar o meu próprio caminho”. Seja na direção que for, é impossível ignorar esse envolvimento do sexo com tudo que diz respeito às coisas mais importantes e mesquinhas da vida. Das importantes, os autores consagrados e novatos falaram (ão) melhor. Das outras, que levam os complexos de Freud para a lixeira da idiotice, falo

eu. Olhem a que os sex-shop nos convidam: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/07/sex-shop-sueco-online-lanca-produto-inspirado-em-mordida-de-suarez.html> Por essas e outras, o melhor ato sexual ainda pode nascer sem texto ou tédio algum! Ufa... Gozei! (20/07/2014)

Não sou dado a saudosismos e nem ignoro a potencialidade das articulações tecnológicas que apontam para a modernização das festas populares. Como bebo na fonte daqueles que creem na “gula cultural permanente” do Carnaval Brasileiro, jamais olharia com nojo ou descaso as experiências renovadoras de outras festas da tradição nacional. O que me instiga, contudo, nos Festejos Juninos tem sido o velho e recorrente problema do regionalismo exagerado. Regionalismos contraditórios, ao reconhecer, de um lado, as múltiplas origens rurais das Festas Juninas – ou “Joaninas”, conforme o músico e folclorista Rossini Tavares de Lima - enquanto afirma, de outro: “O verdadeiro, o autêntico, o maior São João é, sem dúvida, o Nordeste!”. O resultado dessa alucinante idealização, que esmaga em uma região do país um patrimônio tão nacional quanto o Natal, o Carnaval e as manifestações de ascendência afro-ameríndia, vem sendo a criação de Cotas Midiáticas Locais! Quem pode e quem não pode se apropriar das rígidas marcas da competitividade? Quem continuará produzindo um modelo de Festa Junina “exportação” e qual infinidade de lugares, por mais São João que faça, por mais quadrilhas e folguedos que apresente, continuará visto como cultura marginal? É importante lembrar que a máquina afiada da discriminação avaliativa permanece ligada à produção da desigualdade socioeconômica; inclusive na produção cultural. As variações juninas, nas folias dos bois, nas danças de São Gonçalo, nas procissões marítimas e fluviais, nos ritos do fogo, avançam por tantos rincões do Brasil, que tornam, Cachoeira-BA, Caruaru-PE, Campina Grande-PB, Mossoró-RN e Maracanaú-CE, ilhas hollywoodianas da fantasia regionalista. Verdade que só tenho conhecimento in loco do Festival de Maracanaú; e em função de sua grandiosidade – como o October Fest de Blumenau, o Círio de Belém, os Carros de Boi de Trindade – não há nenhum exagero em se orgulhar positivamente disso. Registros das mídias sobre essa efervescência são bem-vindos e mostram que o São João do Nordeste bebe da mesma fonte experimental e vanguardista dos desfiles de Carnaval e do agigantamento do festival Folclórico de Parintins. Vide registros como o da Rede Globo Nordeste <http://redeglobo.globo.com/globonordeste /noticia/2014/06/ariano-suassuna-musica-sertaneja-e-ate-moulin-rouge-inspiram-quadrilhas.html>.

Entretanto, os festejos juninos estão presentes na interatividade social de todo país. Em Brasília, São Paulo, Goiás, Santa Catarina, Amazônia de Boa Vista-RR (ver dissertação de Tereza Alves de Albuquerque, pela UFAM) a Rio Branco (artigo de Daniel da Silva Klein, pela UFAC). A adoção desse reconhecimento em escala nacional proveria os festejos de intercâmbio, com o selo de todas as regionalidades; quem sabe até acelerando o lastro da latinidade continental. Afinal “San Juan” também consagra o imaginário religioso ibero-americano. No fundo, tememos a riqueza da criatividade que a urbanização globalizada exigiu dos festejos rurais. Ao mesmo tempo em que achamos lógico celebrar redutos de saudade. Pra quê mesmo? (27/07/2014)

Fiquem tranquilos, leitores. Mal começamos nossa jornada de lances trágicos da Ilha de Vera Cruz. E até aqui só apresentamos as características cênicas das personagens em torno das quais gira toda a trama, cujo final já sabemos: outros 4 anos do mesmo “lenga-lenga”, que obriga a Grande Ilha a produzir mais corrupção que petróleo. E a blindar, no alto escalão da República, os legítimos herdeiros da megaempresa do Pré-Sal. Vamos lembrá-los? A Mocinha Agripina Cruz (encantadora); o Perverso Sebastião Espada (terrível); o Mocinho Carlito Oxford (salvador); e a Maliciosa Darlene Tupinambá (sedutora). Como nos episódios anteriores (Crônicas 18, 23, 28, 31) nossas personagens centrais se apresentaram dispostas a arrancar votos para que a poderosa Petrobrás não afunde no mesmo mar territorial de sua riqueza. O que torna decisivo o embate imperial das urnas, nas eleições de 2014. A Ilha de Vera Cruz (IVC), precisa transformar em 4 anos o que não conseguiu em 400. Que implacável solução virá da árdua luta dos heróis pelo poder? O que propõem? Como transformarão um Império Eleitoral no Reino Dourado da Nova IVC? Parte dessas respostas já adveio das tribunas reguladoras da disputa.

A 1ª delas é a relatoria do Tribunal de Contas de União, atribuindo exclusiva responsabilidade criminal aos 11 diretores da Petrobrás (e isentando o Conselho) na compra da Refinaria de Pasadena. É a diretoria quem responde pelos atuais 792 milhões de dólares nos prejuízos do negócio. O que libera a Mocinha para outras preocupações, amarra o Perverso no vácuo das CPIs do Congresso, e deixa o Mocinho e a Maliciosa sem resposta à questão: e como ficaram as Pasadenas do Maranhão, de Pernambuco e cercanias? Enquanto a resposta não vem, a 2ª tribuna, o TSE registra o incrível exército de candidatos a personagens dos novos episódios da novela que paralisará a Ilha até novembro; apagando de vez a chama de qualquer esperança de dias melhores até 2018. O motivo é simples e responde pelo nome de REELEIÇÃO. A notícia abaixo traduz o pessimismo da ideia ao lembrar-nos que 92% dos atuais membros do Congresso Nacional vão disputar algum cargo eletivo em outubro <http://www.jcnet.com.br/Nacional/2014/07/na-camara-8-em-cada-10-deputados-tentam-a-reeleicao.html> E entre estes, 84% (8 a cada 10) querem retornar ao Legislativo em 2015. Claro, alguns leitores defenderiam: “Se eu fosse deputado ou senador faria a mesma coisa!”. Tem lógica sim; só não pode ter coerência com a esperança de que qualquer eleição derrube a perpetuação da mesmice, mesmo que a maioria destes não se eleja. Basicamente porque o Império Eleitoral que se alimenta das PetroIdeologias, dos financiamentos de campanha na Ilha de Vera Cruz, vai municiar os mesmos coadjuvantes para garantir a improdutividade política daqueles nossos quatro heróis. As velhas repetições de estereótipos (malandros, ricos,



sofredores, palhaços e briguentos) da novela “Império”, da Globo, já demonstram isso. Aguardemos, malgrado alertas de iniciativas como o “Ranking dos Políticos”, o início do horário eleitoral para termos certeza da certeza! ( 29/07/2014)

Inspirado (ou pirado) pelas mais recentes leituras de geografia estratégica internacional – o livro “a Vingança da Geografia” do norte americano Robert Kaplan –, arrisco-me a fazer uma defesa do expansionismo das relações internacionais brasileiras, contrariando o senso dominante centrado no MERCOSUL e nos BRICS. Como todo brasileiro, prevejo um brilhante futuro ao Brasil, apesar do presente complicado nas amarras de um passado que nunca morre. Mas só prevejo porque não poupo críticas às decisões governamentais em séries que insistem no caminho “fácil” de fazer a defesa das coisas óbvias: 1- Aprofundar a latinidade com os Hermanos Platinos; 2 - Intensificar o diálogo lusófono na África e compensar a escravidão; 3 - Fortalecer o acordo com os emergentes asiáticos; pois afinal o Brasil é um “celeiro” indispensável aos bilhões de orientais.

Não vou ser louco a ponto de dizer que todas essas frentes não sejam investimentos interessantes. Mas uma crônica “geoestratégica” (prefiro essa palavra à tradicional “geopolítica”) vem para dar suporte a uma resposta ao que Kaplan nos reduziu em seu livro: longínquas terras do cone sul americano. Um parentesco analítico com a visão tão ofensiva veiculada pela diplomacia israelense, semana passada: ao afirmar, diante do massacre 2014 na Faixa de Gaza, que o Brasil não passava de um “Anão Diplomático!”

Pois bem. Pode ser interessante perguntar por que razão a imagem do gigante adormecido é transmutada, por Israel e EUA, a um lugar sem peso no tabuleiro de xadrez mundial. Nações beligerantes tão sensíveis a mapear inimigos internacionais e agigantá-los insistentemente (vide Coreia do Norte, Síria, Irã, Líbia, Cuba), assumem seu poder marítimo na civilização do mediterrâneo (Israel) e no cerco ao que Kaplan chama de Ilha Mundial (Eurásia e África do Norte). Tentamos imitar a “endocolonização” norte-americana. Mas esquecemos que o sucesso do Império Yankee se estabeleceu mesmo nas conquistas das rotas do Pacífico (costa californiana, Havaí e Canal do Panamá). E nós que não conseguimos ainda atravessar os Andes, nem reproduzir Vasco da Gama no caminho das Índias, podemos sonhar em nos tornarmos potência? Uma 6ª economia com 79ª posição social não conseguirá transformar gigantismo territorial em poder se continuar, por mais 514 anos, ignorando a conquista de rotas permanentes no P.A.I. (Pacífico, Atlântico, Índico). Mais lusitanos que bandeirantes, deveríamos reconhecer que o sopro de nosso espírito nacional se volta aos Grandes Oceanos. Leva-nos às fronteiras do Pacífico, com o Chile; do Atlântico com a África do Sul e do Índico, com a Austrália. Estes três países, simbolicamente, deveriam compor, com o Brasil, uma espécie de “CASA” B do “P.A.I”. Verdadeiras alianças bilaterais na tão cara relação Sul-Sul, que o Mercosul não resolve e o BRICS jamais alcançará.

Sem dispensá-los, contudo, acordos marítimos com Chile, África do Sul e Austrália, são estrategicamente indispensáveis para a superação de nossas ilusões geográficas continentais. Voltaremos à CASA do PAI para, mais adiante não pecar! (02/08/2014)

O Valor Profissional de um grande cientista pode ser avaliado pela sua ousadia em transitar em outras áreas do conhecimento. Melhor dizendo, pode ser reconhecido, isto, sim por sua capacidade de ligar a riqueza inesperada de seu trabalho com as lacunas, “tão desejadas” das demandas mundiais. David Bohm (1917-1992), físico norte-americano (de nascimento), além de brasileiro e britânico (de adoção), foi mais um daqueles brilhantes judeus do século passado a traduzir sua genialidade científica em exercícios filosóficos de reaprendizagem da vida. Não sei dizer se mestres da Educação mais próximos de nós, como Paulo Freire, Milton Santos, Ariano Suassuna e Cora Coralina chegaram a beber na fonte de Bohm, suas peculiares formas de pensar o Diálogo humano. Mas todos esses, a sua maneira, sabiam nos convencer do quanto uma comunicação reduzida à prática do discurso direto (ou informativo) era brutal e insuficiente. Para esse professor emérito da Universidade de Londres e reconhecido pesquisador da teoria quântica – embora ele fosse rejeitado por muitos físicos mais ortodoxos e contrários a intercâmbios com religiões orientais – só há Comunicação de um fenômeno quando os sujeitos comunicantes recriam o objeto comunicado, tornando-o “comum”, renovado e mais acessível. Assim sendo, informar algo nunca será comunicar, enquanto essa informação não (de) (com) reformar o conhecimento em sabedoria! Eis o limite de Gaza: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/07/o-que-leva-israelenses-e-palestinos-a-viver-recrudescimento-de-um-conflito-historico-que-parece-nao-ter-fim-4555347.html>

O livro “Diálogo: Comunicação e Redes de Convivência” (Palas Athena, 2013) nos propõe essa sabedoria comunicacional do cientista contemporâneo. Seu valor encontra-se num recado a todos os demais cientistas, mais ou menos “humanos”: a militância profissional de nossos conhecimentos científicos não nos isenta da obrigação de pensar, falar e escrever sobre objetos “estranhos” ao cotidiano; e sobre territórios alheios às nossas pesquisas. Se tivéssemos mais a ousadia experimental do povão - de um pedestre que vira motorista, de um cidadão que avalia a macroeconomia, de uma jovem que se torna mãe e chefe de família, ou de uma anciã, que após 80 primaveras, acolhe esperançosamente o receituário de um médico recém-formado – estaríamos menos iludidos pelos fragmentos de saber que regem nossas teorias. Isto sim é a autocrítica permanente que deveria habitar o núcleo central de toda e qualquer tese, modelo, produto ou solução que criamos. “Fulano descobriu isso; Sicrano inventou aquilo; Beltrana conseguiu uma solução inteligentíssima para o problema daquela doença”... É ouvir isso e pensar agora, como o velho e rabugento Seu Lunga (provavelmente um leitor natural de David Bohm): “Tudo Balela!

Fulano, Sicrano e Beltrana só serão dignos de mérito quando suas ideias forem criações coletivas. Ou quando desfizerem, coletivamente, o mal das ilusões”. A democracia formal, a guerra santa, a tecnologia de ponta e a eco sustentabilidade, discursiva e hipócrita, só alimentam o Israel e o Hamas que há dentro de nós. (10/08/2014)

Voltando à (ins) piração de “A Vingança da Geografia” de Robert Kaplan, podemos conversar mais sobre a proposta de acordos internacionais visando a formação de uma organização transoceânica, no Hemisfério Sul. Sugerimos a denominação simbólica – fundada nas iniciais dos países incluídos no futuro tratado: Chile, África do Sul e Austrália – pelo título “CASA do PAI”, que equivaleriam a litorais e portos dos oceânicos do Pacífico, Atlântico e Índico. Pois bem, esse debate não se completou. Como defender um Brasil, “gigante pela própria natureza”, mais dedicado aos intercâmbios marítimos que à geopolítica de interiorização subcontinental? Diriam... “Escuta aqui, Cara Pálida: essa sua associação do Brasil à CASA do PAI, propõe que ficar de frente para o Mar pode fazer desse lugar um bom país?”. Resposta bruta: EXATAMENTE. Vamos refiná-la!

A tradicional visão geoestratégica, que apoia a expansão territorial brasileira, integra, em uma só continuidade: as invasões bandeirantes, a diplomacia monárquica do Séc. XIX, a marcha para o oeste das repúblicas populistas e ditatoriais do Séc. XX e o pensamento golberyano que ainda alimenta nossa federação em pleno Séc. XXI. E por falar no “Satânico Dr. Go”, vale um passeio pela tese de Vania Noeli F. Assunção, disponível on line, para compreendermos o quanto a leitura daquele geógrafo foi assombrada pela onipresença soviética. Neste sentido, Kaplan nos ajuda a perceber e entender porque a força das experiências comunistas, de Rússia e China, inscreve, essencialmente, a atualização industrial de modelos dinásticos de seus seculares impérios nacionais.

O que chamamos de Brasil, no moderno teatro das nações, emerge do empreendimento luso-ibérico de conquistas marítimas. Espanha e Portugal findaram seus respectivos impérios ultramarinos. Mas não testemunharam em nenhuma ex-colônia – a não ser que consideremos o gigante estadunidense herdeiro castelhano – essa vocação para o desenvolvimento naval. O resultado perverso de uma exclusiva valorização continental é considerar-nos um país “gigante”, de distâncias e populações “enormes”, mas ignorantes pela mania de aceitar a visão norte-americana e euro-ocidental como únicas formas de conhecer as bacias desses três mares; e sua principal ilha: a Antártida. Aliás, é via Antártida que o envolvimento com a “CASA do PAI” demandaria uma ação geoestratégica menos tradicional do país. Dois signatários originais do Tratado Antártico de 1959 (Chile e Austrália) contam com uma participação logística e científica muito mais intensa na apropriação global do continente gelado. Brasil e África do Sul, como legítimos integrantes do BRICS meridional, não poderiam compor outra leitura desse processo, já

que são os “parceiros” do Norte que mais investem na Antártida? A reconstrução da Estação Comandante Ferraz (<http://www.defesanet.com.br/naval/noticia/16097/Marinha-lanca-edital-para-reconstrucao-da-Estacao-Antartica-Comandante-Ferraz-/>) ainda soa como um sonho megalomaniaco. Para associá-lo à Geoestratégia de uma Nova Ordem das relações Sul-Sul, há que se criar um novo Pacto Oceânico. Que tal Brasil, topa? (11/08/2014)

A música “Pavão Misterioso”, de José Ednardo Costa Souza, traduziu em 1976, minha primeira memorização de uma canção cearense. Ao contrário da admiração já manifesta pela novela Saramandaia, não compreendia exatamente a razão pela qual Ednardo não alcançou um reconhecimento posterior que sua vasta obra, em princípio, merecida. Claro...tantos outros artistas assim como ele vivenciam a trajetória padrão de sucessos momentâneos e descontínuos. E quando a leitura regionalista parece aprisionar a identidade de suas principais produções, o espaço de reconhecimento se reduz de forma assombrosa. Pior do que os enquadramentos da grande Mídia são nossas manias de apequenar as produções mais universais. A composição de uma canção popular, em seu refinamento poético, representa uma oferenda artística divina. Mas a busca de padrões que satisfaçam o comodismo de nossas “visões” auditivas; não passam de desperdícios ofensivos. Talvez por isso o compositor nos “responda” em sua canção “Terral”: Além de sul americano, “eu sou a nata do lixo, sou o luxo da aldeia, sou do Ceará”.

Neste feriado de 15 de agosto, na Praia do Futuro (em Fortaleza) testemunhamos outra versão das oferendas desperdiçadas que a profética música do compositor nos legou: “a Praia do Futuro, o farol velho e o novo são os olhos do mar”. E o mar da discriminação social e institucional, continua relegando à tradicional e enraizada Festa de Iemanjá conduzida pela UECUM (União Espírita Cearense de Umbanda) à condição ambígua de permissão sem promoção. A percepção crítica de quem passa pelo bairro, diante da movimentação dos grupos cultivadores de Iemanjá, é ouvir dos ventos a seguinte voz urbana: “Agente deixa vocês batucarem aí neste (agora) Feriado de Nossa Senhora da Assunção; mas POR FAVOR, não se assuntem a reivindicar valorização e prestígio que lhes é de direito. Fiquem vocês quietinhos aí como um Ednardo no ostracismo. Porque a Festa da Cidade que reelegemos como verdadeira é a Caminhada com Maria: estamos entendidos?”. Obviamente, nem os jornais da cidade, nem os canais de comunicação da Prefeitura admitirão tal rebaixamento ostensivo. Mas o pouco que pude observar - justamente quando programei a participação de universitários na coleta de concepções dos festejos (Iemanjá/Assunção) – era de um explícito desperdício cultural. A ênfase da reportagem não estava na densidade da festa; e muito menos nas violentas ocorrências de assaltos e arrastões que expulsam cidadãos da interação no evento. Fala-se de trânsito! <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/orla-tem-transito-intenso-no-feriado-1.1080361> além de dividir o próprio evento, entre Praia do Futuro e Iracema. Repare o registro da Prefeitura em 2014:



[realizara-ordenamento-urbano-na-festa-de-iemanja](#). Enquanto Iemanjá agradece as autênticas oferendas de seus filhos diretos, a Cidade da Assunção desperdiça e maltrata a fortaleza cultural erguida nos terreiros. Um “Banho de Mar com Maria” não antecede a Caminhada por sutil e brutal preconceito! Triste é esse “Pavão Revelado”. (16/08/2014)

A Aventura Urbana tem se apresentado como o mais concorrido esporte dos jogos existenciais da era moderna. Manifestam-se nas cidades contemporâneas toda humanidade que somos, sonhamos ou evitamos ser! E nesses modelos espaciais de abrigo caótico - laboratório infinito de contradições “sagradas”, por atrair tanto quanto assustar - forjam-se conteúdos humanos nos mais corrosivos formatos de vida. Nada segue uma lógica ponderada; nada se explica por uma ou múltiplas razões; nada convence o espírito consumidor e crítico de que uma solução advinda, daqui ou dali, seja possível. E enquanto preparamos mais um Carnaval, uma Copa, uma Eleição, entre tantas outras Ilusões, estas Sagradas Cidades agonizam na demência de nossa incapacidade cidadina.

Bastaria olhar minha cidade-morada com a visão instantânea e certa de qualquer turista. Também sou lobo vestido de cordeiro espionando o mundo! Mas fazê-lo na casa da vizinha é sempre mais gostoso. Alguém discorda? Pelo não ou pelo quase, fui à cidade vizinha, São Luís do Maranhão, apenas para curtir um lazer conjugal. E como bons turistas, minha esposa e eu curtimos, conhecemos, consumimos e vivenciamos a mínima segurança da estada e a máxima alegria da volta! Dois brasileiros, comuns e migrantes, vivendo três dias de sensível contato com o melhor da vida urbana que o Brasil oferece ao Mundo: uma Cidade Acampamento. Aquela que faz seu centro tombado ferver e formigar nos horários úteis; e virar cidade-fantasma, de corpos penados à espera do restauro das ruínas. Uma monstruosa ficção de como disfarçar campos de refugiados em ilhas da fantasia desigual. Em outras palavras, um modelo (não único) de “patrimônio da desumanidade”. Pensando assim, deixa de ser “surpreendente” um casal sentar no único restaurante turisticamente “ajeitadinho” do centro histórico de São Luís, para o almoço de domingo e ler a seguinte manchete do jornal “O Estado do Maranhão”: <http://imirante.globo.com/oestadoma/noticias/2014/08/23/pagina273680.asp>. Tratando problemas da deterioração de imóveis e dos limites para contorná-las, a matéria envolve três páginas do caderno “Cidades”. E é seguida por aquela compensação – aparentemente positiva – que enfatiza assim a grande potencialidade desenvolvimentista do estado: “Mais de 80 empreendimentos nos últimos 5 anos se instalaram no MA”. Logo, Meu Caro Watson, o Centro é “patrimônio da desumanidade” porque a dita “humanidade” tem mais o que fazer desde os tempos da invasão francesa, em 1612; ou da reação lusitana na Batalha de Guaxenduba, há 400 anos. A Cidade dos Azulejos deseja a vidraçaria e os minérios dos Tigres e Dragões asiáticos! E trata com menosprezo de hiena a dita riqueza patrimonial euro-afro-ameríndia. Que nojo, infame, sem futuro nem

sobrenome! Diria a Vingança Talibã que habita em nosso peito “mudernin”. Mas àqueles que não se sentem tão talibãs assim... POR FAVOR, ANDEM RÁPIDO: Vão a São Luís que está por um Tris! Tristes Tráficos dos súditos de Sir Ney! Está caindo tudo só pela desumanidade que nos habita como cancro. Lei há, mas sem lógica alguma. (27/08/2014)

Percorrer caminhos no entorno dos lares em busca de uma saúde mínima tornou-se mais do que obrigação. Alimenta mesmo nossa alma bípede, que aproveita essa acessibilidade natural, para que não mergulhemos na dívida ética da estagnação. Em tempos de Pibinho - “recessão técnica” na economia e “fragilidade de argumentos” na política – uma boa caminhada, com o propósito de arejar as ideias sobre os erros recorrentes (travestidos de certezas) não pode ser trocada por nada. Tal exercício converte-se em uma levitação; principalmente quando feita após a audiência de uma palestra como a do Professor Leandro Karnal, no programa Café Filosófico da TV Cultura, levada ao ar em 2012, mas ainda atual por um bom tempo: <http://www.cpfcultura.com.br/2012/09/21/os-velhos-e-os-novos-pecados-leandro-karnal/>. Karnal parte da realidade histórica e religiosa dos 7 pecados capitais, para lembrar-nos três grandes abalos do conhecimento na era Moderna: as concepções astronômicas de que nunca fomos centro do Universo; o evolucionismo darwinista, nos fazendo descender de um primata original e a descoberta freudiana de que um inconsciente subordina (e muito) nossa razão. Resultado: a subjetividade se impôs e redimensionou completamente nossos critérios éticos de certo e errado, culpa e responsabilidade. O historiador detecta o contágio teológico dos novos processadores de pecados pós-modernos: a Autoajuda, a Prosperidade e o Empreendedorismo. Segundo ele, três “Teologias”, tão científicas quanto mágicas, capazes de nos iludir pela expectativa de uma salvação interior. Porém inoperantes para evitar a renovação dos Pecados Capitais. A exploração pelo trabalho infantil, no Brasil, é o exemplo escolhido por ele para evidenciar a fúria dos Pecados de Hoje.

Concordo sim; mas direcionaria os exemplos para o universo pecaminoso no qual firmamos nossos pés nos passos de incisiva caminhada. Daí chamá-los de Pecados Podológicos. Não são “Capitais”, pois ignoram a hierarquia metafórica da “Cabeça”, do poder superior. São sim Pecados de Pés seguros, de Passos rumo ao indispensável: Pecado da Qualidade de Vida, do Desenvolvimento Sustentável, dos Direitos Humanos, da Formação Tecnológica, da Educação Integral, da Unidade Fraterna entre os Povos, etc. e tal. Enfim, de todo um caminho discursivo que trilhamos e berramos, em ano eleitoral (principalmente) só para lembrar que os problemas vividos “não escondem os grandes avanços conquistados pela humanidade”!!! Naquele iluminado momento em que percebemos que jamais fomos tão simultaneamente iludidos e ilusionistas como nesta era de Pecados Podológicos, até conseguiremos lidar melhor com medievais dores de cabeça. Ira, Preguiça, Luxúria, Vaidade, Gula, Avareza e Inveja talvez aí possam nos servir de guia para o bom combate contra essa infinidade de valores, tão politicamente corretos quanto, satanicamente,

mortais. Menos por nos iludir sobre a imortalidade terrestre; e mais por criarmos provas indiscutíveis dessas ilusões vestidas realidade! Se até um Pibinho é culpa da Copa, que dirá o pecaminoso chão de onde agora levito! (30/08/2014)

A Organização Mundial da Saúde disponibiliza, em seu portal, uma cartilha denominada: “Prevenção do Suicídio: um recurso para conselheiros”. Sua página nº 1 afirma: “Um maior número de pessoas comete suicídio anualmente do que as que morrem em todos os conflitos mundiais!”. O material veio à minha tela quando me deparei com a rasa profundidade da notícia: “*Estudo inédito da OMS indica que há 1 suicídio no mundo a cada 40 segundos*” <http://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/estado/2014/09/04/estudo-inedito-da-oms-indica-que-ha-1-suicidio-no-mundo-a-cada-40-segundos.htm> É preciso continuar a escrita para que o leitor não suicide o interesse. Afinal cada informação terrível como essa pode servir de semente, metaforicamente falando, a alguma florada! Pelo menos penso assim, exatamente porque meu pessimismo - que tanto me anima a pensar além de Gaza, Ebola, Donetsk, Estado Islâmico e o “Medo vencendo a Esperança” das Eleições 2014 – agora procura conversar com esse fato avassalador da realidade humana. 800 mil pessoas encerraram suas vidas em 2012, superando uma cifra oculta, ainda mais alarmante, dos milhões de seres que tentaram o suicídio sem êxito! Pera lá, afinal: onde é que está a Flor de Lótus emergente nesse mar de lama, professor?

Émile Durkheim respondeu sistemática e sociologicamente ao enigma humano do suicídio advogando suas “causas sociais”, na clássica tipologia dos três modelos: O suicídio egoísta (centrado no exagerado individualismo); o altruísta (forjado pela causa ideológica ou kamikaze) e o anômico (fruto das crises coletivas). A oportunidade de relembrar tal perspectiva é propor o caminho das flores, com a mesma tônica feita pela OMS quando expõe o seu último relatório [http://www.who.int/mental\\_health/suicide-prevention/world\\_report\\_2014/es/](http://www.who.int/mental_health/suicide-prevention/world_report_2014/es/), em sintonia com as recomendações de prevenção. No plano da saúde mental, torna-se regra automática a construção de um “Saber Cuidar” dimensionado pela existência do (a) outro (a): Ente, Indivíduo, Pessoa, Vizinho, Família, Conhecido, Grupo, Comunidade, Bando, Inimigo, Nação, Deus... Efetivamente não importa o rótulo. Só importa mesmo o existencial da Alteridade, com efetiva capacidade de conter o assombroso terremoto do Suicídio: intensidade anual acima de 10 na escala Richter. Mas tristemente sentida como “infeliz decisão de uma alma atormentada”! Tosca a razão que impele qualquer sujeito medianamente esclarecido afirmar: “a Humanidade nunca avançou tanto”! Não duvido dos avanços; mas será que a boca falante tem em conta que o critério maior do avanço está na indispensável percepção valorativa ao Outro? O mesmo que Cristo chamou de “Próximo”; e que Caetano Veloso rimou como um “Distante Errante Navegante”, na canção “Terra”, tornam-se, pela orientação dos Conselheiros da OMS, as únicas Flores! Não seria vitalidade suficiente

para baixar a mais horrorosa de nossas cifras? Só vejo esperança no Ser quando se Tem com/contra quem Esperar! Inversamente, prefiro a má leitura durkheimiana - Ser é Ter o Outro - do que a boa leitura da autossuficiência humanista (06/09/2014)

O tempo passou na janela (e de novo) só Carolina do Chico não viu! Paciência... ela não conseguiu acompanhar o turbilhão de relâmpagos advindos do fatídico 13 de agosto, quando nosso Mocinho de Oxford deixou o Folhetim para revirar as Eleições 2014. Restaram em cena uma Agripina assustada, um Bastião arrogante, e aquela avassaladora Darlene... pesadelo das maiores e/ou melhores cabeças da Ilha de Vera Cruz. No dia seguinte ao falecimento de nosso herói, o Instituto Data Folha já convocava seus enqueteiros para cobrir a nova tendência de opinião sobre quem deveria comandar o mega/ ultra/ super/ mor império petrolífero da Ilha. E a resposta na semana seguinte polarizava Agripina e Darlene para um alucinante embate de segundo turno. A turma cotista da inclusão eleitoral, comandada pelo puritanismo de esquerda, direita e de canto algum (mas não larga o osso), voltava aos seus sábios (e históricos) 1%! Bela parte que lhes cabe no latifúndio da estúpida e pitoresca democracia insular. E os grupos de indecisos e revoltados se juntavam nas definições provisórias para dizer: Chega de Copa-Cozinha! Vamos ao Quintal das Fofocas. Ali onde se resolve de fato onde e como a democracite – essa infecção dos nervos que torna qualquer debate um combate – vai resolver, na marra, quem tem de ganhar. E aí é um vale tudo sem fim! Chama Leonardo Boff e Rogério Cerqueira Leite para expor as contradições da maliciosa Darlene; chama Diogo Mainard, Caetano e Gil para lembrar que Agripina não tem cola de estadista. Segundo as más línguas midiáticas, Bastião já teria perdido de vez a vez! Mas tal qual em um folhetim Global, esse é o núcleo secundário da trama. O núcleo principal é encenado pela dança das cadeiras do aparelhamento da estatal, epicentro real do Mistério!

O grande astro da novela responde aqui pelo nome de Pancho Bob de La Borda. Preso e na mão dos intrépidos federais – o destacamento armado mais respeitado da Ilha em momentos de tempestade documental - esse trunfo de audiência resolveu dar com a língua nos dentes. Garantiu sua credibilidade em um acordo de delação premiada! Traduzindo: Menos anos de cadeia se levar junto uma cambada de responsa! Resultado. O noticiário demonstra por que tanta gente acha que o petróleo é NOSSO (isto é, DELES): <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,ex-diretor-da-petrobras-delata-propina-a-deputados-senadores-e-governador,1555549> A propina teria caído até na conta do nosso saudoso Carlito e em boa parte da base governista! Chiiiiii! Agripina, que nos fez sonhar no início da trama, “distrama” agora: Como fugir do pesadelo? Tem candidato na Ilha falando em privatizar tudo! Mas também há quem defenda um choque de estatização. Dois mil prá lá dois mil pra cá, todo mundo que foi da Grande Família Pancho – incluindo a Panchesca de La Borda, atual presidenta da Petrobrás – encontra-se órfão agora. Jura por Deus e o Diabo (na Terra-



Mar do Pré-Sal) que nunca foi beneficiado por uma gota de ouro negro desse bandoleiro! Melhor mesmo é deixar Carolina dormir; pois se ela acordar pode virar Ministra de Minas e Energia da próxima novela! (07/09/2014)

Não é a primeira, nem será última vez que acolhemos as grandes cidades como palco maior de posicionamentos políticos. Ainda que esse acolhimento não se faça de forma tão agradável como uma leitura imediatista gostaria. Exemplo de imediatismo vem na unânime defesa das Ciclovias como forma “indiscutível” de qualificação do sistema de transporte urbano, no Século XXI. O “politicamente correto” se junta à turma do tudo pelo “público e gratuito”, veste seu fardamento de ciclista e, como moicano da sustentabilidade, pedala para mais essa utopia possível. Sarcasmo pessoal à parte, juro que acho lindo mesmo um legítimo representante da classe média permanente posar com sua bike nos mais atrativos cenários de cidades brasileiras. Imagens e reportagens, como a que o Diário de Pernambuco publicou (ano passado) elogiando a malha ciclo-viária do Rio de Janeiro - 12ª colocada no ranking das Cidades Amigas das Bicicletas (veja em [http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/bikepe/2013/07/11/interna\\_bikepe,450045/onfira-ranking-das-cidades-brasileiras-com-mais-ciclovias.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/bikepe/2013/07/11/interna_bikepe,450045/onfira-ranking-das-cidades-brasileiras-com-mais-ciclovias.shtml)) – povoam a idealização infinita de nossos modelos edênicos de vida urbana. Não repararia tanto problema nisso se a cada ciclovias instituída para exclusividade das bikes, exatamente no domínio público e aberto das ruas e avenidas preexistentes, não gerássemos uma política de privilégio (ou de casta instrumental) em nome do que idealizamos como “cidade melhor”. Meu raciocínio de usuário informal das bicis, sem necessidade ideológica de colocar meu Eu Pedalador acima dos meus outros Eus (Pedestre, Passageiro e Motorista) é defender o uso máximo das bicicletas com o mínimo de ciclovias. Afinal, se fosse defender mobilidade de agrupamentos viários específicos, apoiaria antes vias para procissões, marchas, folias e reisados, blocos carnavalescos e micaretas de finais de campeonatos! Absurdo, não é?

Fortaleza, em brutais 24 horas, apresenta uma sintonia maravilhosa à ciclomobilidade (sem ciclovias) pela qual me posiciono favorável. Embora as ações urbanísticas mais recentes recortem faixas inteiras das demais zonas de tráfego motorizado para essa “Bikecracia”, é admirável o número de associações de Ciclistas que povoam as ruas cidade, principalmente em seus passeios noturnos. Assim como o volume de pessoas que pedalam por sobrevivência (estudo, trabalho, bico, encontros, lazer), ignorando, mais do que usando, vias “destinadas” às bicicletas. Claro que esse ignorar muitas vezes despreza todas as leis de trânsito, invadindo calçadas, invertendo a mão de direção, aumentando o risco de acidentes. Ninguém aqui quer fazer apologia do “deixe o bando pedalar como quiser”. O elogio primeiro às associações foi justamente para o ordenamento e a ocupação massiva e solidária da ciclomobilidade. O que nos parece mais do que ridículo é o ar

“empreendedor” de prefeituras, como a de São Paulo, investindo 15 milhões em um sistema cicloviário, no coração da cidade <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/09/ciclovia-da-av-paulista-deve-custar-r-15-milhoes-e-ligar-cinco-areas.html>, sem articular massivamente todo sistema de mobilidade urbana. Logo, caminho se faz pedalando! (11/09/2014)

Encontrei-me nessa manhã de sábado curtindo apaixonadamente um jogo da Premier League (Primeirona do Campeonato Inglês 2014/2015), entre Arsenal e Manchester City. Tratava-se de um daqueles jogos cada vez mais raros no País do ex-futebol (melhor que ex-país do Futebol, não?) que a gente começa a ver e não desgruda. Simplesmente porque duas forças audiovisuais entram em sintonia. No campo, ambas as equipes cismam de perseguir a vitória, variar jogadas e mostrar serviço esportivo o tempo todo; e na voz dos comentaristas brota aquela dificuldade bem-vinda de interromper a narrativa dos lances e/ou encontrar quem é que está carregando o jogo nas costas o tempo todo. Como resultado – em um universo de muitos resultados possíveis – chegou-se ao duro empate, 2 X 2, que ninguém poderia assegurar, antes do apito final. Claro que os analistas da Fox concluíram pela “superioridade” do meia Jack Wilshere, incluindo sua assinatura nos gols do Arsenal. Embora torcendo pelo City (que felizmente empatou), o que passei ali tinha direta relação com a necessária internacionalização de nossos gostos. Por que razão meu avô e meu pai jamais citaram qualquer força futebolística europeia (a não ser para depreciá-las); enquanto meu filho, desde cedo, se converteu em torcedor da Roma? A pergunta, além de pessoal, é extremamente machista e saudosista, não nego! E a resposta está em 10 minutos de atenção a um jogo meia boca da Seleção Brasileira ou do Campeonato Tupiniquim. Dois meses depois do fatídico oito de julho, que afundou nossos amarelados no Mineirão da vergonha, revejo também uma daquelas reportagens “filosóficas”, para atestar o quanto tempo perdemos na busca mítica do craque salvador. <http://oglobo.globo.com/esportes/copa-2014/temos-uma-crise-de-formacao-de-craques-13195744>.

Construímos – santistas e não santistas – um Neymar da Silva Santos Jr, só para espiar nossa ridícula incapacidade de ver o futebol como a força de dois completos coletivos. A busca inebriante do Craque é um vício pleno, até aqui. Aí, o craque nasce, ascende ao Barcelona, carrega o time nas costas e ganha de “goleada” (sofrível 1X0), da Colômbia e do Equador, como homenagem à 192ª Semana da Pátria! A verdade maldita do drama que vive o futebol brasileiro é que Neymar virou nosso Dom Quixote de La Cataluña Libre, porém perdida! Os que nasceram antes dele (Robinho, Kaká, Ronaldinho) já não o alcançam. Seus contemporâneos (Ganso, Pato, Oscar) permaneceram apenas bons em seus clubes. E parece que seus admiradores, preferem imitá-lo mal que preparar-se para jogar com ele em 2016 (Olimpíadas) e 2018 (na Rússia). Eis a colheita maior que os investimentos na profissionalização do futebol nos legaram. Um Pelé sem Garrincha, um Zico sem Dinamite nem Sócrates, um modelo de ostentação sem rival, sem coletivo nacional à

altura, nem musa primavera/verão para posar (até Bruna Marquezine deixou o close). Não crítico o fato de admirarmos jogadores como Neymar, Messi e Roben muitas vezes em detrimento de quase todos os demais. Crítico sim a aceitação desses “demais” que jogam tão menos; só pela solidão de Neymar! (13/09/2014)

Exercícios plebiscitários são caros, sim. Mas trazem a nostalgia de que o “ethos político” - algo indispensável à vida democrática - ainda funciona. A consulta popular aos escoceses sobre uma possível “independência” formal contra soberania do Reino Unido (Inglaterra, Gales, Irlanda do Norte e Escócia) chamou-me a atenção. A mídia internacional destacou o fato certamente incomum, debatendo o que se passaria diante de uma resposta afirmativa à pergunta: “Está de acordo que a Escócia seja um país independente?”. Entretanto, em um contingente de 4,3 milhões de inscritos, a vitória do NÃO por 55,3%, frente à expressividade do SIM (com 44% de defensores da separação) indica o limite aleatório da sabedoria de um povo. Ao invés de decidir de forma extremista – com mais de 80% para um dos lados – dá um recado incisivo ao Parlamento Britânico e a todo o Reino Unido: a autonomia é uma trajetória crescente de aperfeiçoamento de legitimidade nacional. Cada vez seremos mais exigentes dessa Autonomia, exatamente porque precisamos viver em um mundo de crescentes interdependências. Terminadas as comemorações e lamentações dos diferentes grupos organizados na sociedade Escocesa, as agências de notícia já repercutiam os “abalos” nas complexas bases do Estado Britânico <http://www.dw.de/referendo-na-esc%C3%B3cia-muda-politicamente-o-reino-unido/a-17935281?maca=bra-uol-all-1387-xml-uol>. Se tivéssemos mais tempo para explorar percursos históricos nesses 307 anos de Reino Unido, reler os encontros modernos das nacionalidades britânicas e rever as costuras e rupturas moldadas pela Revolução Industrial nas terras da Rainha, entenderíamos que o pleito da Escócia não emerge como caso isolado; muito menos indica fratura nos modelos federativos europeus. Atesta sim como envolver a sociedade nessa renovação. Embora sempre aparecerá algum deslumbrado porta-voz do “caos”, para ler nisso a “queda” de outro “Muro de Berlim” - Em Bruxelas? Em Davos? - decretando o fim do sonho de uma Europa unida e estável, mais dia menos dia! Ignorando-os, o que se absorve do exemplo escocês é o valor simbólico e efetivo das urnas: para manter o Reino (estado) mais autonomista (identidade + responsabilidade) há que se aperfeiçoá-lo. O que requer novos, eficazes e fluentes sistemas de gestão.

O recado dado em escala internacional deve chegar às próximas em consultas populares (Catalunha, Euskal, Flandres, Padania... e Regiões Brasileiras) por Autonomia Federativa. Uma pauta regionalista nada equivalente às “independências” anticoloniais dos séculos XIX e XX. Ainda que resistam muitos territórios aprisionados, merecendo conformar-se em uma nova escala de desenvolvimento político (Guiana Francesa e Porto Rico seriam exemplos continentais), a imaturidade de lideranças locais permanece como a lenda do nó górdio, da autonomia sem

desenvolvimento (Eritreia e Etiópia, entre inúmeros exemplos que o digam). Escoceses do Sim e do Não sabiam que qualquer resultado os manteria interdependentes do Reino Unido. Ao brindarmos com uma dose a mais de NÃO, forjaram mais sabedoria que regionalismo vão. (20/09/2014)

## SERIA O DÉCIMO QUARTO TRABALHO DE HÉRCULES?

Fomos eu e minha esposa ao cinema assistir o longa-metragem “Hércules” (2014), interpretado por Dwayne Johnson <http://www.tecmundo.com.br/cinema/61556-assistimos-filme-hercules-mitos-novas-ideias-acao.htm>. Lazer de sábado à noite no prazer da quebra de rotina televisiva e de bairro para um fim de semana. Não somos assíduos cinéfilos; nem desejaríamos ser. Gostamos apenas de absorver algumas horas de entretenimento para digerir – junto ao jantar – alguns momentos de efeito colateral: que mensagem tirar? Que conjectura é possível? Como esse transeunte se comportaria na guerra, no castelo ou no diálogo com os personagens centrais? São formas que aprendemos de curtir um filme para seguir nos divertindo como o surreal do mundo real. Até aí, Hércules de 2014 foi mais um pretexto. Um motivo épico do heroico semideus da mitologia grega, atualizado na saga hollywoodiana de trazer figuras marginalizadas para o centro da história; e corrigindo os desmandos da aparência. Moral de sempre: ninguém está destinado à exclusão; e o encontro do lugar certo na hora certa pode não se repetir na vida, mas dá um bom filme! A arte do diretor Brett Ratner moldou para a tela um 13º trabalho ao herói, reinterpretando a lenda do extermínio de sua família por sua loucura. Para conhecer a saga e os bastidores <http://cinema.uol.com.br/noticias/redacao/2014/09/04/hercules-e-para-familia-nenhuma-crianca-vai-sair-chorando-diz-diretor.htm>, eis uma chance de ver como as mitologias se multiplicam.

Mas a cena nada heroica nem sensata dos tempos pós-modernos emerge da própria plateia do cinema. Dois “habitus” contemporâneos encontram plenitude na “Grande Guerra” em defesa ao Consumismo Absoluto. Como vivemos a onipotência dos tempos de saciedades, celulares ligados e combos de pipoca não podem faltar em nossa seção de combate. Até aí, nada de mais, pois todos têm o direito natural de reinventar em seu coletivo a mitologia da qualidade de vida que quiser. Mas não é preciso ser um filho de Zeus para lembrar (ou esquecer) que a história da civilização humana é também contada pela produção telúrica da sucata e do lixo. Ninguém precisa ver a paisagem didática de um aterro sanitário ou do esgotamento “espontâneo” das cidades para assistir isso. Pelo que constatamos ontem, “nunca na história desse país” tantos escolarizados emergentes da Classe C (incluindo D+ e B-) foram tão narcisistas em seus “selfies” e tão porcalhões no abandono de plásticos e orgânicos. Certamente não faltam recomendações de cuidado. Até um desenho especial da Mônica dando uma coelhada em Cebolinha alertava a plateia contra a inadequação dos celulares. Também havia um funcionário designado para recolher a bandeja de alimentos. Mas a “fome” de autoexibições e polisaturados desses guerreiros do consumo os mantém em letargia ambiental. Literalmente, existe uma Galera Shopping que aporta seu mais



mediocre ambientalismo no anfiteatro do Mundo 3D. Coloca seus óculos, faz selfies, navega, enche a pança e pergunta a Hércules: E aí Bombadão Olímpico, quando é que você sai da tela para trazer Ética Ambiental? Resposta: Esse 14º trabalho não é para Semideuses! (21/09/2014)

Fechamos nessa quinta-feira, 02 de outubro (dia mundial da Não-Violência) mais um *round* do tragicômico horário eleitoral gratuito para as eleições gerais de 2014. Ou seja, “fechamos” um show de desperdícios coroado pelo orgulho dos direitos civis plenos. Claro que o circo democrático é preferível ao matadouro ilimitado das ditaduras explícitas ou disfarçadas. Mas a evolução do exibicionismo que nos leva a voltar quase toda atenção aos presidenciaíveis, e quase ignorar o exército macabro de candidatos ao Congresso, tem sim um preço. Impagável preço: quatro anos da mais absoluta letargia política que só imita o BBB nosso de cada verão, desde que o 3º milênio deu o ar de sua graça. O prognóstico dos especialistas do DIAP traça um perfil dos Legislativos (nacional e estadual) para o período 2015/2019, derrubando toda e qualquer história da carochinha que os militantes de Dilma, Aécio e Marina tentam transformar em novo Brasil. [http://www.diap.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=24445:prognostico-do-diap-para-camara-dos-deputados-na-eleicao-de-2014&catid=45:agencia-diap&Itemid=204](http://www.diap.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=24445:prognostico-do-diap-para-camara-dos-deputados-na-eleicao-de-2014&catid=45:agencia-diap&Itemid=204).

Evidentemente, um prognóstico é uma aposta de viciados em racionalidade histórica, cuja virtude é lembrar: “Está vendo esse blábláblá todo de país melhor – novo ciclo de desenvolvimento, mudança verdadeira, nova política – tudo será tragado pela mesmice que eterniza velhos poderes em novas imagens”. E daí não há escape: podem prometer o Jardim do Éden ou o Quinto dos Infernos: passar qualquer coisa pelo Congresso é barganhar com quem tem a vil oportunidade de corromper, em nome de suas bases eleitorais; sinônimo simples de PERPETUAÇÃO. A nova era parlamentar, verdadeiro expresso 2222 de Gilberto Gil, reinventada pelo cearense Tiririca, sintetiza toda fragilidade rasante de nossa imaturidade estatal. Resultado dessa infeliz estatística de 2014: menos de 15% dos brasileiros já escolheram candidatos ao parlamento! 85% que não! E quando o faz, tende a escolher MAL!!! Isso quer dizer que além de não digerirmos uma mínima saída institucional para os problemas nacionais, vomitamos a legitimidade de quem o faria.

O pesadelo maior do BBB Eleitoral é ao menos divertir os telespectadores. Compreendo, portanto, o fator Tiririca na lógica do modelo de importação. Por isso faço minha aposta na eliminação de outras beldades, só pelo nome. Já que pelo conteúdo a eliminação é ao contrário: mínimas ideias e máxima eficiência na imagem, está lá dentro! A reportagem da Rádio Verdes Mares trouxe uma dessas relações dantescas para o Ceará <http://www.verdinha.com.br/noticias/7563/de-katiroba-perereca-alumim-confira-nomes-estranhos-de-candidatos-cearenses-nas-eleicoes-2014/> Evitar que o Titica, o Panderin do Montese, o Katiroba, o Papai Noel, o Perereca do Alumin, o Bidonga, o Acorda Cedo e o Me Ajuda Aí

transformem minha representação política em um outro espetáculo de horrores; para além do horror de nomes que se perpetuam a 5, 8, 10 mandatos consecutivos. Isso seria ignorar um poder que até mesmo o BBB nos ensinou. Podemos até dar uma “espiadinha” na casa dos Brothers; o que não precisamos mesmo é nos eliminar da condição de cidadãos com um mínimo de juízo e reflexão. O Estado também sou Eu! (03/10/2014)

Um Aquariano sou desde que me entendo por gente. Um Geminiano me tornei na indicação do ascendente! E quando busquei detalhar esse trânsito descobri um eu “conservador” pelas casas planetárias! Já que em meu mapa astral, uma “conspiração” de sete planetas posiciona-se em signos governados pelo elemento Terra. Mas o que significam afinal esses códigos? O encantamento das informações faz parte de uma divertida forma de lidar com a vida: o desejo maior de que um Plano Cósmico exista, funcione e determine a evolução de tudo; trabalhe pela harmonia de tudo e contra todas as maneiras caóticas de desequilíbrio. Confesso que em certos períodos do meu passado achei muito cativante toda essa elaboração. Hoje, mesmo distanciado das leituras astrológicas, tendo a respeitar sua força mitológica e carnavalesca. Daí achar indispensável o exercício de lazer político proporcionado por publicações jornalísticas que exploram a racionalidade dos astros para “fotografar” as estrelas eleitorais do dia de eleição <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1527442-confira-o-que-dizem-os-mapas-astrais-dos-tres-principais-presidenciaveis.shtml>. Afinal, o que é que os astros não dizem sobre nossas principais opções ao cargo magno da República? Sim, a pergunta é essa mesma: O QUE É O QUE É QUE SE ESCONDE NAS TIPOLOGIAS DE NOSSOS CANDIDATOS? Uma sagitariana na dianteira e uma aquariana disputando a outra vaga de segundo turno com um pisciano... de fato, nenhuma revelação sensata emerge disso! Mas em um universo cíclico de repetições ideais, capaz de nos sugerir 12 padrões comportamentais multiplicados infinitamente, tendemos a observar horóscopos como oráculos da Verdade. Ou seja, uma maravilha para vida hollywoodiana (que desejamos) é uma armadilha mortal para a vida cotidiana (da qual habitualmente fugimos). Por isso o efeito brincalhão mais interessante seria perguntar: que ações nós temos praticado à revelia dos Astros que nos governam?

Nenhuma, algumas, boa parte, quase todas, a totalidade! Enfim, as respostas podem variar conforme o peso da crença no ocultismo contemporâneo. No mínimo, o que o zodíaco nos provoca é a aceitar uma escavação... um movimento de consulta sobre a atualização constante das informações a respeito desses saberes. Verificar em fontes ilustrativas disponíveis no ciberespaço <http://www.associacaoportuguesadeastrologia.com/pt-pt/page/hist%C3%B3ria-da-astrologia> o trajeto histórico e os subsídios da psicologia e da teoria dos sistemas complexos aperfeiçoando as “pertinências” de tais saberes. O que não afirma, em momento algum, que aquilo advindo da interpretação dos mapas diga o essencial; e todo restante não revelado pode ser desprezado. Exageros extremistas, pelo bem da política e das ciências (acadêmica ou oculta), deveriam ser

evitados. Utilizando a Cartografia para decodificar as falas do Astro em que vivemos (Planeta Terra) geremos plantas, cartas e mapas que precisariam imitar imagens zodiacais! Mas o fato de habitarmos o séc. XXI com o positivismo do XIX nos convence a ler mapas para revelar estrelas! Melhor é apagá-las, antes de lê-las (05/10/2014)

Vivenciei neste final de semana a liturgia intensiva e explosiva do Círio de Nazaré. Muitos já o fizeram, em situações próximas ou distantes do exercício religioso católico. Boa parte das pessoas, certamente, adorou (e com todas as formas de razão) sua monumentalidade e plena sintonia com Belém; e a região amazônica, para qual a cidade equatorial exerce uma liderança cultural. Mas falar de Belém é aqui apenas um mote: projetar a mística de Maria de Nazaré na simbologia de cortejos urbanos que se revelam sinônimos de “círio”: a procissão das velas, das luzes do mundo, da estrela guia substanciada pela pequenina imagem de madeira, cortejada nesta capital desde 1793.

Tomar os 222 anos de Círio como intensos momentos de absorção devocional é trilhar no campo das expectativas. O que vi corresponde sim ao que esperava ver de uma festa que entendo como “sacroprofana” – sempre provedora e anunciadora de uma realidade compatível com a imagem do Reino Divino (cristão, no caso) que se quer antecipar. O Círio religa e reelege a vivência geográfica do paraense a Belém do Pará que se deseja alcançar. Uma “Cidade de Deus” na atualização popular do pensamento de Santo Agostinho. Mas o que importa fixar nisso que chamei de “natureza espetacular da fé” é o teor explosivo do Círio. Melhor dizendo, do complexo de eventos e cortejos referenciados pela Virgem de Nazaré, capazes de alcançar seu auge na portentosa e igualável “romaria matinal”; como nos versos da Escola Samba Estácio de Sá, de 1975, cantados no Auto do Círio, um de seus eventos. “Explosão” no sentido cosmológico de um “*big bang*”, que espalha partículas de matérias diferenciadas sem deixar de compreender-se com Universo: harmonias em versos que unem e conduzem as cenas de uma celebração metropolitana. Ao aprendermos a reconhecer nas metrópoles modernas – brasileiras inclusive – um agressivo sentido de secularização, de débito religioso, de troca dos valores da fé pelo fetiche da mercadoria, o Círio advém para desmontar tal aprendizagem. Sua explosão é gerir uma tecnologia social, transformando sacrifício em êxtase; prazer e solidariedade humana. Cá pra nós: alguma grande cidade atual precisa realmente de algo mais para verdadeiramente se desenvolver, além dessa transformação? Penso que não; e essa tendência de indicar o movimento sacrifício => êxtase como fluxo essencial do Círio, sugere duas discordâncias em relação ao que os próprios paraenses falam de sua festa maior. 1º: “Os espetáculos do Círio vêm distorcendo a festa progressivamente”. Prefiro recordar que a fé sempre forja uma comunicação ao Outro (divino/humano). Neste sentido o “espetáculo” é uma propriedade analítica da festa; não sua desvirtuação; ainda mais nas teias do espaço urbano; 2º: “A festa é uma exclusividade do Pará”. Mas não para ficar no Pará!!! O Círio

é tão exportável que os planejadores urbanos deveriam se perguntar: que Círio é indispensável na cidade que projeto? Outras Virgens de Nazaré – mesmo em matrizes não cristãs - hão de respondê-los se o plano de fato for inovar! (12/10/2014)

Numa cidadezinha qualquer do interior desse Brasil Velho Gigante e Tropical, as poucas radiolas em funcionamento transmitem aquele som desagradável, mas costumeiro e alfinetado do único radialista vivo por tais paragens. Não é preciso dizer que Pasárgada e Brasília ficam do lado oposto do universo onde a tal Rádio Club "Solidão Que Nada" opera, em ondas médias; e só quando chove, em frequência modulada também! Bem, a tal Rádio Club alcança, sei lá por que, o maior nível de audiência no Programa de Seu Bocó, o mais antigo radialista do lugar, no sagrado horário das 11h00. Hora do almoço e de ouvir a sabedoria matuta do Velho Bocó em ação. O que dá vida à cidadezinha, neste período de guerra eleitoral midiática, de fato não fazemos ideia! Mas como dizia uma personagem, de outro velho sábio paraibano, "só sei que foi assim". Por isso Bocó aconselhava:

*Bum diiiiia! Meu Amigo, Minha Amiga ouvinte! É cum inooooooooorme prazê que entru em sua casa, seu ninhu, seu lar, cum licença de Nosso Senhor e a sua agradabilíssima amizade de toda manhã mi oivi e mi intendê. Porqui num falo prá enrolá, nem prá cria causo besta. Falo prá pra ti esclarecê. E o que ocê fizer do dito é da tua conta cum o Senhor lá de riba que tudo vê. Por isso peço minhas escusa sob algum mal entendido que dissé. Aí é da minha conta, tá bão assim? Na portera de São Pedro a gente quita tudo, tintin por tintin.*

*Mas hoji, logo hoje Meu Amigo, Minha Amiga, acho que minha conta vai fica pió, num sabi. E que tô meio mucho, meio acabrunhado cum tanta fuleragi que mi contaram onti a noiti sob um tal de facibuquê o feissibooqui, que tá deixando teus bacurizinhos tudo infeitiçado e indoidecido; dia, noiti, noiti e dia, feriado e dia santo; na casa; na rua; no trabaio, inté no culéju. Pra tu mode podê vê qui mundo é esse qui tamo criando! Vô te contá procê, Meu Irmão Amigo, Minha Irmã Amiga, teligenti, genti onesta e trabaiadeira, que é vai mi dizer aí memo, dentru do seu coração de fé e amôôô, cum toda sinceridade: "Véio Bocó tá certu o tá caducando?" Veja lá o que acabo de ouvi duns cumpadis meus vindo du Pará, esses dias memo! "Eita Bocó, iscuta essa: tem uns professô, uns pesquisadô, uma genti titulada nas academia aí, banbanban das letras difíceis que resolveu tudinho anunciá o Fim do Mundo, acaso nessas eleição agora o vença a Minerim Diuma (a que já é presidenta); o vença o Minerim Aêço. Cada grupo desses professo sabitudo, infia um tantão assim de coisa, queles diz qué informação, qué fato verídiqui, e intufa nos óio dos bacurizinho, das guriasinha credita guela baxo que o mundo bão vai acaba se a Capeta da Diuma o u Diabo do Aêço vencê. Arriégua! Isso lá é cumpostura de um Professô, Véio Bocó? Diz cá pra nós: Que que Sô acha dissu?*



*Meu Amigo ouvinte, Minha Amiga ouvinte, com todo respeito de tá na sua casa todos esses anos, nesse memo horário! Mas com essa língua que a terra há de comê, senti vontade de mandá uma praga muxibenta pra toda essa gente posuda e letrada que usa o computadô (essa maravilha que o Home inventô) só para atasaná nossa vida com fofoca e terrô. Que bobage é essa de Fim de Mundo, só porque o candidatu do outro time pode ganhá. Tão pensando que o Sinhô Meu Amigo e que a Senhora Amiga são um bando de abestado que não tem informação, vivença e critero de escoia! Meu desculpa, minha gente! Mas tô muito, muito aborrecido! Tô fulo da vida com essa turma de desocupado, que fica ripitando, ripitando, ripitando, dez, cem, mil, milhão de vez a mesma ladainha: “Agora é 13! O monstro do Aeço vai destruir tudinho que foi feito de bão!” “Agora é 45! A monstrenga da Diuma vai afundá o pais de vez!” Só nosso Sinhô Jesus Cristo para expusá esse bando de vendilhões do templo da sua casa, do seu computadô! Vai que um fio de Deus faça uma bobage, só porque o resultado do 2º turno não deu o que o doido esperava! Sabe o que é pior, Meu Amigo, Minha Amiga, é a perturbação na vida de nossos Filhotes. Que ver uma coisa?*

*Ocês, Cumade e Cumpade, falam pros bacurizinhos e pras guriazinhas: “Nun fica até tarde istudando no computadô! Apaga logo esse ismartefon”; vá discansá, vá distraí a cabeça cum outras coisas! Muito bem, aí o Sinhô tá no serviço, a Senhora tá no seu trabaio e a meninada tá lá no tal do feissibuque recebendo esse montão de porquera! Veja meu povo, tô falando que tudo de política é porquera não! Só tô injuriado com essa gente de título grande, estudada, mas de cabecinha curtinha, que acha que todos nós que estudô pouco ou que pensa diferente deles, tamo tudo por fora. Eles chama isso de ALIENAÇÃO, qué dizer: que é como se nós fosse bichu vivendo fora das coisas da pulítica, assim em outro mundo. Ora vê se pode! Aí os mininozim, as mininazinha, que nós criô, cum todo amô, todo carin, prá num ficá “alienados” como eles diz, pega o feissibuque e rebola de tudo: foto, desenho, filme, quadrim, e frases di CONCIENÇA PULITICA! Assim ó: TREZE RAZÃO PARA NUM VOTÁ DIUMA! CUARENTECINCO RAZÃO PARA NÃO VOTÁ EM AEÇO! E sobra até pro tal do Campos do Pernambuco (que morreu), pra Marina, prá Luciana, Everaldo. Eles diz: é tudo Traidôôôô. Vê se pode Minha Senhora e Meu Sinhô. Isso lá é modo de gente estudada? Ocês vão dexá os fio de ocês, os netos, subrinho, afillhada docês continuá navegando desse jeito? Oiá os pesquisadô mais sérios falando das rede social: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/proa/noticia/2014/07/como-as-redes-sociais-vaoo-interferir-na-proxima-eleicao-4554663.html>. Então acho, que não né! Escuta então aí o conseio de Bocó! Aprendi essa lá nas terras amazônicas dos Bois de Parintins.*

*Caprichoso e Garantido são teatro de boi rival. Um num se dá cum outro. Um é azul, otro é vermelho; mas sempre tão disputando eleição, que nem 2º turno. Intretanto, é aí que a sabedoria do povo de tradição vence a tontice do cabra letrado. Quem torce prum Boi nunca diz o nome do Outro não! Quando um boi se apresenta, o time do boi rival fica quiétinho, só de butuca. Espera*

*seu momento de mostrá o que tem de mió. É assim, Pulítica Verdadeira, Meu Amigo e Minha Amiga. Contem isso pros Menino. Mostrem Parintins a eles! Aí, um dia, essa paiçada acaba, vira Democracia! No capricho garantido, do Festival que ensina, deixo meu novo Buumm Dia! (4/10/2014).*

Tudo que pensamos, com o tempo, parece uma cortina de fumaça, uma capa de chuva, mais pano para a manga ou um véu de ilusões. Pensamos mesmo tudo aquilo, diante do medo, da desocupação ou dos estímulos; ou apenas vestimos com uma pele artificial algo que naturalmente não resolveríamos no momento? Não importa aqui responder isso. O que essas primeiras frases conduzem é a execução de uma lembrança do vínculo atualizado por Roland Barthes (1987) em “o Prazer do Texto”: o texto é nominalmente “o tecido”; um complexo de ideias entrelaçadas. A apresentação hipertextual da tese de doutorado da educadora Maria Helena Dias Pereira (Unicamp, 2000) sugere que, a partir desse e de outros autores, para se interagir com um texto precisamos rememorar ou imaginar sua tecelagem. Abrimos livros, revistas, sites, jornais, folhetos, e adquirimos experiências do mundo das imagens textualizadas, ignorando toda densa sensibilidade tecida pela representação final do produto ou da mensagem. Provavelmente isso nos proteja de muita perda de tempo com futilidades. Mas também nos DISPERSA! E eis o trocadilho da trama que o texto (científico, literário, profético, jurídico, jornalístico, documental ou pessoal) promove. Quando nos DISPERSAMOS, PISAMOS EM UM TAPETE PERSA SEM SABER! Uma pausa para observar tal agressão: <http://www.viverbemagora.com.br /2012/02/a-arte-da-tecelagem-de-tapetes-conhecendo-tapetes-persas/> Alguns hão de dizer: “nós fazemos isso sempre com as benesses da Natureza e o legado cultural que herdamos!”. Um tapete persa “dispersado” em sujas pisadas, nesse sentido, não entra em contradição com o descompromisso generalizado com as coisas. Verdade: tapetes também desfiam!

Entretanto, há ciladas que o mundo do hipertexto evitaria se a aprendizagem das eras e lugares remotos, onde os tecidos mais cobiçados serviram de manto (marca da realeza) para apontar o que deveria ou não se traduzir no papel. Aliás, a tessitura que vai do pergaminho ao papel até atingir os feixes luminosos da tela do computador nunca ignorou isso. Os meandros (ou labirintos) das diversas versões da Civilização Humana, por intermédio da moda vestuário em suas combinações (in/out), transformaram vestidos, camisas, paletós, calçados... toda e qualquer peça em capítulos de um livro sem fim! Não há “supérfluo” algum em um desfile de grife. Tudo é necessário por representar as ideias tecidas (fiadas, como as conversas) na lógica da arte clamando por seu leitor.

Talvez esse seja um problema conjuntural demorado, que promovemos a “estrutural” na infeliz desconexão entre o texto e o tecido. O hipertexto e a alta costura, juntos, poderiam ajudar a superar o analfabetismo prorrogado ao século XXI. Quando Mahatma Gandhi propôs, na primeira metade do XX a independência da Índia, frente ao Império Britânico, indicou a Roca de Tear como

arma/signo de identificação. Criticaram-no por defender uma técnica do passado! Pois se cada criança, além de ler e escrever, fosse estimulada à tecelagem, associariam mais e melhor texto, necessidade e beleza! Teares e cadernos nas mãos dos pequenos, e aí cresceremos. (18/10/2014)

Não tenho condições de uma análise crítica, minimamente convincente, para interpretar os porquês dessa progressiva paixão do telespectador esportivo, no Brasil, pelo Futebol Americano. A notícia <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/futebol-americano-conquista-jovens-e-vira-lider-na-tv-por-assinatura-1612> bem complementa a marginal realidade do esporte no Brasil <http://extratime.uol.com.br/maior-arma-da-selecao-de-futebol-americano-e-ninguem-saber-qual-o-seu-teto-nem-ela-propria/>. Será difícil considerar mais esse capítulo de aproximação tupiniquim do chamado “american way of life” como uma adesão espontânea. Tudo indica que manifestamos, sim, uma continuada “traição”, enquanto abandono por justa causa, da esperança de ver o futebol inglês reverter a favor dos seus adeptos a cultura do espetáculo. Cultura essa indispensável a toda e qualquer atualidade do mundo esportivo globalizado, no Séc. XXI. Mas, para quem ainda vê com estranheza e distanciamento essa opção televisiva pela ideologia do alcance do “touchdown” se intrometendo no reinado absoluto e exclusivo do “gol”, melhor seria perguntar: por que um contraditório futebol manual (que só de vez em quando promove o chute) ganhou tanto espaço entre nós? Trabalharei aqui apenas uma hipotética pista, muito articulada a essa contradição para resolver tal pergunta. Enquanto nos campos de futebol convencional (inglês), a coerência lógica do chute só autoriza a exceção manual dos goleiros, no seu reduto de área defensiva; no futebol americano, é a incoerência do avanço de jardas pelo território adversário que prepara o triunfo final: o chute do kicker no “Y” quadrado, a fim de atingir o ponto máximo da jogada padrão. O futebol americano aceita o tempo todo o que o inglês evita: fazer do corpo inteiro (individual e coletivo) um meio de condução da bola para o chute triunfal. Eis aqui uma boa pista para discussão sobre o valor dado ao gol em cada um desses projetos de jogo entre duas equipes. Quero, antes de continuar tratando a pista que abri acima, esclarecer ao leitor precipitado... continuo e continuarei apreciando o futebol inglês como representação máxima de esporte coletivo. Acompanhar os jogos da NFL (liga norte-americana, pela ESPN) durante 5 meses do ano e aderir às duas franquias sediadas em Nova York – *os Giants*, chave nacional e *os Jets* da americana – não me torna “traidor” da tradicional proximidade com o esporte bretão. Mas situa um alerta para refletir sobre como nosso futebol vai alastrando seus débitos e enfraquecendo seu espírito de espetáculo. A coerência quase total pela procura do gol com os pés (ou seus prolongamentos possíveis: cabeça, perna, bumbum, peito e barriga), independente da administração das distâncias territoriais, pode levar o marasmo de um 0 a 0 ser considerado natural, após 90 minutos de bola rolando. Claro, um empate desses por absoluta eficiência das defesas

contra os ataques (o americano se joga com equipes revezadas) é possível. Mas a probabilidade maior é de assistirmos a incoerência do “futebol com a mão”, ampliar a diversidade de táticas e resultados. Se as surpresas do futebol escasseiam, precisamos observar “futebóis” mais surpreendentes e estratégicos para nos cativar. Eis o motivo da adesão. (19/10/2014)

Uma comitiva infindável de homens e mulheres “porta-estandarte” desfilou por nossas ruas, avenidas, alamedas e corredores expressos. Perfilada para as batalhas de 05 e 26 de outubro, cada personagem desse cortejo reeditava o ícone mor da ideia que não podíamos, jamais, esquecer: números 13, 15, 40, 45, 50, 90. Claro, entre outras tantas dezenas possíveis de decoração vazia. Mas o volume dessas combinações, inspiradoras da Megasena político-partidária, acumulada de dois em dois anos, atraíram nossas apostas e deram aos ícones do “13”, dessa vez, uma renovada condição de premiação.

Contudo, as mesmas ruas, avenidas, alamedas e corredores, agora “impressas” pela normalidade dos dias seguintes, sequer recordariam do anti-glamour da infinidade de porta-bandeiras (ou porta-estandartes) que a inundaram nas últimas semanas. Por que será? Para onde foi tanta gente comprometida com o ícone da sorte? Seriam eles e elas os factíveis militantes do pleno emprego, que faz do ano de 2014, depois de Cristo, o Ciclo de Translação de maior empregabilidade na história desse país? Independentemente das hipóteses irônicas, sabemos que o processo eleitoral é um bálsamo econômico das sociedades ocidentais. Mas o desaparecimento previsto da personagem chave dos Estandartes, nos força a lembrar o aparecimento precipitado daquele totem divino que os inspira: A Rainha-Deusa das agremiações carnavalescas... a Porta-Bandeira das Escolas de Samba. Lembra tanto que contesta e nega. Nenhuma Porta-Bandeira carrega ícones elementares, como números partidários ou imagens de candidatos. Porta-Bandeiras assim como o seu guardião, o Mestre-Sala, sequer sambam. Ambos bailam para além da Escola! Ela (com Ele) não carrega nada; Ela congrega o todo no símbolo triunfal: “o Samba em Feitio de Oração” (conforme Noel Rosa). A porta-estandarte é o lugar simbólico (sagrado, profano, mundano, intangível) pelo que respira uma coletividade em fé e festa. Pode haver mais de uma - como nas Super-Escolas de Samba dos sambódromos de hoje; duas ou três. Podem ser imitadas em alas ou alegorias. Mas a hierarquia profunda do símbolo humano e divinal não se desintegra, nem desaparece. O mesmo jamais acontece com a super oferta dessa gente-estandarte das campanhas políticas. Passada eleição, ninguém sente a falta. Por que sentiríamos?

Por que, o sujeito subocupado, na função de gente-bandeira, passa 8, 10 semanas envolvido pelo humilhante gesto de anunciar um ícone; e de não se envolver com aquilo; jamais bailar ou criar movimentos em um ritmo de êxtase e/ou sedução? Ele/ela sabe que um celular ligado é imprescindível, que um poste ou árvores, para fugir do sol, são indispensáveis, que o cheiro do sanduíche e do refresco, em “desfile”, é mais inebriante que a adesão do eleitor, com sorriso ou

palavras de incentivo. Por isso, tal nossos desfiles de Momo, as Campanhas precisam, urgentemente, repensar o desmazelo dessa gente-estandarte, bronzeada, mas sem nenhum valor! Antes de deixarem a mídia rasante defendê-lo por subemprego: estandartes vazios. (28/10/2014)



Lembro uma cena pitoresca em um supermercado de Belém (PA), quando nessas ocasiões de apagão (previsíveis, mas sempre inesperadas), cerca de quinze pessoas pararam na fila do caixa para “aguardar” o sistema voltar. Os bruxos de *Wall Street* já nos convenceram de que tudo é sistema e que o capital financeiro põe quem quiser no poder e na oposição. Mas o cotidiano assistêmico e original, pulsando para além do esperado, poderia guiar a reação de uma funcionária, quando um daqueles “velhinhos chatos” propôs: “Oh Dona: pelo Amor de Deus, marca nossa compra aqui com dinheiro, em um caderninho e nos libera logo! Depois a senhora lança a contabilidade no sistema e fica tudo certo! Que custa fazer isso?”. Passaram-se cinco, dez, quinze minutos dessa lógica e “incompreensível” proposta; e o resultado daquele impasse ficou similar às grandes soluções do mundo contemporâneo: desistência. Caí fora do supermercado, abandonando o produto desejado e confirmando por que caminhamos para um mundo, necessariamente mais infeliz. Porque somos incapazes de reconhecer que a solução da maior parte dos problemas encontra-se na prática do convívio (inteligente e afetivo) de experiências passadas! Em um mercadinho, o que o consumidor propôs seria mais do que habitual e permitiria, ao contrário, que por falta de luz nas residências mais gente fosse ao comércio fazer compras. Mas ali, não! Deu-se a mais absoluta inoperância e paralisia! Se de um lado todas as invenções ocidentais anunciam a felicidade, de outro o mero estupor deficitário de sociabilidade, diante dessas invenções, nos convida à “desumanidade”.

Inspirado pelo caso da inoperância do supermercado, fui a rever os pacotes infundáveis de metodologias alienígenas que importamos para suportar tantas tensões Pós-Modernas. E se os ismos das Grandes Filosofias do Deus Único (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo) conseguiram varrer o pensamento ocidental para as Revoluções Iluminista, nada melhor do que atravessar o escurinho dos apagões com a lanterna mágica dos Empreendedores de Bem-Viver. Núcleos holísticos projetam A ÚLTIMA E MILAGROSA SAÍDA PARA NOS LIVRAR DE TODO O MAL <https://artedebemviver.wordpress.com/tag/arte-de-bem-viver/> ou [http://www.humaniversidade.com.br/quem\\_somos.htm](http://www.humaniversidade.com.br/quem_somos.htm) instantaneamente. Vez ou outra, o caminho das Novas Filosofias relembra origens associadas à mesma fonte dos grandes sistemas religiosos. Mas como habitualmente não admitem a densidade das experiências desumanas e antiéticas, em seu trajeto histórico, perdem o poder da contradição, do paradoxo, da ambivalência. Tal qual supermercados, os novos projetos holísticos de Convivência elaboram um sistema, incapaz de dialogar com os apagões. A velha quitanda de bairro não seria tão ingênua. Afinal, se

somos Seres de Luz, adidos do Bem-Viver, por que considerar a Escuridão? Por que devemos “Vigiar Sempre!”. Nunca sabemos prévia ou didaticamente, quando a Escuridão chegará, sem projeto nem aviso. Disfarçada de Mero Acaso. Desenhadas pela intuição do Deus no corpo do Próximo. Dando dicas, preciosas e inesquecíveis, de como o Ocidente pode se orientar!  
(30/10/2014)

Passada a tempestade “cívica” e o aguerrido combate do Bem contra o Mal, a Ilha de Vera Cruz desperta, encantadora como sempre, neste Dia de Todos os Santos, para comemorar a consciência de que **ALGUMA COISA TEM QUE MUDAR AGORA!** Afinal absolutamente **NADA (VEZES NADA) MUDOU** nos últimos meses. No Carnaval de 2014, erámos uma economia em desaceleração (continuamos), com tendência a estagnação ou déficit de quase todos os índices (continuamos) sem melhorias sociais de emprego e renda evidentes (continuamos), capazes de potencializar o mercado dos emergentes (idem). Mas/Porém – sempre essa fala adversativa de plantão – não tínhamos feitos as propaladas Reformas de base (só prorrogamos); nem dado um basta nos abismos educacionais (só prometemos); nem estancado a sangria fóssil da mais Brasileira da Empresas da Ilha (só pioramos). É dessa infinita capacidade de reler a estagnação ou a piora, que o Bem, representado pela doce Agripina Cruz - como diria Toquinho “linda no seu manto todo Branco em meio à procissão, cegando Xangô num balanceio cheio de paixão” - triunfou sobre o Mal, encarnado em Bastião Spada – que como diria Lobão “a maior expressão da angústia, pode ser a depressão, algo que você presente, indefinível...”. O estado de conservação absoluta, inclusive afina os “democráticos” canais midiáticos para que a Dinastia de Vespasiano Cruz <http://www.cartacapital.com.br/revista/824/a-recomendavel-parceria-7120.html> catapulte a Ilha à Estrela Vermelha do Partido Total. Enfim, definido o comportamento padrão de cada personagem, podemos crer que a revelação dos “Mistérios da Petrobrás” traga o mesmo Final Feliz dos escândalos passados! “Erros foram cometidos e os culpados serão punidos de forma exemplar”. Uns entregues ao conforto das penitenciárias VIPs; outros promovidos ao desconforto de governar a Ilha, cujos problemas socioambientais podem ser mitigados nos Braços do Povo!

É nesse momento que as lideranças populares, mais abraçadas que nunca com a ordem do Bem, lembra aos grandes estrategistas da Ilha que uma sombra do Mal ainda precisa ser banida, desovada, massacrada, decepada, detonada, arruinada, extinta de vez por todas de nossa paradisíaca Ilha: A Imprensa Fascista VGF (Veja/Globo/Folha SP). Dois meses de reuniões sacudirão os bunkers do novo governo, para tramar o mais infalível dos planos contra a Mídia Golpista! É preciso ter toda garantia de que a nova novela “Chiiiiii”, anunciada para suceder “Mistérios”, não colocará picuinhas na Cabecinha do Povo. Seus Braços devem continuar confortáveis para a Cabeça não procurar outros rumos! Antes mesmo de Agripina voltar ao Vazio da Paz de sua governança, o representante máximo do Partido Total já alardeia o mote da nova campanha <http://www.portalodia.com/noticias/politica/apos-vitoria-de-dilma,-pt-volta-a-propor->

[controle-da-imprensa-217980.html](http://controle-da-imprensa-217980.html). O “abaixo a imprensa” também está vivo em nossas Redes Sociais; pois há quem aplaudiu o ataque à sede da Veja, semana passada! Governo e Povo contra uma Mídia! Eis uma guerra santa quixotesca que ninguém quer matar... ou... pelo menos “essa noite, não!”. (01/11/2014)

Diziam os poetas Sá e Guarabira, em uma das mais repetidas canções que narra a triste saga do desenvolvimento sertanejo no Brasil: “...Vai virar Mar! Dá no coração, o medo de algum dia o mar também vire sertão!”. E o dia chegou no decorrer de poucas gerações; no discurso hipnótico de que é possível a governabilidade a partir de “volumes mortos”. Aprendemos com nossas lideranças mais esclarecidas, a reinventar a roda e acreditar na morte como sinônimo indispensável de qualidade de vida! A roda que girava para represar as águas em mares artificiais, agora deve girar ao contrário e levar essas decrescentes águas aos sertões mais distantes. Aqui um “Ceará de Luzes”, por exemplo, já festeja por antecipação a vitória na queda de braço regional que legou seu direito às águas franciscanas. Ajudou a convencer os *miores técnicos* do governo federal a pôr em prática a plataforma desenvolvimentista da Monarquia de Pedro II. E o resultado desse planejamento hídrico, tão estratégico quanto tragicômico, encontra-se na criação do mais novo indicador de falha no sistema de Desenvolvimento Republicano: o IEVMR ou Índice Eclesial de Volumes Mortos Ressuscitados: Apagões... Inflações... e Igreja velhas!

Uma reportagem da FSP de hoje sobre os sonhados testes para a transposição das águas do Rio São Francisco finaliza dizendo: “Na zona rural da velha cidade submersa (Petrolândia-PE), a Igreja era ponto de encontro para cerimônias como a Procissão do Rio e a Missa dos Pescadores. Hoje, é uma espécie de régua para medir o futuro do abastecimento de 40 milhões nordestinos”. E logo, um antipático leitor com mania de perseguição regionalista retrucará: “O mar de desenvolvimento está virando sertão em São Paulo e no restante do Brasil, também! Por que escolher o NE para inventar essa babaquice de IEVMR”? Simples, Meu Caro Zé Watson das redes sociais! Porque assim como a Igreja Cristã - católica ou reformada, neste quesito tanto faz – age por demanda profética, reconhecendo, mas não superfaturando os regionalismos (estes sim “babacas”) das repúblicas modernas, os Recursos Hídricos reagem à dinâmica de grandes escalas geográficas. O mesmo Estado que há mais de vinte anos sediou a Cúpula da Terra, na Rio92 da ONU, e assinou a Agenda 21 – Brasileira, com seu Objetivo 15 (“Preservar a quantidade e melhorar a qualidade da água nas bacias hidrográficas”), alimenta justificativas regionalistas descabidas. O problema não está na defesa ou ataque às “transposições”; afinal, todo sistema de tubulação em redes (de águas, esgoto, gases ou sangue) faz isso desde o momento em que a perpetuação humana na Terra privilegiou a vizinhança nômade ou sedentária dos cursos hídricos. O problema é ignorar o interesse comum e partilhado do Outro, que no âmbito nacional, é o mesmo! O São Francisco para ser cearense há de continuar mineiro, baiano e pernambucano, brasileiro! Seja como água ou como

Muro; de Saudade e Lamentação! Que a Igreja-Régua, ressuscitada em Petrolândia – exemplo da Cegueira das Luzes – nos converta a “gestores da escassez”; convictos sim dessa POBRE NATUREZA do Brasil! (09/11/2014)

Quantas vezes você já visitou uma daquelas exposições “cabeça” fazendo um bruto esforço (físico e emocional) para reconhecer a arte do artista? Caso sua frequência em Museus, Galerias ou Festivais artísticos seja na base do “de vez em quando”, é possível que tal esforço não ultrapasse muito a natural “adaptação” ao novo ambiente. O efeito surpresa costuma durar pouco e; como sabemos (ou esperamos): o mundo lá fora continua sua rotina de ordem caótica, demandando a melhor arte de viver possível. Se naquele momento estranho, a densa imaginação da obra contagiar-nos a artesanaria da vida, aproveitaremos por um bom tempo. Se não, terá sempre uns canais de TV, uns tragos, umas *nights*, umas comprinhas capazes de nos aproximar daquele “sentido”, que a tal obra de arte, mesmo quando acessível e barata, não nos proporciona.

Claro que esses limites paradoxais da arte contemporânea – mostrar-se como arte e vez ou outra não ser reconhecida pelo público que indaga: “Mas que porcaria é esse troço aqui?” – avança por todas as modalidades artísticas. O Cinema, motor estético e industrial do século XX, não foge à regra. Cativa e afugenta nossa necessidade básica de lazer na modernidade. E até conduz uma tolerância criativa em costurar a pós-modernidade com os mais primitivos comportamentos humanos. Nessa tocada, algum vanguardista cineasta logo produzirá uma “película” para mostrar o lado humanista do Estado Islâmico! Antes disso deparo-me com outra produção sensível e revolucionária! Dessas que faz um urbanoide comum perguntar a si mesmo: “Serei eu que nada entendi?”, ou, externamente: “Será Arte?” Tendo a pensar um NÃO absoluto às duas questões no caso. Mas tive que consultar um guru da Filosofia da Arte chamado, Arthur Danto (1924-2013), para enquadrar racionalmente minha depreciação ao filme “Vento de Agosto” de Gabriel Mascaro <http://pt.gabrielmascaro.com/Ventos-de-Agosto>. Um Nada!

Fui assistir aos 77 minutos da “trama” e testar minha ideologia da tolerância: pagar os R\$6,00 da meia entrada do Cine Dragão do Mar e só extrair bom humor de um experimento cinematográfico incapaz de me dizer qualquer coisa. O filme não é ruim ou péssimo. Segundo Danto, ele seria uma forma institucional de arte porque muitas razões o converteram nisso. Inclusive meu pagamento que forneceu, conforme a nota fiscal, R\$ 0,18 ao autor! Portanto, paguei para dizer que assisti a um filme indigno de ser chamado de obra de arte. Contudo importante, no amplo exercício de manipulação das formas, conteúdos, conceitos e técnicas, cujo manancial nos é infinitamente acessível. Só não precisamos batizar precipitadamente seus resultados como “Arte”. Haveria espaço, sim para chamá-lo de “produto aparentemente terminado”, de “protótipo”, de modelo inacabado. Vento de Agosto poderia ser tratado como tal. Mas assim como ele, há cada

vez mais tempestades nos doze meses de obras experimentais, jogadas como Arte! Tenhamos Dó!  
Estarei até mais precavido frente minhas crônicas; afinal, a arte literária exige a emoção do leitor  
acima da razão do crítico! (16/11/2014)



Os manuais de desenho, pintura e arquitetura básica são capazes de elucidar a funcionalidade de um ou vários pontos de fuga, na construção de uma perspectiva gráfica. Essa interessante abertura do objeto singular à pluralidade de formas, possibilitando que o papel nos faça ver o movimento das coisas, foi extremamente revolucionário na modernização da arte. Deixou-nos livre para pensar em profundidade, em oscilação ou para revertermos em qualquer direção o que ali adiante nos arrependemos de fixar. O design Wellington Carrion (2005), em um breve artigo intitulado “Entendendo a Perspectiva”, no qual propicia uma definição funcional para os horizontes e os pontos de fuga, diz: “a perspectiva não é nada mais que uma grande ilusão que nossa percepção visual fabrica para que possamos entender a profundidade, volume e distância dos objetos”. Sem “arrudiá” muitos significados disso, Carrion repete o que toda humanidade sabe desde sempre, mas não se conforma jamais, por um místico impulso vital e viver além da vida. Para que tenhamos perspectiva e consigamos visualizá-la, é indispensável converter linhas e pontos em realidade com sentido. Gaston Bachelard diria que isso é converter objeto em projeto! E Adélia Prado, que é reverter pedra em poesia! Não importa: a Imaginação é o poço cósmico sem fundo de onde multiplicamos horizontes e pontos de fuga em busca de um porto seguro... Mas ao ancorar no ali, esse porto, também provisório, nos duplicamos várias vezes. Ganhamos a maldita dupla identidade! Promovemo-nos pró-assassinos (pecadores, entrópicos, doentes, rebelados) na criação de uma *persona* oscilante: dentro e fora dos nossos limites.

O seriado global da TV, “Dupla Identidade”, percorre essa fonte inesgotável de visualidade das perspectivas, nos mote tradicional do padrão psicótico que batizamos por “Serial Killer”: <http://gshow.globo.com/programas/dupla-identidade/Extras/noticia/2014/09/dupla-identidade-mergulha-no-universo-dos-serial-killers-entenda-o-assunto.html>. De certa forma, isso nos ajuda a manter uma esperança ingênua - embora pervertida por reducionismo - de que nossa identidade só é plena quando é única. Multiplicar horizontes e pontos de fuga nos torna complexos e arriscados aos que vivem ao nosso redor. Os artistas, os aloprados, os intelectuais, os viajantes, desde que contido em números e intensidades inofensivas socialmente, podem ter uma espécie previsível de dupla identidade. Mas Você, Homem ou Mulher desse Mundo que desejamos Puro e São, seja você mesmo (a), em uma só pessoa, em todo tempo e lugar. Se não, como é que iremos enquadrar sua imagem e semelhança em nossos modelares sistemas de controle? Algo se corrompeu definitivamente na ideia-força de Modernidade, enquanto exercício dos muitos seres que há (felizmente ainda) em cada um de nós. Necessitamos da imaginação pós-moderna para

relembrar isso. E com ela, dos shows, das autopromoções (selfies), bandeiras, Igrejas, farras e feriados, etc. Múltiplas perspectivas. Conforme nossa Elke Maravilha: “sou mais sete bilhões de variações humanas. Tem sentido querer de mim uma só pessoa?”. (21/11/2014)

E de repente somos a mais desesperada e faminta sociedade de consumo que já existiu na zona tórrida do planeta. Fomos comemorar o Thanksgiving do Décimo Terceiro Salário das massas felizes pelo acesso ao próximo Polishop do desejo. Algo que nunca necessitávamos até os últimos instantes até a Quinta do Caranguejo (*Crab Thursday?*); mas que na preta calada da noite tornou-se aquele bem maior pelo que desde sempre existimos! As ruas e redes das capitais nordestinas travestiram a febre comercial de Miami, Los Angeles e Pittsburg à velha questão de Caetano: “*A cajuína, cristalina em Teresina, existimos, a que será que se destina?*”. Uma resposta: Comprar, mais e mais!

Pois bem. E não é que a felicidade da cultura Black Friday, “espontaneamente adquirida” converteu-se em dois tipos de Projeto Nacional? Um centrado na dilatação do tempo! Aquela que nos justifica como “natural” o “em cima da hora”, o “atraso habitual”, o “deixar tudo pra amanhã” sem neura. Todas estas despreziosas de reinvenção do futuro com cara de passado recauchutado. Foi nesse espírito que o Garoto propaganda das Casas Bahia anunciou em alto e bom som: “prorrogamos o Black Friday” para este Sábado! Urra Meu, que balacobaco é esse? Enquanto a resposta não vem e os falsos descontos massageiam nossa vontade escrachada de consumir americanismos, observemos um segundo Projeto de Nação...

Trata-se de explicitar nossa vocação divina para o primeiríssimo Mundo. Bem como reconhecer parâmetros de valorização cultural e ambiental, conforme critérios de acessibilidade territorial. Daí não surpreender a arrogância de reportagens como a do Diário do Nordeste de hoje ao relatar os gordos custos de um Réveillon em Jericoacoara-CE. <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/negocios/passar-reveillon-em-jeri-custa-ate-r-19-8-mil-1.1162857> Lá, como em outros tantos rincões das fronteiras marítimas do Brasil, o Paraíso Costeiro encontra-se apropriado pelos Mercadores de Black Friday, Week, Month, Year, ou Black Centuries of Slavery! Falta-nos, enquanto sociedade civil, infraestrutura educativa e política para respondermos ao militarismo sedutor das boiadas que se atropelam nas invasões às lojas de departamento. Mas aos Mercadores do Balacobaco Friday o que sobra mesmo é Neguinhas e Neguinhas, de todas as cores, ávidos pelas oferendas eletrônicas de Pai Oxalá.

Projetar uma Nação, nas prorrogações do tempo e na artificial concepção de paraíso, é decompor qualquer tipo de debate sobre os problemas contemporâneos em Migalhas Imorais! Aquelas frases medíocres que os otimistas buscam para massagear a reflexão crítica, dizendo: “Apesar dos juro, da inflação, do sucateamento, da recessão, nosso Black Friday foi um sucesso

maior do que o de Ferguson, no Missouri”! Mas se lá os negros bloqueiam lojas por uma vida mais justa que produtos e lugares, por que o nosso Brasil não supera os limites do Navio Negreiro?  
(29/11/2014)

Um filme açucarado, para tranquilos fins de semana, indicou a pista 2 ao encerramento de nossa trama petrolífera maior. Trata-se de “Nanny Mcphee: Uma babá Encantada” (Grã-Bretanha, 2005). A história narra o êxito de uma misteriosa babá capaz de colocar 7 pestinhas, filhos de um viúvo perdido, na linha da educação doméstica e no alcance da felicidade familiar. Não se trata de filme para pensar coisa alguma além da máxima: para tudo tem-se um jeito! Trata-se de garimpar uma frase que a hipnótica governanta usou ao fundamentar seus breves dias de ação: “Enquanto vocês não me quiserem aqui, mas precisarem de mim, eu permanecerei; mas quando vocês me quiserem aqui e não precisarem mais de mim, aí sim, eu já não estarei”. Chamemos então o Velho Guerreiro Chacrinha para explicar complicando. Diria ele: Desejo e Necessidade são pares opostos que justificam as razões do encantamento! A Ilha e o Povo de Vera Cruz, reconfortados pela dilatação da presidência de Agripina Cruz – uma babá encantada? – mostram-se seguros da imortalidade da Petrobrás, acima de qualquer coisa. No interior da Ilha, a frase ecoada e praticada, há mais de 60 anos, “o petróleo é nosso”, compensa tudo que deveria ser nosso... mas de fato não é. Por que? É simples. Os suíços dizem “o chocolate é nosso”, e a razão deles está na apropriação tecnológica e financeira dos cacauzais. Não na produção direta (e debilitada) desse outro ouro negro. Fazemos o contrário!

A lição da Babá Mcphee sucedeu a pista 1 fornecida pela Jornalista Patrícia Campos Melo, em sua coluna na Folha de S. Paulo de ontem, intitulada “A Sabedoria de Hugo Chaves” <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/patriciacamposmello/2014/11/1554387-a-sabedoria-de-hugo-chavez.shtml>. O artigo mostra que, ao manter os acordos entre a Petrobrás e a PDVSA (equivalente venezuelana) na informalidade, Chaves escapou da roubada corrupta em que se meteria para erguer e gestar Abreu e Lima, em Pernambuco, inflacionada 10 vezes do seu custo original. Por isso quisemos saber se estratégica presença/ausência da política chavista (e bolivariana) em nossa Ilha revelava uma nova Pista 0. Uma astúcia, um encantamento aos mistérios da oleosa novela. E eis que... Bingo! Lá estava, na página da empresa petrolífera venezuelana, os “apontes” de Ramirez Carreño Rafael (presidente da PDVSA, em 2005) e a lembrança de que Jose Inácio Abreu e Lima, parceiro revolucionário de Simon Bolívar, transformar-se-ia em refinaria para a definitiva unificação libertária dos povos da Latino América! Estão definitivamente solucionadas as misteriosas razões que levaram bando de técnicos e políticos a se corromperem no maior escândalo petrolífero do planeta: Um sacrifício histórico,

socialista e moreno, pela futura unificação das Ilhas de Nuestra América em um único Arquipélago Bolivariano!

... Cena final da história: enquanto Darlene e Bastião disfarçam, mas choram a morte de Carlito, pedindo inspiração aos discursos opositoristas, a poderosa Agripina triunfa! Já sabe que o Mausoléu da Ilha está em Abreu e Lima. Dali há de vir uma Revolução... ou um Portal para a fuga de uma Babá Desencantada! (30/11/2014)

Não sei quantos agentes altruístas, com a missão pessoal de construir – de um jeito ou outro – um mundo melhor, dedicaram-se a leitura do clássico “Utopia”, de Sir Thomas Morus. Mas sei que, ao caracterizar reflexivamente a república mágica, o escritor enforcado pelo reinado de Henrique VIII, em 1535, dedicou suas últimas páginas a descrever as “Religiões” da Utopia como um verdadeiro tratado de tolerância. Compreendia perfeitamente que o encontro entre o Cristianismo e os diversos Não Cristianismos passava tanto pelo respeito às práticas da pluralidade, como pela acolhida de novas formas de comunicação entre o mundo revelado e o místico. Marx, Nietzsche e Freud (cavaleiros da desconfiança) devem ter lido Morus com aquele ar de “Sabe Nada, Inocente...”. Mas o que nos interessa aqui é a “não leitura” que Francisco de Assis (1182-1226), aquele santo mendicante - fez ou teria feito. Não leitura da anterioridade inspiradora; contágio místico para superar faltas das frágeis “utopias republicanas”.

Uma página inteira do Diário do Nordeste publica, com expressividade didática, o “como” e o “por que” jamais um sistema político-econômico capitalista, assentado nas raízes espirituais do cristianismo, poderia desaparecer <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/imagem-viaja-de-caninde-ce-a-codo-ma-hoje-1.1167746>. A não ser no fantasiar-se em outro, que o rebatize como espelho (Islamismo, Cooperativismo aborígine, Socialismo chinês, etc.), sem modificar seu espírito de fato. As dificuldades que o movimento “Crítica Radical” possui, ao expandir sua Utopia desde o “santuário anticapitalista”, em Cascavel-CE (<http://criticaradical.org/category/sitio/>), nada correspondem às facilidades que o empresário Francisco Carlos de Oliveira opera ao responder aos transtornos da Polícia Rodoviária Federal, na autodenominada “Romaria Segura”. Ao bloquear a passagem de paus-de-arara irregulares, rumo a Canindé em Outubro/2014, o Estado trabalhou para quebrar uma tradição. Mas o Mercado (Religioso também, entre outras adjetivações possíveis) não adormeceu. Reconstruiu a máxima da ilimitada comunicação divina: “Se Maomé não vem a Montanha, a Montanha vai a Maomé”. Resultado. O fim de semana das comemorações internacionais da Imaculada Conceição de Maria receberá, 239 anos depois, a primeira (e até agora) única peregrinação da imagem de São Francisco das Chagas de Canindé a terra (santificada pelo divino bloqueio) de Codó, no Maranhão. Quem foi o Tonto que disse que ao legislar contra ou tentar impedir uma prática religiosa, o poder público consegue anular as tradições de um povo? O mesmo babaca que imaginou as revoluções socialistas vencendo nossas necessidades míticas ou religiosas; que tentou impedir (Sec. XIX) o Carnaval brasileiro por decreto? Que acha a permanência da devoção a N.S. do Cobre irrelevante diante da

devoção a Fidel, em Cuba? As divindades viajam e fazem milagres turísticos, conforme os meios técnicos informacionais traduzem necessidades em readaptações. Capitalismo é sistema cristão quando recria fé em novos espaços. (06/12/2014)



Na semana dos Direitos Humanos, celebramos a chegada de duas representações da realidade que se quer fotografar como verdade. De um lado, o exercício panorâmico das Nações Unidas, fotografando as explosivas taxas de homicídios nos cinco continentes, num detalhado relatório de 166 páginas: *Global Study on Homicide* <http://www.unodc.org/gsh/>. Nem precisava lembrar que a cobertura jornalística do “violento” documento, deu ao nosso querido Brasil mais um vergonhoso título, legado pelo “Mundial de Homicídios”: 10% dos assassinatos do Planeta acontecem nesse país tropical, abençoado por Deus! Considerando que aqui estão 3% das terras acima do nível do mar combinadas aos outros 3% da economia mundial, sobram 4% de uma somatória estatística maluca que fizemos para jamais justificar tamanho massacre humano: 47.000 assassinatos em um só ano! Quase 5 vezes mais que toda Europa... pois: “acender as velas já é profissão... e a gente morre sem querer morrer”, dizia Zé Ketí, neste profético samba dos tempos ditatoriais!

De outro lado, vimos o exercício galante da divulgação oficial do Relatório da Comissão Nacional da Verdade, vinculada à Casa Civil do Poder Executivo da República. E neste galanteio de justiça (tardia e revisitada), a enumeração de uma lista de 434 vítimas de tortura pelo repugnante (mas real) Regime Militar (1964-1985). Só que seus 377 algozes, diferentemente dos milhares de assassinos anônimos do relatório da ONU, foram apresentados como réus em um futuro processo de Crime Contra a Humanidade.

O desequilíbrio na forma dos relatos nos trouxe a desconcertante pergunta: onde está a verdade mais ampla que se anuncia em verdade relatada? Um vídeo bastante didático aos mais curiosos em lidar com o conceito está disponível na web, trazendo a leitura da filósofa Marilena Chauí a respeito do assunto <https://www.youtube.com/watch?v=jjwPtC3SkPM>. Há cinco formas referenciais de enquadrar o que é verdade no mundo ocidental: Verdade como Consenso, 1ª forma; Verdade por Correspondência no mundo, 2ª forma; Verdade como “Aleteia”, desvelar, superar as aparências, 3ª forma; Verdade Pragmática, aquela que é útil, “placebo” que funciona, 4ª Forma; e Verdade por Coerência, de implicação racional, 5ª forma. As 2ª, 3ª e 5ª formas predominam no domínio científico, segundo a narrativa de Adriano Facioli. Logo, poderíamos deduzir que a 1ª e a 4ª formas – Consenso e Utilidade - estão predominantemente vinculadas ao campo político. Daí o reconhecimento pertinente de que uma verdade promovida à VERDADE MAIOR - a oficialidade documental dos fatos - não ultrapasse o jogo perverso da Mentira bem disfarçada! Novamente um “minta para mim, que eu o incriminarei de forma exemplar”.

Um espírito autocrítico jamais ignoraria a monstruosidade dos Regimes de Exceção ou da Criminalidade que corrói as democracias da América Latina. Mas o criticismo da verdade oficial perde a Complexidade do Real: investiga, reúne, debate, separa, discrimina, posiciona, revela, recomenda, sentencia e... mente! (12/12/2014)

## QUAL A DIFERENÇA ENTRE UMA PESSOA CRETINA E UMA “CREATINA”?

Manhã de um sábado de sol, como de costume. Execução de um novo hábito: de ler, no formato impresso, o último jornal da semana que traz o noticiário do dia anterior. Afinal, o estilo magazine do diário de domingo, é também um resumo da semana. Aí logo me deparo com o encarte comercial da rede “Farmácia Provida”. Dizia seu lema: “Que a estrela principal do Natal, Jesus Cristo, seja uma luz a brilhar sempre em sua vida”! Incentivado pela “cristã” mensagem, como um “cretino potencial consumidor”, sigo a folhear o material e reparar a tendência de preços e produtos em destaque. Até que da metade do encarte em diante, os valores explodem e os produtos ganham uma espécie de estética da adrenalina. Surgem produtos de fundo negro e nomenclaturas menos “habituais”: Ripp Abs, Carnpro, BCAA, Megabolic Super NO2, entre outros. São eles classificados em Termogênicos, Proteínas, Aminoácidos, Packs. Continuo plenamente nas trevas da cretinice ou ignorância aguda. Mesmo assim viro a página, e um exército de girls e boys exibindo músculos e faces em perfis de guerra continuam ilustrando a infinidade de frascos com outros nomes e preços alucinógenos: Blade N.O. Explode, por R\$ 198,00; Isso Whey 907g, por R\$ 199,00; Heavy Bomber Packs (esse testado e aprovado por atletas de fisiculturismo e MMA), por R\$ 164,00. Mas nenhum me chamou mais o delírio da curiosidade patética do que o grupo das creatinas. Uma tal de “Creatina Power Universal 200g” (na promoção, pague 1 e leve 2) saía por R\$ 106,50! Era hora de sair da primeira infância frente aos chamados “suplementos importados” para conhecer um tiquinho assim dessas novas drogas sintéticas que dizem: seu músculo é sua qualidade de vida! Para um professor da UFC estatal, não custa dar uma espiadinha na outra UFC!

Deixando de lado as cretinices do preconceito, fui atrás da conceituação online da Creatina, descobrindo que se trata de um nutriente não essencial sintetizado naturalmente pelo fígado e rins. E que também pode ser encontrada como alimento de origem animal, servindo de fator importante na produção de ATP, auxiliar na contração muscular. Muito bem; e em que medida essa Dona Creatina torna-se tão cobiçada pelos fisiculturistas (<http://www.musclemass.com.br/ciclo-idel-de-creatina/>) e tão polemizada pelos médicos (<http://saude.ig.com.br/bemestar/creatina+aliada+ou+vila/n1237781517500.html>)? Como ela alimenta a relação entre músculo e felicidade? A resposta é pura especulação e preconceito do cronista; distanciado do rito de malhação e seduzido pelo oráculo de pensadores como Joseph Campbell (no Epílogo de “o Herói de mil faces”). Ao tratar a inversão de sentidos heroicos entre as sociedades moderna e primitiva, o estudioso afirma: “Hoje não há nenhum sentido no grupo, nenhum sentido no mundo. Tudo está no indivíduo. Mas o sentido é totalmente inconsciente. Não

se sabe o alvo para o qual se caminha”. Sabe-se que o alvo existe EXCLUSIVAMENTE em um universo pessoal “selfdelirante”; tão cretino como “creatino”. Capaz de corrigir os males humanos apenas com bons músculos de uma máquina mortífera. Por isso...viva a flacidez! (13/12/2014)

É surpreendente saber envelhecer na altivez do equilíbrio entre o Som e o Silêncio. Poderia ser também um referencial de dignidade humana; ou enlace dançante entre nossos lados divino e pueril. Pena, entretanto, que a velhice veste a maioria com roupas desproporcionais. Seja quando radicaliza longas horas de espera em uma brutal imagem do silêncio: aqueles avós sentados olhando o nada sem nada a dizer! Seja quando destrambelha a falar e falar, mais da mesma ladainha fértil às mentes áridas: aquela turminha de idade que perde o comando, mas não perde a pose. Essa galera aparenta sim uma juventude inspirada pela convincente lucidez! Mas não curte a posição de destaque que os comandantes do barco lhes deram. Para dizer em metáfora, estivessem eles ou elas na Ala da Velha Guarda de uma Escola de Samba, gostariam sinceramente de acabar com 90% das “modernices indecentes” que as 3 últimas gerações inventaram. E voltariam a fazer “Samba do Bom” anterior aos malditos anos de 1960. In Credo e Cruz!

Foi nessa tocada, com todo respeito possível e humano aos mais velhos, que li a apocalíptica visão (Científica ???????), de James Lovelock, publicada em 2007, até ali no alto pedestal de 88 primaveras. <http://rollingstone.uol.com.br/edicao/14/aquecimento-global-e-inevitavel-e-6-bi-morrerao-diz-cientista#imagem0>. Evidentemente nosso “vovô Noel” da famosa “Hipótese de Gaia” – que propõe a Terra como um organismo vivo e por isso mesmo capaz prover a vida da vida (<http://www.brasilecola.com/biologia/hipotese-gaia.htm>) – reviu ou amenizou algumas de suas bombásticas afirmações. Basta observar sua defesa da ainda mais provocativa – já com 95 outonos - sobre o bem-vindo uso da energia nuclear <http://www.theguardian.com/environment/2014/mar/30/james-lovelock-robots-taking-over-world>, entre outras palmatórias do vovô! Até porque a proposta, ainda que oscilante, é reconhecer a complexa autodeterminação da diversidade da Terra como signo de vitalidade. E não fixar uma “fórmula” do Pastor para tocar um rebanho de sete bilhões de “ovelhas negras”! Frustrada essa expectativa dos Mensageiros do Apocalipse, que midiaticizam os Relatórios do IPCC-ONU sobre Mudanças Climáticas, a candidatura de Lovelock para 5º evangelista e sucessor do apóstolo João também entra em crise.

O bom velhinho não deixou de falar. Mas deixou de “musicalizar”, no equilíbrio de som e silêncio, a sabedoria maior dos húmus, da terra miúda, do trocadilho sutil do Matuto, dos causos do Caipira! Essa fala reveladora e impoluta da Ciência, que um dia alardeia o perigo do bicho homem e noutro defende o exemplo do bicho homem britânico, não acalenta o feitiço mutante de uma Maria Mutema, curiosa pecadora santa de Guimarães Rosa. Ou a infinita graciosidade do

mestre da deseducação, Seu Lunga (1927-2014), imortalizado pela capacidade de dizer que a maior parte da dúvida humana merece o silêncio ou a brutal ignorância do humor. Isso sim é Ciência! O Sinhô acha que a gente vai morrer de Aquecimento Global, Seu Lunga? *Vai não; foi a rapariga da sua mãe que não apagou seu fogo pra dizê coisa feia, Miserável!!* (19/12/2014)

Antonin Marie Joseph Artaud foi (e em sua opinião, continua sendo) um dramaturgo, poeta e roteirista francês (1896-1948) e um crítico severo da organicidade do Teatro ocidental. Sua obra de referência, intitulada o "O Teatro e seu Duplo" tornou-me acessível, neste Mês do Advento, para dar continuidade às minhas escavações, na garimpagem do que o espaço teatral pode e deve representar frente aos estudos geográficos. Confesso permanecer muito longe dessa correlação no plano teórico. Mas na observação das cenas que compõem a Cidade – especialmente na indecifrável Fortaleza onde vivo - admito automática visualização dos processos associativos (Real/Virtual) indicados por autores como Artaud. São realizações anárquicas das proposições que condenam radicalmente a subordinação da vida ao Texto e à Lei.

Tomei, nessa manhã de quarta-feira véspera de Natal, o ônibus 86 (Antônio Bezerra/Santos Dumont), a fim de chegar à agência Aldeota do Banco do Brasil. Atividade burocrática que não merece informação além da menção ao trajeto. E tive o prazer de conseguir um assento, na ida e na volta, permitindo-me ler os capítulos em que Artaud discute da Metafísica Oriental, do Duplo Alquímico e do Teatro de Bali. Sua tônica de ataque é a mesma: desqualificar a subordinação da encenação à textualidade; e abrir espaço à proposição de uma perspectiva "CRUEL", não sanguinária, mas vital, rigorosa e multiplicadora de sentidos aos atos e palavras. Algo muito próximo da alegria inexplicável que se sente quando observamos contradições do cenário urbano. Onde o binômio Ausências/Presença populacional desequilibra a lógica do urbanismo de uma Fortaleza, bonitinha mais ordinariamente impossível. Traçada a espíritos de quixotescos mestres de gabinete que maquinam: "Aqui é o lado comercial, ali é o lado recreativo e cultural; acolá são os nós de fluidez, com acesso aos módulos de mobilidade urbana...". E no dia que essa peça for encenada do jeitinho que está no PDDU "Sustentável" todos viveremos felizes para sempre? Claro que não. Morte a esse Teatro de Idiotas, sem a Crueldade que alimenta nas sombras as verdadeiras luzes da vida, diria Artaud.

O ônibus, na ida, saiu da Rua Castro e Silva para pegar a Conde D'Eu. Na volta, completou o entorno da Catedral pela Rua São José e Rufino Alencar. Como um espectador artaudiano, assisti e interagi com as mais diversas formas da explosão comercial (Feira da Madrugada, já com sol a pino), extravasada nas ruas e calçadas da Sé. Enquanto o templo, vazio e ilhado, aguardava o nascimento daquele Deus-Menino que não conseguirá mais expulsar nenhum dos seus milhares de vendilhões. A catedral vazia parecia a estação João Felipe, cujo passado imita a promessa futurista das estações da linha Leste do Metrô (para e 2054 ou 2114?)! Novos Muros de Lamentações nas

placas, nos planos, nos projetos de bondade governamental! Deus nos livre dessa mediocridade nada cruel do Ordenamento Total! Lugar onde você não possa comprar camisola e seriguela no meio da rua, não vale a encenação da felicidade. (24/12/2014)



Após a enésima desconexão da rede mundial de computadores – para qual pagamos religiosamente milhares de centavos todo mês – relembro que nesse dia 30/12 pela 50ª vez consecutiva entro em “Inferno Astral”! Aos desconhecedores da astrologia popular, trata-se do período cósmico (30 dias) que antecede nosso aniversário solar. E sem cair nas querelas sobre o quanto devemos (ou não) acreditar nos irritantes efeitos desses dias, percebo – e não é de hoje – sua notável coincidência com a chatice de Fim de Ano. Algo muito paradoxal, por sinal! Desde outubro vi muita gente, no mundo web, ávida pelas férias do Natal e Ano Novo. Não sei se conseguiram a tão sonhada felicidade dos dias de Festas. Sei é que a minha é suportável, apesar da distância dos filhos, parentes e grandes amigos. E tornou-se uma felicidade “fóssil”, depositada em camadas de lembranças (brutas e suaves), que me permitem conservar a tranquilidade de sentimentos para a virada do ano. Mas não me deixa engolir o museu de velhas novidades que as Instituições e suas Redes Sociais lançam; como copinhos de água no caldeirão! Meu bem-aventurado Inferno Astral só é atravessável nesses dias, porque sempre dei um jeito de transformar as festas de fim de ano e o mês de janeiro no mais criativo dos períodos do calendário. Portanto, ainda que me tomem como maluco incurável: se eu não trabalhar (produzir, inventar, estudar, conhecer, elaborar) nas tão sonhadas férias, a morte dá os seus sinais e a melancolia, a velha revigorada, pode converter-se em depressão. Cotas de paciência, portanto, precisam ser recriadas em períodos assim.

Afinal, por falar em COTAS, haja uma paciência dos infernos para suportar infinita construção de expectativas espúrias dos chamados “movimentos sociais de inclusão”. “Nunca na História Desse Planeta”, tanta MESMICE foi anunciada como “Mundo Novo” em reiteradas multiplicações de “Ilhas da Fantasia”! São COTAS partidárias, na escolha de Ministros na fantástica Ilha do Poder; COTAS raciais em concursos públicos para limitar meu sangue indígena e negro a 20% de minha cidadania; COTAS sexagenárias do pleno direito de passar à frente dessa “mundiça” de jovens e adultos que não atingiu sua “melhor idade”; COTAS de impunidade nos crimes da Renner (magazine acusada de trabalho escravo) e do Renner (sertanejo “driver serial killer”); além das COTAS personalizadas do heroísmo da representação sexista. Que lindo, uma primeira mulher travesti, Reitora de uma Universidade Temática [http://www.brasilpost.com.br/fernando-vieira/luma-nogueira-mulher-trav\\_b\\_6385658.html](http://www.brasilpost.com.br/fernando-vieira/luma-nogueira-mulher-trav_b_6385658.html). Com todo respeito que a Profª Luma merece, eu recusaria essa COTA de vaidade pela dignidade do aperfeiçoamento de minha produção acadêmica e, conseqüentemente, política e social: <http://lattes.cnpq.br/0224516764373536>. Exatamente para

não ter que justificar problemas e fracassos meus pela Cota de sexismo e doença dos outros. Precisamos aprender, especialmente nos Infernos Astrais, a cotizar nossos momentos de egocentrismo. Ou do contrário o Modelo Infernal das Causas vira condição única de política social: permanente e infinita. (30/12/2014)

Fechamos hoje no calendário cristão/civil um ciclo batizado, pelo Jornal “O Povo”, como o “Ano dos Extremos”. Mas tanto a expressão midiática, de nítida inspiração no grande historiador Erick Hobsbawm (1917-1912), quanto a formulação do caderno especial ali publicado, fez lembrar o peso do “extermínio” que se desenha na quebra da mais utópica de nossas Fortalezas Humanas: o Reino Moderno do Livro, triunfante nas Eras Pós-modernas do convívio entre o artesanato do papiro e a vanguarda do e-book. Acontece que o extermínio desenhado não é explícito. É moldado em formas sutis de induzir, a ideologia ou paixão livresca, a um malandro “chega pra lá”. Entre as matérias que ilustram a tese do Jornal aparece uma com o título: “Tempo de despedida nas Letras”. A reportagem de Henrique Araújo fala do ano em que perdemos Ariano Suassuna, João Ubaldo Ribeiro e Manoel de Barros. Mas nem essa, nem as demais, mencionam uma só palavra sobre o resultado da Bienal do Livro em Fortaleza, realizada no orgulhoso Centro de Convenções, entre os dias 16 e 18 de dezembro. O balanço aparece em outro periódico local, o Diário do Nordeste, sob o título “Retrato de uma Bienal”. De forma também sutil afirma que o evento se reduziu em 28% frente ao esperado, em função dos números de 2012. Vale a pena conferir razões, cotejando-as com as bienais de Recife (2013) e São Paulo (2014). Teremos todo um ano novo para corrigir isso!

Teremos sim... Desde que possamos sonhar com o real imperialismo publicitário da verdadeira Fortaleza dos Livros; a Fortaleza dos Francos; a germânica de Frankfurt com sua absurda capacidade de gerir um centro financeiro mundial sem destruir a representação de desenvolvimento humano pela cultura livresca. O Carnaval de outubro da Feira 2015 (ali é anual) e já está em andamento <http://www.book-fair.com/en/>. E a Bookland que se reedita do imaginário ao real em um enredo espetacular, pouco influencia nosso distanciamento tão deprimente. Os “extremos negativos” não estão em perder uma Copa para os germânicos ou grandes literatos para os Céus. Extremo mesmo é chegar à metade da 2ª década do Século XXI, como uma Nação que naturaliza a ausência de livrarias e editoras, na ampla maioria de seus bairros, centros, shoppings, cidades! Que consegue “ser feliz” em um lugar sem bibliotecas ou ver alunos orgulhosos de terem terminado um Curso Superior sem nunca, jamais, lerem um só livro completo!

Maldito ano esse de 2014, que embora prodigioso em proporcionar-me tantas conquistas pessoais, não me fixou em Fortaleza um sonho de Lugar... só possível em cidades como Frankfurt. BENDITO, contudo, O ANO QUE VEM EM NOME DO ESCRITOR SONHADOR! Uma maravilhosa BOOKLAND a Todos os livromaniacos em formação! Cientes de que 2015 possa ser

Tempo Livresco. Espaço de lazer e compromisso interior contra todos os fundamentalismos extremos. Ismos e Modismos vindos da ignorância, da falta de um projeto literário de superação, da desconexão entre Festa e Feira. Frankfurt nos conecte em 2015 leituras... Amanhã! (31/12/2014)

Dizia Chico Buarque nessa oração-batuque de 1972 que naquela ocasião estava “só vendo, sabendo, sentindo, escutando”, sem poder falar, diretamente. Seja o que sentia, seja o que esperassem de sua vida, obra e posição. Assim seguimos a “Vida dos Recomeços”. A vida dos dias de Janeiro, dos tempos do Romano/Etrusco deus Jano. Em analogia ao Orixá que abres nossos caminhos na Matriz africana e ao Anjo da Guarda da ancestralidade judaica, Jano vê o futuro repetir o passado! E nos avisa, sábio e solenemente: “Aguardem a profética Festa dos Deuses Mortos (o Carnaval) revelar o que a precipitação ridícula dos falsos deuses, Vivos e Traiçoeiros, induz à Ilusão”. Isso é o que tem sido a mais operacional prática simbólica de todos os povos. Ouvir a mensagem, a fabulação, a narrativa mítica, não para seguir literalmente o que foi dito; mas para internalizar (guardar) o que só adiante lhe será surpreendentemente revelado. Uma conduta sem qualquer novidade essencial. Nem por isso menos excitante.

Exemplo sutil do guardar-se é corrompido pelo desejo de começar o ano falando dos preparativos para o Carnaval 2015, em um trabalho literário centrado na temática do quanto o Planeta, o País, a Cidade e a Sociedade transmitem tanta e tamanha carnavalização <http://carnaval.uol.com.br/>. Pensei que essa seria a tendência natural da presente Crônica... Mas um Jano/Exu/Anjo da Guarda, vertido de Chico Buarque avisou: Faça isso não! Motivo simples: as mídias nacionais estarão apinhadas de ilusionismos quanto ao “melhor” Carnaval/Pré-Carnaval do Mundo – brasileiro, carioca, fortalezense – que aqui INDISCUTIVELMENTE se reitera. E quando começamos um novo ano, quando estranhemos qualquer assunto, quando escrevemos pelo compromisso do prazer o que queremos é a DISCUSSÃO! Nossos Carnavais são sim os “melhores possíveis” dos limitados mundos (nacionais, regionais, urbanos) que insistimos planejar com Ufanismo! E não há mal pior para uma atividade planejada, dinâmica e envolvente como o Carnaval moderno do que o Ufanismo! O vangloriar-se da Homenagem Cultural à Monumentalidade! Isso nunca foi Otimismo; é um parco “Otarismo”, que contamina os descendentes do Conde Afonso Celso [http://pt.wikipedia.org/wiki/Afonso\\_Celso\\_de\\_Assis\\_Figueiredo\\_J%C3%BAnior](http://pt.wikipedia.org/wiki/Afonso_Celso_de_Assis_Figueiredo_J%C3%BAnior), garimpando na geo-história do Brasil, razões para nosso destino triunfante. A Alegria nunca deu as costas à Criticidade! Mas dispensa o “Otarismo”!

Para os que precisam se guardar também, em nome da recusa à filiação ufanista, sugiro uma visita às ricas, tão ignoradas, mas bem localizadas expressões carnavalescas, na América Latina e Península Ibérica (para começar). São oportunidades de constatarmos porque Oruro (Bolívia), Barranquilla (Colômbia), Torres Vedras (Portugal) e Cádiz (Espanha) podem muito bem

relativizar nossos ideais de gigante continental; reduzindo Recife, Salvador e Rio de Janeiro a lócus de uma experiência “única”, mas substituível! Ufanismo Pré-carnavalesco é uma forma de ignorar os alertas de Jano! Pode se tornar, no País do Carnaval, uma Quaresma antecipada.  
(03/01/2015)

Tarde... sábado depois da chuvarada... um rolezinho no shopping... e a compra de um chapéu “panamá” para começar o ano com estilo “cabeça”. Tudo muito sereno, na paz de nossas férias enquanto acesso ao consumo. A imagem que se fixou, contudo, durante a fila do caixa, era de uma menina de quase dois aninhos, saltitando no corredor da Loja Riachuelo e admirando as boneconas no alto da parede. “Boneconas” com roupas de adulto; ou simplesmente, manequins. Mas... todas sem cabeça! Vocês já pararam prá pensar por que razão a cabeça de um manequim é tão dispensável? Não se trata de fazer um questionamento “cabeça” para cabeças desprovidas de atrativos, fugazes ou ausentes. Atualizar a curiosidade da criança neste adulto que olha um corpo estranho, e lembrar o que perguntaria ao seu Guru Materno, não vai além de um jogo de possibilidades: adivinhações visuais! Penso que um São Tomé da Pós-Modernidade não quer mais o velho “Ver para Crer”. Ele (reeditado como cliente) quer “selecionar para não deixar de acreditar”. Parece complicado de entender isso mesmo como trocadilho. Mas realmente não é não se associamos às infinitas vitrines, passarelas e galerias um ícone de beleza, desde que o combustível para a observar seja a seletividade.

Senão, vejamos. É costumeiro o reconhecimento dos desfiles de moda como um expressivo indicador de ascensão ao 1º dos Mundos. Cidades podem ser ignoradas (ou “decapitadas”) dos mapas civilizatórios, se não contiverem espaços generosos para apresentar tendência da moda fashion <http://ffw.com.br/desfiles/sao-paulo/verao-2015-rtw/alexandre-herchcovitch-men/843531/>. Não duvidamos de que todos os modelos desfilem ali, com suas respectivas cabeças, apenas para nos fixarmos na originalidade das confecções e combinações. Aprendi isso com minha esposa, Top Model de meu Lar! Que inclusive sugeriu-me observar a Moda para capturar o Conceito! Talvez para que essas minhas indagações, sobre a necessidade “manequim” de esconder a cabeça para revelar o corpo, siga um princípio filosófico de Giles Lipovetsky: a moda é um sistema datado e pontual na história humana. O que, traduzindo para os manequins, poderia ser compreendido como boneco que vira modelo, que vira herói, que vira totem, que vira deus... se e tão somente se, não estivéssemos alerta contra as formas “naturais” de generalização. Mas estamos!

Por isso retrocedemos do mundo da Moda ao das Manifestações; sejam elas brincantes <http://www.bonecosgigantesdeolinda.com.br/encomenda.php> ou genuinamente protestantes <http://jornalggn.com.br/noticia/rafucko-manequins-valem-mais-do-que-vidas>. Nas ladeiras de Olinda ou nos becos sem saída da Justiça, os manequins deveriam ser usados como mediadores de

nossos melhores desejos. Para divertir; e para abominar. Como seria bom se seletividade da cabeça que lhe falta estivesse no controle de quem lhe admira! Mas tal qual ingênua menininha, desistimos das Manifestações e voltamos à Moda, pedindo ajuda à Mamãe. Cabeça mais confiável para convencer o quão natural é um manequim de loja. Eu, desconfiado e sem mãe, fico com meu chapéu! (04/01/2015)



## QUE FAZER COM UM SEGUNDO A MAIS?

Assim que pulamos fora do útero materno, tornamo-nos alvo “preferencial” dos bombardeios da Vida. Alvo de duração extremamente irregular, exposto às condições probabilísticas de uma existência, que seja capaz – em segundos, meses, anos ou décadas – de transparecer (às outras vidas) algo especial, relativamente significativo. Para isso acontecer, a vida terrestre moldou de maneira tensa e conflituosa, mas com requintes elaborados de compensação e alívios, meios culturais extraordinários. Que depois, é claro, foram se sedimentando em formas habituais, costumeiras, de nomearmos o que seja uma realidade. Um critério base de separar fenômenos naturais dos sobrenaturais. Traduzindo para o cotidiano materialista ao redor, separou bem conhecimentos de sabedorias; e se apostou todas as fichas da Alta Tecnologia no plano do saber sobrenatural. Afinal, o natural costumeiro (e não importa se humanos ou não) não agrega valor. E sem valor... que valeria termos pulado fora do Útero rumo à Guerra Vital?

Respostas filosóficas, mediante reflexões ideológicas – e outras nem tanto, banhadas pelo mar do achismo – poderiam nos afetar (mais ou menos) diante do momento em que lemos uma notícia centrada em uma decisão para o futuro. Muito, mas muito mesmo, me incomoda esse “jornalismo do povir”. Essa história de dizer o que DEVE SER (e não é de fato) exercida também pela academia. Principalmente quando faz afirmações do tipo: “A Educação DEVE SER prioridade máxima do Estado”. Ou “A Tecnologia de Informação e Comunicação VAI facilitar toda nossa vida”. Ou “Sejamos francos, em uma democracia de verdade o medo, o racismo, a miséria, TEM DE ACABAR de uma vez por todas”. O direito de comunicar aquilo em que acreditamos e rejeitar o que abominamos não justifica esse futurismo fútil de nos remeter a uma felicidade por antecipação. Na verdade, tendemos a exercitar uma lógica racional que não aceita as mil e uma Razões da Irracionalidade (ambiguidades, simultaneidades, crenças e intuições). Por isso, a uma mente carente de tempo largo e vida dilatada em eternidades prazerosas, soa apenas como curiosidade tecnológica a pergunta-título, provocada pela notícia do ajuste cronológico do Observatório Astronômico de Paris, agendado para dia 30 de junho de 2015 <http://www.tecmundo.com.br/internet/71177-teremos-1-segundo-2015-saiba-internet-cair.htm>. Precisamos, pela 26ª vez desde 1972, “calibrar” nossos perfeitos relógios atômicos às imprecisões da Rotação da Terra! “Santa trabalhadora, Batman” diria a criança prodígio que nos habita! Afinal, é isso que temos apreendido desde o lançamento uterino original: Provocações. Por que a natureza divina fez a Terra e os Sistemas galácticos tão recheados de erros? Porque SOU capaz de uma resposta “racional” para aquele Segundo “Plus” que terei no tal dia 30/06! Quer saber, farei Coisa

Nenhuma! E qual a sensível razão de afirmar isso com tanta veemência? O fato de, no fundo, já não fazermos mesmo “coisa nenhuma” com todo aparato tecnológico à nossa disposição. A não ser, diletantismo ético... papo furado de controlar o Tempo com Idealismos! (07/01/2015)

Um reino de estranhamentos e diferenças pode ser erigido e tombado com a mesma velocidade da fúria humana. Embora os especialistas induzam-nos a pensar essa fúria como “animal” ou desumana, já passamos dos deslumbramentos para não cair na armadilha do bode expiatório. Aquela que diz: uma vítima ideal é sempre inocente de tudo. Mentira: a vítima e uma condição ritual. Coparticipa do crime hediondo. E possibilita ao enredo trágico um exercício bélico (couraça da vingança) que outras tragédias piores não proporcionam. A tese é arriscada, bem sei. Mas vamos ao cotejo de dois atentados mortais a permanência da fé no ser humano. Ambos “motivados” pela revolta contra a heresia de formar no sujeito cidadão o princípio da liberdade. Seja para estudar e conhecer outras realidades, além do Livro Sagrado (Peshawar - Afeganistão, 16/12/2014 <http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2014/12/16/atentado-contra-escola-no-paquistao-mata-mais-de-100.htm>). Seja de divertir-se e dignar-se na crítica sem amarras nem limites a qualquer tipo de Sacralidade, dentro e fora de Livros (Paris-França <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/atentado-revista-em-paris-ainda-tem-perguntas-sem-respostas.html>). A discussão de colegas no Facebook forma um unânime reconhecimento político e midiático do horror no atentado terrorista à Revista “Charlie Hebdo”, porém são manifestações típicas da ocidentalização polarizada e absurda que o dito mundo “globalizado” não consegue superar. Afinal, alguém me explique qual a razão do esquecimento do atentado à Escola afegã, com 132 crianças mortas, diante do massacre dos cartunistas, em menos 24 horas, já convertidos em monumentos internacionais da contrarrevolução Francesa? A resposta da cretinice imediata é vir com 4 pedras na mão, atijando: “Você não sabe como é o corporativismo de Imprensa? ... Está querendo dizer que 12 jornalistas não valem esse estardalhaço? ... Não percebe o circo da retaliação do 1º mundo? ... Tá pensando que um mero Afeganistão vale alguma coisa diante da magna França?”. Não, Meu Caro Companheiro alucinado pela nostalgia do imediato. O que eu reclamo é a ausência de associação que o ente mais relacional do planeta – o ser humano – poderia ou deveria estabelecer nesta hora, e não o faz. Por um simples e hipócrita ato de Egocentrismo Coletivo, facilmente lido como etnocentrismo e justificado nos princípios “indiscutíveis” das liberdades civis, artistas de várias partes do mundo online transformou sua inspiração criativa em homenagem unidirecional. Cartunistas brasileiros se posicionaram em relação aos grandes artistas franceses, afinados pelo assombro da tragédia. Mas porque nós, educadores, não nos posicionamos assim diante do terror nas escolas (do mundo e daqui), é justificável aceitar a insensibilidade do artista para ligar um horror ao outro? Tenho certeza que não; embora desconfie mesmo da tendência de

se fugir da mais sensata solução frente ao arrefecimento do Radicalismo, agora prometido ao restante da década: o aumento da visibilidade do terrorismo contra si mesmo, no coração dos países islâmicos. Por que somem da mídia? A Arte tem meios que a Educação não alcança. Basta não cair na jogatina da vítima perfeita. (08/01/2015)

Não há semanas que antecedem o Carnaval que não traga de brinde uma contestação local ou geral de sua existência. Todos os anos (creio que para manter a “tradição”, talvez...) alguém inventa uma forma de dizer que: “Carnaval para quê, com essa Calamidade toda!”. Em 2014, Porto Velho diante das cheias de verão que assolaram Rondônia e Acre, suspendeu sua folia de época; e transferiu o evento para os dias de junho/julho, durante a Copa do Mundo. Em um canto ou outro do país a história se reedita por força das intempéries. Já em 2015, o relato vem com a justificativa da crise fiscal e econômica no coração do poder da República. As escolas de Samba de Brasília terão de suspender o planejamento de seus desfiles por conta do corte integral da verba acordada <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/01/gdf-nao-vai-repassar-dinheiro-para-carnaval-de-2015-anuncia-governo.html>. Quando João Bosco compôs a protestante “Plataforma”, para recomendar aos poderes alheios dizendo: “Não põe corda no meu bloco.../Não traz lema nem divisa/ Porque a gente não precisa/Que organizem nosso Carnaval...”, nutria como todo poeta de princípios a mesma alegria do folião nato, sentindo alívio em ouvir essa notícia do governo Distrito Federal. A fé que nos move – étnica, histórica e artisticamente – na construção anual da festa carnavalesca, não depende de calamidades naturais ou impedimentos financeiros. Forja-se plenamente na lógica da necessidade religiosa de um contágio; uma “enfermidade” da consciência apenas tratável (não necessariamente curável) na vitalidade da folia que nos guia pelo inconsciente coletivo.

Entretanto... entre tantos avisos poéticos e Sambas Plataformas, os dirigentes das agremiações fazem desses impedimentos e “bloqueios” uma tragédia que poderia ser até burlesca (satírica, improvisada); mas que não ultrapassa a indecência de lideranças mafiosas. Suspender - no sentido de “cancelar” - uma atividade cultural pelo medíocre fato de que falta verba ou sobra de seca, chuva ou qualquer outra praga é ignorar a densidade espiritual, religiosa e ritual que perpassa tal celebração festiva. Nenhuma festa Brasileira é mais autêntica e radicalmente religiosa do que o Carnaval! E nenhuma outra é tão perseguida na exata recusa desse contrato intimamente religioso, que o Reino de Momo estabelece com os Deuses. E qual o motivo dessa afirmação direta e categórica: o Gênesis. Pois foi o Catolicismo Cristão que desenhou todo arranjo estrutural da Festa como a conhecemos hoje. Mas ao fazê-lo como concessão aberta a todas as formas de Paganismo, operou a mais inclusiva estratégia de convivência com diferentes (e crescentes) Confissões, Crenças e Filosofias. O espaço-tempo ecumênico do Carnaval é tão infinito e estático que nele, santos e canalhas conseguem a seu modo viver suas divindades. Imaginem alguém noticiar que a

Páscoa, a Festa da Padroeira ou o Natal foi cancelado porque choveu ou secou demais! Diríamos:  
“Festa é pra rezar numa só corrente!”. A mesma coisa demanda o Carnaval em dias de Calamidade!  
“Festa é prá brincar, pessoal; com ou sem correntes!”. (12/01/2015)

Minha maior preocupação nesta manhã de quarta-feira era preparar um delicioso suco de manga, para não perder toda sacola de frutas doadas por um vizinho do prédio. Não estava disposto às fúnebres atualizações matinais do que se passava no Brasil e no Mundo. Mas como não fui ungido pela fúria dos deuses, nem tenho do que reclamar nos quesitos emprego/moradia/família dei vazão a mais uma página de diálogo com Cristina Santana. E foi a sonata ácida e saborosa dessa Minha Companheira de Viagem que soltou uma daquelas preciosidades consagrada às mentes privilegiadas (que os anjos nos concedam poucos sim, mas possantes neurônios para compreender tamanha inteligência!): “Você viu a última pérola da “Nossa Presidenta” ... ela sancionou uma aposentadoria vitalícia à ex-ginasta Laís Souza, com 26 anos e acidentada no Canadá, no valor de R\$4.663,75”. E completou: “Não faltam ginastas que batalham duro e morrem à mingua! Será que não conseguiram a desgraça perfeita, com poder de mídia, para conquistarem o bilhete premiado como essa menina? Só mesmo uma desgraça para trazer visibilidade e futuro?”. O suco de manga teve que esperar mais algumas horas porque o espírito de Platão baixou em mim e foi logo constatando... Não é fácil ser casado com o espírito de Sócrates! Contudo, é um gozo ver emergir do raciocínio de quem amo uma verdadeira tese cotidiana, na forma de “Teoria da Desgraça Premiada” (doravante, TDP).

Exemplos da TDP a pleno vapor não faltam. Semana passada, também na manhã de quarta-feira, viveríamos felizes para sempre sem qualquer consumo real ou virtual das charges francesas. A regra era válida para esse João “Porra Nenhuma” que vos escreve, essa Maria “Ninguém” que teoriza a desgraça contemporânea; assim como a qualquer cartunista, ativista, esquerdista, direitista ou facebookista que aparecesse no pedaço. “However” melhor “Cependant”, um tradicional e contestador periódico do humorismo francês foi atacado no coração ocidental do mundo! Eis a Desgraça! Mais uma entre tantas que só aumenta o índice de emprego dos ceifadores de felicidade e almas por aí. Em sete dias, testemunhamos um show business nas teles e ruas com “Je Souis” pra lá, “Je Souis” pra cá! E na contracorrente que não poderia calar, os tão ordinários quanto “Je Ne Soui Pas...” desfilando seus argumentos “racionais” e auxiliando – fora do âmagô humorístico das homenagens devidas – a máquina mortífera do mercado financeiro da desgraça. A TDP fundada por D<sup>a</sup>. Cristina ajuda a explicar a sorte grande de Laís, como também a conquista monumental dos investidores na desgraça do Charlie Hebdo. Como um semanário de 60.000 exemplares chega uma tiragem de 5 milhões, convertendo-se num mágico “Negócio da França” <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2015/01/14/primeira-edicao-do-semanario->

[charlie-hebdo-apos-ataques-se-esgota-em-minutos-na-franca.htm](http://charlie-hebdo-apos-ataques-se-esgota-em-minutos-na-franca.htm)! A TDP há de ganhar vida própria em futuras aplicações, sempre que quisermos desatar as tramas da justiça na desigualdade do mundo! TDP nelas! Para não deixarmos passar a seco momentos geniais como este, um brinde em suco de Manga, Querida! (15/01/2015)



Tornou-se lugar comum ou “conversas de botequim” ou pensamento educativo que diz: só há Escola quando há Alunos! E não paramos por aí. Logo vem outro acrescentar que, para ser Escola mesmo, é preciso o estudo desse aluno seja todo em tempo integral. Depois, para completar o consenso da doidice, ainda surge um papagaio de pirata, metido à porta-voz de Ministro da Educação defendendo o receituário completo de insanidades: “Reestruturação curricular total já!”; “Um tablete e uma bolsa por aluno!”; “Crianças só devem estudar por interesse e prazer!”, “E para que professores do século XI se já estamos na era digital?”... Nessa tocada, referendada pelos defensores do caminho mais óbvio, prospera a falta de um pensamento político pleno; digno de ser reconhecido como projeto educativo de Sociedade e de Nação. Tudo isso pelo “maquiavélico” (para não dizer outra coisa) fato de que o plano de transformar um mundo escolar em instituição centrada no aluno, não gera outra coisa senão a majoritária passividade da Cidadania. No lugar de ex-alunos ou cidadãos graduados em líderes – seja no fundamental, no médio, no técnico ou no superior – temos “eternos alunos” amarrados à subalternidade dos clichês dos “Especialistas”. Incluindo, evidentemente, a nata dos educadores convencidos de que o milagre da Educação Universalizada seja a nossa única redenção republicana possível! Sinceridade mesmo? Ou a Escola existe para conduzir todo cidadão à sua condição de liderança ou para reproduzir a mediocridade de alguns “líderes”. Entre eles, aqueles famosos que não cansam de dizer que liderar é um dom, um presente dos céus acessíveis a poucos! E que o resto, mesmo formado, segue a manada. Mas o safari é terrível!

Enquanto professor, formador de professores, eu escrevo para lançar, amorosamente é claro, todo meu ÓDIO a esse espírito de discriminação; e toda minha ODE à necessidade de que cada profissional da educação reassuma seu dever de multiplicar lideranças. Escolas são feitas de pensadores e suas projeções. Das Academias Atenienses às Escolas de Samba, passando por abadias, universidades, oficinas e cursos a distância, existe o artífice, o sábio, o líder (individual ou coletivo) que precisa projetar todo conhecimento na formação de outro líder (indivíduos ou coletividades). Isso é uma tradição da qual modernidade nenhuma pode abrir mão. A não ser quando aceita formar “públicos”, “consumidores”, “rebanhos”, “massas”; que somados viram a tal “População” manipulável até o osso. Ainda quando seus pedaços emergem em grupos ou movimentos de identidade (sociais, raciais, sexuais, sindicais, etc.), sentem a profunda e irreparável falta de lideranças. Aquelas vozes convincentes articuladas a ouvidos acolhedores, capazes de avançar com outras vozes, harmônicas em timbres distintos. Assim mesmo, vozes que

gritam quando problemas afloram. Que não mente macio, como nossos governantes: Não subirá impostos; e sobe. Não terá racionamento; e tem. Há escola para todos; mas professores, ao invés de líderes, multiplicam párias! Nunca, na história desse país, se tituló tantos passivos por corrupção escolar. (18/01/2015)

Há momentos que rastejamos em nome de nossas determinações. E a humilhação resultante será contada aos descendentes como “atos heroicos”, protagonizados pelo narrador. Mas como resolvi antecipar o conto em forma de crônica, disponibilizei-me ao delírio de pensar-me como escritor de novelas – após o sucesso de “**Mistérios da Petrobrás**” – e começar uma nova saga chamada “**Chiiiiii... Deus e Operador Nacional do Sistema (ONS ou NÓS?) na Terra do Sol**”. Muito embora contrarie um pensamento atribuído a Glauber Rocha (1964), o inspirador da proposta, que dizia “sem linguagem nova não há realidade nova”, tive de me contentar com a ideia de que delírios não produzem bens à solução de problemas. Só melhoram pontualmente o convívio com eles. Por isso vamos ao delírio mais recente. Precisei juntar pedacinhos de leituras e audições “nada a ver” para compor um ofício ao atual Ministro de Minas e Energia da Ilha de Vera Cruz, Eng. Duda Calcinha, a fim de solicitar verba pública ao financiamento de minha obra. Mas Duda, homem amazônico, ambientalista, tarimbado na arte racional da Engenharia Política, avaliou meu ofício mendicante como uma cartinha muito da sem vergonha! Mas, educadamente, respondeu a este que voz escreve com a seguinte fineza:

“Prezado Professor Geógrafo M.O., acolhemos seu pedido em tempo hábil e já emitimos nesta, o parecer de nossa leitura técnica a respeito. Assim: 1-Considerando a recessão na Ilha de Vera Cruz, malgrado os esforços da Presidenta Agripina Cruz para voltarmos a crescer; 2-Considerando os cortes fiscais da Fazenda, malgrado esforços do ministro Quinzim levado para não crescermos tão corruptamente; 3-Considerando a crise hídrica e energética da Ilha, malgrado meus esforços em conclamar a identidade nacional do Divino Pai Eterno, DOU PARECER DESFAVORÁVEL a qualquer auxílio financeiro a esse inoportuno delírio novelístico, intitulado Chiiiiii(...) E aproveito a oportunidade para sugerir a V.S. que continue com suas atividades acadêmicas, sem intromissões indevidas frente à cidadania de Deus e da OSN. Afinal, desse cuidado eu! Assinado Min. D.C.”.

Passado o delírio, justifico com as sábias palavras de um duplo porta-voz (do Governo e do Todo Poderoso) que não usarei as Crônicas Carnavalescas para iniciar qualquer novela que atente contra a Irresponsabilidade de Expressão. Afinal, nascido e criado nessa sacrificada Ilha, jamais desrespeitaria autoridades tão esforçadas! Muito menos faria piadas com uma Pátria tão carente da intervenção hídrica divina... Ainda mais de um Deus Brother! Brother??? Sim, pois se ele é brasileiro: nasceu ou foi adotado, ou se refugiou por aqui, ou veio procurar um vice, como no filme de Cacá Diegues (2002). Deus se tornou oficialmente um brasileiro. E, para não virar traidor da pátria, tem de mostrar serviço, segundo o Ministro das Minas e Energia! Deus é brasileiro só para

ser culpado de tudo, como dizia Chico Cesar: “Tem gente incapaz de viver sem deus/E o trata como um funcionário seu/ Deus me livre, deus me guarde, deus me faça a feira.... Essa gente é o Diabo e faz da vida de Deus um inferno!”. (21/01/2015)

Revivemos há pouco as 96 horas do cassino de apostas, que representa hoje o “velho” vestibular para ingresso no ensino superior público. Notadamente das Universidades e Institutos Federais, que disponibilizam suas vagas pelo sistema ENEM/SISU, através da transferência de avaliações ponderadas do Ensino Médio ao mérito da vida técnica e acadêmica. Muito bem, já não era sem tempo. Que conviveu com o sufoco de ver a estreia da generalização desse mecanismo em, 2010 - quando meu filho ingressou após todo sufoco na UFSCAR - pode e deve destacar a qualidade da interface atual do Sistema de Seleção Unificada (SISU). O grande vestibular federal ganhou racionalidade e resistiu às dificuldades de sobrecarga permitindo, em 4 dias, mais de 2,5 milhões de inscrições para pouco mais de 205 mil vagas (nos dois semestres letivos do ano). Os ajustes continuaram na sequência das primeiras semanas de 2015, envolvendo as vagas remanescentes e as alternativas ao acesso a outras modalidades de cursos. O Ministério da Educação e a imprensa em geral vêm noticiando o reconhecimento da evolução do sistema. Foi um crescimento de 21% em um ano: 8,7 milhões inscritos; 6,2 de partícipe. Podemos parar aqui a leitura e a compreensão de que, em meio à calamidade de péssimas notícias, o “funil” do ensino superior tem uma adesão social de jovens e adultos em ritmos alucinantes de crescimento. Esqueceríamos, contudo, do Carinho da Crítica!

Carinho, mas por que “carinho”? Se críticas de cronistas costumam soar com a mais alta carga de acidez, deixando o texto, para muitos, insuportável? Seria outra ironia daquele que vos escreve? Dessa vez, certamente não. O Carinho é simplesmente a evidência maior do quanto só a crítica impulsiona a melhoria dos desafios modernos. Neste exato sentido, criticar governos, sistemas, comportamentos significa fazer com que nosso compromisso social “acaricie” a busca de soluções. Na forma/conteúdo, a manifestação explícita de carinho pode ser interpretada como pessimismo ou ofensa. Talvez por isso o questionamento certo não seja lido como carinhoso, mas inapropriado. No caso, minha pergunta criticamente carinhosa quer saber: o que 2,3 milhões de inscritos no SISU farão depois de NÃO conseguirem vaga alguma? Depois, como ficam os 6 milhões de concorrentes fracassados? Segundo Carta Capital de 13/01, “só 10,6% (dos que pleitearam) conseguem certificado de ensino médio no Enem 2014”! Não atingiram nota mínima para converter esforço em reconhecimento constitucional. Afinal, desde 1988, o Ensino Médio é obrigação de todo cidadão. Como mecanismo de avaliação institucional, o ENEM/SISU, ao Estado Brasileiro, é um “Atestado de Fracasso” em Políticas Públicas Educacionais. Exatamente por ser tão exitoso em proteger, por méritos e inclusão social quem merece permanecer no “melhor dos

mundos” da Academia. Entretanto, a carícia da crítica atinge a Sociedade Civil. Não como vítima do fracasso; mas como alvo medicinal. A enfermidade da baixa aprendizagem deixa o corpo social sem proteção clínica e política. Precisamos de carinho, de afetividade efetiva para protegê-la.  
(24/01/2015)

Françoise Choay, filósofa e historiadora francesa produziu, na década de 1990, uma das referências indispensáveis à literatura sobre a formação do Patrimônio Cultural Moderno. Seu trabalho, intitulado *A ALEGORIA DO PATRIMÔNIO* (Ed. Unesp, 2001), reúne um erudito e competente estudo do desenvolvimento histórico das questões patrimoniais mais representativas, até alcançar a polêmica dimensão de sua subordinação às forças “corrosivas” da indústria cultural na contemporaneidade. Ainda hoje, por responder a um amigo/aluno que me solicitava dica de um “ótimo livro”, pensei na “Alegoria” pela força metafórica com a qual a professora tenta explicar a imagem narcisista e a síndrome patrimonial que tomaram conta das instituições democráticas. Choay finaliza a obra preocupada com as desarmonias econômicas, que levaram bens patrimoniais a restringirem-se a produtos de entretenimento. Verdadeiras “próteses” de uma Sociedade urbanizada, substituindo a diversidade complexa por modelos de autoidealização cultural. Modelos esses desenhados para vender a imagem de que nunca se fez tanto pela autêntica cultura de um povo quanto o atual Governo! Pura Mediocridade.

Mediocridade também sustentaria o grito midiático do Carnaval 2015, que nos impõe os festejos dos 50 anos da Rede Globo, monopolizando as transmissões integrais da Festa Carioca Maior. A 20 dias do grande espetáculo do patrimônio sonoro brasileiro, imaginamos que a alegoria global emerja de um milagre do PROJAC, transplantado para a Marquês de Sapucaí. Mas os ensaios à maratona Olímpica, que começa na sexta-feira 13/02, no Anhembi paulistano, visita jornalisticamente outras praças urbanas de badalação, e atinge seu auge no centro da “Cidade Maravilhosa”, estão nos dias de pré-carnaval apresentando o melhor da cultura carnavalesca. “Baterias do Patrimônio” entorpecem as noites de ensaio, sem alegorias cênicas do desfile principal. Não seria louco de negar a subserviência desse exército alucinante de ritmistas às demandas da Massificação, cuja representação brasileira tornou-se duplamente “Global”. A “Furiosa” – como é chamada a Bateria do Salgueiro – sabe o quanto bate para um público big mac em teleguiado pelo “plim plim”. Mas seus integrantes e admiradores também sabem (ou deveriam saber) que uma Bateria, ao contrário das alegóricas carruagens, forja a única conexão divina capaz de dar ao Samba a condição de Música Sacra. O ritmo explicitamente profano, pagão e olímpico para quem só consome o divertimento de seu gingado, compreende as mensagens divinas impostas por sua monumental orquestra de Ogãs. O que os responsáveis pela Furiosa e pelas baterias no Brasil e no Planeta não sabem, e amiúde fazem questão de não saber, é como equilibrar o fomento ao processo e à preparação da cultura com o valor de seus produtos. Diriam os marxianos de

plantão que se este equilíbrio comparecesse mais no cotidiano, o Capitalismo se desmancharia no ar! Mas quem está mais para “marciano” do que marxiano, como eu, prefere o diálogo com Choay ao monólogo olímpico das simplificações! (25/01/2015)



“O trem que chega/ É o mesmo trem da partida/A hora do encontro/ É também despedida/ A plataforma dessa estação/ É a vida desse meu lugar”. Não faço a mínima ideia de quando ouvi pela primeira vez isso; nem gostaria de saber de minha última audição. Mas precisei voltar aos versos de F. Brant e M. Nascimento quando percebi que o trajeto do “trem” das CRÔNICAS...CARNAVESCAS, só teria gás para alcançar a PLATAFORMA 88. E a representação da “dezena sorteada” nada tem a ver – em princípio – com qualquer aposta no Tigre, do Jogo do Bicho; nem, por extensão, com o deleite do filme “As Aventuras de Pi” (2012), assistido na última segunda-feira. Explica-se, isto sim, pela cisma que se apossou de minhas credices (ou obsessões temporais), em achar que eu viveria até os 88 anos de idade. Às vésperas de completar 50, a mim não me parece inoportuno escolher o número para encerrar uma obra prometida para 100 versões. Na linguagem dos gestores públicos, meu assessor de imprensa diria: “Podem falar mal... mas ele cumpriu 88% das promessas feitas! Estão vendo: isto sim é um exemplo de como gerir seu perfil do Facebook!”. Ainda bem que não tenho assessores e posso me despedir (e voltar) com argumentos menos preguiçosos.

Queria encontrar outros meios de deixar esses 11 meses da Terra sem “carnavalizar” absurdos de 1º grau. Escolas Públicas fechadas pelo Crime Organizado, Epidemias de Dengue, Sarampo ou falta de água. Um “Estado Islâmico” recrutando alienígenas de outros Estados para criar a maior rede internacional de reféns filmados antes da degola. Um Maldito ex-presidente da república defendendo a cidadania brasileira e “paulistana” de bolivianos, sem jamais ter explicado por que seu governo criou a estratégia da mediocridade em assuntos internacionais. A produção ilimitada de leis e normas de “segurança” na corrompida atualização do aparato jurídico, tão estritamente ancorado no ganho fácil dos lobbies empresariais e seu faminto clube advogados. Além das campanhas “Por um Mundo Melhor”, desde que você se comporte assim, compre isso, faça aquilo, dance e faça amor em um pé só!!! MISERÁVEIS TEMAS dos quais minhas “despedidas” permitiram – Graças a Deus - meu desencontro! Claro que posso discuti-los, como um dromedário folião (engolindo, vomitando e colorindo caca), qualquer uma dessas maldições. Entretanto, por certo amor às novidades formais, deixemos outras formas de literaturas online pavimentarem tal discussão. São outros mundos porvir, outras maneiras de reagir: Velhas Imagens em outras Palavras Outras... “Tudo seu azul, tudo céu, tudo azul e furta-cor/ Tudo, meu amor, tudo mel, tudo amor e ouro e sol/

Na televisão, na palavra, no átimo, no chão/ Quero essa mulher *solamente* pra mim, mas muito mais/ Rima, pra que faz tanto, mas tudo dor, amor e gozo”... Outras Palavras.

Acho que agora estou pronto para o Carnaval do mês que vem. Ao Grito do Planeta, a 30 mil km/s, aí vamos nós neste Abre Alas Solar... nos despedir das Crônicas Passadas e recomeçar outras li-ter-ápias, novas li-ter-aturas. (28/01/2015)

## AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Aos mais de 600 amigos da rede social “Facebook” que, durante março de 2014 e janeiro de 2015, interagiram declarada ou discretamente com a versão preliminar desses oitenta e oito “ensaios” de crônicas. Em especial, a especialíssima leitora Cristina Santana, intérprete assídua desse trabalho, até seu fechamento final. Meu muito obrigado a todos vocês, e aos que chegaram agora!

## SOBRE O AUTOR

Christian Dennys Monteiro de Oliveira é carioca da cidade de São Paulo e cearense na leitura de Brasil. Casado, pai de um casal de filhos e praticante de Hatha Yoga quando seu Cristianismo muito lhe desafia. Mas nas horas de missão profissional, faz valer sua formação de Geógrafo (licenciado, bacharel, mestre e doutor) pela Universidade de São Paulo, de Pós-doutor na Universidade de Sevilha e múltiplas habilidades acadêmicas como Professor e Pesquisador da Universidade Federal do Ceará. Porto seguro onde entre aulas, orientações e gestões, coordena o Laboratório de Estudos Geoeducacionais (LEGE), o Grupo de Pesquisa Comunicação Patrimonial e Representações do Espaço (COMPARE). Para além da UFC, encontra-se na Presidência da Comissão Brasileira de Justiça e Paz (CBPJ-CE) e na Diretoria do Sindicato de Professores da UFC (ADUFC). Quando a poeira disso tudo baixa, ele se torna um escritor de crônicas; sempre ansioso pela sua apreciação, (Im) Paciente Leitor (a).

## CONHEÇA OUTRAS OBRAS DA CIA DO EBOOK

8 rosas para Britney, de Gessé Pereira dos Santos

O canto do Acauã, de Ricardo Ferraz

Contabilidade fácil - Entenda o poder desta ferramenta, de Ignez Amélia Barbosa de Campos

Legislação Europeia de combate ao nazismo, doutrinas de ódio e discriminação racial, de Pedro Lima Marcheri

Urgências homeopáticas, de José Pêcego

Manual de orientação para gestores e servidores de autarquias, de Mário Lopes

Paralelepipedum, de Robson Soares da Silva

Entenda o boom imobiliário e a “bolha” psicológica, de Brahim Slimani

O mistério - A razão materialista e o paradigma transgressor da física quântica, de Manoel Belo

Doutorado na Argentina - Do medo ao reconhecimento no Brasil, de Alexandre C. Barbosa

Liliane foi pra lua, de Joaquim São Pedro

O palhaço de uma piada só, de Luiz Paulo Matias

## INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para receber informações sobre nossos lançamentos, cadastre seu email em nosso site:

[www.ciadoebook.com.br](http://www.ciadoebook.com.br)